

Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós

Estudo de morfologia social

Propomo-nos estudar aqui a morfologia social das sociedades esquimós. Sabe-se que designamos¹ por essa palavra a ciência que estuda, não apenas para descrevê-lo mas também para explicá-lo, o substrato material das sociedades, isto é, a forma que elas ostentam ao se estabelecerem no solo, o volume e a densidade da população, a maneira como esta se distribui, bem como o conjunto das coisas que servem de base para a vida coletiva.

Mas o fato de nosso trabalho ter por objeto uma população geográfica determinada não significa que se deva considerá-lo como um estudo de pura etnografia. Nossa intenção não é de modo algum reunir, numa monografia descritiva, as particularidades diversas que pode apresentar a morfologia dos povos esquimós. Ao contrário, queremos estabelecer, a propósito dos Esquimós, contribuições de uma certa generalidade. E, se tomamos como objeto especial de nosso estudo essa notável população,² é que as relações para as quais queremos chamar a atenção estão ali como que amplificadas, apresentando caracteres mais

1. Ver *Année Sociologique*, nota de Durkheim, v. 2, 1899: 520-ss, e os anos seguintes (seção vi). 2. Dizemos "população" na falta de palavra melhor. De fato, seria perfeitamente inexato falar de uma nação, da qual as tribos esquimós, elas próprias mal delimitadas, jamais tiveram sequer o embrião. Mas seria também perfeitamente inexato imaginar entre as tribos desse grupo, pouco numerosas (seu número é calculado em apenas 60 mil indivíduos, cf. H. Rink 1887-91: 31-ss, e esses números não foram desmentidos por pesquisas posteriores), diferenças como as que separam entre si as tribos das outras populações ditas primitivas. A civilização inteira, assim como a raça, é de uma notável uniformidade. Sobre a unidade da raça, ver Rink, *ibid.*: 8-ss, e Bahnson 1894, I: 223. Sobre a unidade da língua, ver Rink *ibid.*, II: 6-ss. (não admitimos, naturalmente, todas as hipóteses de Rink) e sobretudo o excelente livro de M. W. Thalbitzer (1904: 225-ss). Essa unidade era um fato bem conhecido dos mais antigos exploradores e serviu de base para as instruções de Franklin e de seus sucessores. Cf. Franklin 1823: 43; Miertsching 1856: 37, p. 42; Markham 1875a: 151. Sobre a unidade da situação material e moral, o livro de Murdoch (1892) é rico de informações. O de H. P. Steensby >

acusados que permitem compreender claramente sua natureza e seu alcance. Fica-se assim melhor preparado para percebê-las mesmo nas sociedades em que elas são menos imediatamente visíveis, em que a trama formada pelos outros fatos sociais as dissimula mais ao observador. Sob esse aspecto, o que faz dos Esquimós um campo de estudo privilegiado é o fato de sua morfologia não ser a mesma nos diferentes momentos do ano: conforme as estações, a maneira como os homens se agrupam, a extensão, a forma de suas casas, a natureza de suas instituições mudam completamente. Essas variações, cuja amplitude excepcionalmente considerável veremos mais adiante, permitem estudar em condições particularmente favoráveis a maneira pela qual a forma material dos agrupamentos humanos, isto é, a natureza e a composição de seu substrato, afeta os diferentes modos da atividade coletiva.

Talvez se julgue que uma única população constitui uma base muito estreita para um estudo em que se busca estabelecer proposições que não se aplicam unicamente a um caso particular. Mas, em primeiro lugar, convém não perder de vista que os Esquimós ocupam uma imensa área litorânea, quando não de territórios.³ Há, não uma, mas várias sociedades esquimós⁴ cuja civilização é bastante homogênea para que elas possam ser utilmente comparadas, e bastante diversificada para que essas comparações sejam fecundas. Além disso, é um erro pensar que o crédito que merece uma proposição científica depende estritamente do

> (1905) é mais especialmente dedicado à civilização material e constitui uma excelente demonstração do fato que indicamos neste momento. Um certo número de trabalhos etnográficos especiais são também importantes; são os: de O. Mason 1896; de Murdoch 1884, sobretudo p. 869, e 1885: 307-16; de Rink e Boas, sobre as lendas, 1889: 122-ss; 1904: 1-14; cf. id. 1901: 355-ss. Os diferentes grupos esquimós têm uma única mitologia, uma única tecnologia, uma única organização social, uma única língua; há apenas diferenças dialetais no que se refere à língua, e variações práticas no que se refere ao restante de seus traços coletivos. O presente trabalho servirá também para demonstrar que eles têm também uma única morfologia. A comparação e a generalização serão, com isso, infinitamente facilitadas e garantidas. 3. Ver mais adiante, p. 431. 4. Não podemos fornecer uma enumeração das sociedades esquimós com seus nomes. Contentamo-nos em indicar os principais trabalhos que se ocuparam dessa questão de nomenclatura geográfica. São, a começar pelo Alaska: os de Dall 1872, 1: 180-ss; e 1877, 1: 1-8; de Porter e de Wells & Kelly citados mais adiante, p. 432, n. 24; o de Petitot 1872: XIII-ss; de Boas 1884-85: 414-ss. Como se verá, os diversos grupos do Labrador e da Groenlândia não parecem ter nomes tribais (cf. mais adiante, p. 435). O mapa melhor e mais explicativo que qualquer enumeração é o de Thalbitzer 1904.

número de casos em que se julga poder verificá-la. Quando uma relação foi estabelecida num caso, mesmo único, mas metódica e minuciosamente estudado, sua realidade é bem mais segura do que quando, para ser demonstrada, ela é ilustrada com fatos numerosos, mas discordantes, com exemplos curiosos, mas confusamente tomados de sociedades, raças, civilizações as mais heterogêneas. Stuart Mill disse alhures que uma experiência bem feita é suficiente para demonstrar uma lei: ela é infinitamente mais demonstrativa do que muitas experiências mal feitas. Ora, essa regra de método aplica-se à sociologia assim como às outras ciências da natureza. Aliás, indicaremos, no final deste trabalho, alguns fatos que mostrarão que as relações que vamos constatar entre os Esquimós não são desprovidas de generalidade.

Ao tratar dessas questões, somos levados a especificar nossa posição em relação aos métodos praticados pela disciplina especial que adotou o nome de antropogeografia.⁵ Os fatos que ela examina são claramente, num certo sentido, do mesmo gênero que os que iremos abordar. Ela também se propõe estudar o modo de repartição dos homens na superfície do solo e a forma material das sociedades, e não se poderia contestar sem injustiça que as pesquisas que ela empreendeu nessa direção trouxeram resultados importantes. Portanto, nada mais distante de nosso pensamento do que depreciar seja as descobertas positivas, seja as sugestões fecundas que devemos a essa brilhante plêiade de trabalhadores. Ao conceber as sociedades apenas como grupos de homens organizados em pontos determinados do globo, não cometemos o erro de considerá-las como se fossem independentes de sua base territorial; é claro que a configuração do solo, sua riqueza mineral, sua fauna e sua flora afetam a organização delas. Mas, por serem especialistas da geografia, os cientistas dessa escola foram naturalmente induzidos a ver as coisas de que se ocupam sob um ângulo muito particular; em razão

5. Sabe-se que o fundador dessa disciplina foi Ratzel, cujos principais trabalhos: *Anthropogeographie*, 1ª parte, 2ª ed., 1899, 11ª parte, 1ª ed., 1891, *Politische Geographie*, 1897, são mencionados aqui, bem como outros trabalhos no mesmo espírito. Ver *A.S.*, v. 2: 522; 3: 559; 4: 565; 6: 539-ss, 8: 612, 620. (Cf. um resumo, por Ratzel, *A.S.*, v. 3: 9. Encontrar-se-á em *Anthropogeographie*, 1: 579, uma bibliografia exaustiva desses trabalhos até 1899; bibliografia continuada na rubrica Geografia humana em *Bibliographie des Annales de Géographie*. Os mais importantes dos trabalhos recentes dessa escola são os da Escola francesa de Vidal de la Blache, de Martonne, Brunhes, Demangeon. Sobre a geografia humana, suas relações com a geografia da vida, ver *Rev. de Synth. Histor.*, III, 1903: 219-40.)

mesmo dos estudos aos quais se dedicam, eles atribuíram ao fator telúrico uma preponderância quase exclusiva.⁶ Em vez de estudarem o substrato material das sociedades em todos os seus elementos e em todos os seus aspectos, é sobretudo e antes de tudo o solo que concentra sua atenção; é ele que está no primeiro plano de suas pesquisas, e tudo que os diferencia dos geógrafos comuns é que eles consideram o solo mais especialmente em suas relações com a sociedade.

Por outro lado, eles atribuíram a esse fator não se sabe que perfeita eficácia, como se ele pudesse produzir os efeitos que, por suas meras forças, implica,⁷ sem precisar concorrer com outras que o reforcem ou o neutralizem, em totalidade ou em parte. Basta, por assim dizer, abrir os livros dos antropogeógrafos mais reputados para ver essa concepção traduzir-se no próprio título dos capítulos: o solo é tratado, sucessivamente, em suas relações com a habitação, em suas relações com a família, em suas relações com o Estado etc.⁸ Ora, na realidade, o solo só age misturando sua ação à de inúmeros outros fatores dos quais é inseparável. Para que determinada riqueza mineral leve os homens a se agrupar em determinado ponto do território, não basta que ela exista; é preciso ainda que o estado da técnica industrial permita sua exploração.

6. Naturalmente não podemos levar em conta, numa exposição tão curta, trabalhos de um gênero ainda mal classificado, e que se aproximam mais da sociologia que da geografia, por serem sobretudo trabalhos de geografia histórica, com considerações de filosofia geográfica da história social, tais como: os de Ramsay 1902: 257-ss; de Mackinder 1904: 421-ss, e sobretudo o *Tableau de la Géographie de la France*, por Vidal de la Blache (1903), cf. C. F. de M. Vacher, *A.S.*, v. 8: 613. Também não levamos em conta certos esboços, feitos principalmente por etnógrafos norte-americanos, e que se aproximam ainda mais do que vamos tentar aqui. Trata-se sobretudo de mostrar a ação imediata do meio físico sobre a vida social, especialmente técnica e religiosa; ver em particular as lições de Mac Gee, Mason e outros em *Report of the U. S. National Museum*, 1895: 741-ss. 7. O último dos geógrafos dessa escola, e também o único que não adere a esse costume, Demangeon (1905: 455-56) acredita, com efeito, que é por intermédio da sociedade que o solo age sobre o homem. Ele se aproxima assim de nossa teoria, ou, se quiserem, nos aproximamos da dele, embora ele nem sempre a aplique. Uma comparação nos fará compreender melhor. J. Davis, num curioso artigo (1903: 413-ss), propõe à geografia ser explicativa da vida humana que a terra suporta. Ele tenta representar por um esquema interessante as linhas de correlações que a geografia tem por finalidade traçar, e os planos que essas linhas atravessam. A nosso ver, um desses planos é, precisamente e sempre, a sociedade, e é ao atravessarem a sociedade que as condições telúricas vão afetar, pela massa social, o indivíduo. 8. Esse é o plano do 1º volume da *Anthropogeographie* de Ratzel, o mais propriamente sociológico dos dois. Cf. *A.S.*, v. 3, o resumo do próprio Ratzel.

Para que os homens se aglomerem, em vez de viver dispersos, não basta que o clima ou a configuração do solo os convidem a isso, é preciso ainda que sua organização moral, jurídica e religiosa lhes permita a vida aglomerada.⁹ Longe de a situação propriamente geográfica ser o fato essencial sobre o qual devemos fixar os olhos quase exclusivamente, ela constitui apenas uma das condições de que depende a forma material dos agrupamentos humanos; e, na maioria das vezes, tal situação só produz seus efeitos por intermédio de múltiplos estados sociais que ela começa por afetar, e que são os únicos que explicam a resultante final. Em uma palavra, o fator telúrico deve ser relacionado com o meio social em sua totalidade e sua complexidade. Ele não pode ser isolado. Do mesmo modo, quando estudamos seus efeitos, é em todas as categorias da vida coletiva que devemos acompanhar as repercussões.¹⁰ Todas essas questões não são portanto questões geográficas, mas propriamente sociológicas; é dentro de um espírito sociológico que iremos abordar aquelas que são o objeto deste trabalho. Se em vez da palavra antropogeografia preferimos a expressão morfologia social para designar a disciplina à qual pertence este estudo, não é por um gosto vão de neologismo; é que essa diferença de rótulo traduz uma diferença de orientação.

Aliás, embora a questão da antropogeografia dos Esquimós tenha muito freqüentemente atraído os geógrafos, sempre curiosos dos problemas colocados pelas regiões polares, o assunto que irá nos ocupar raramente é tratado em seus trabalhos, a não ser de forma incidental e fragmentária. As duas obras mais recentes são as de Steensby, *Om Eskimo Kulturens oprindelse* (1905), e de Riedel, *Die Polarvölker. Eine durch naturbedingte Züge charakterisierte Völkergruppe* (1902). O primeiro, que

9. Assim, o aumento de população em Meurthe-et-Moselle é devido não apenas à existência de minas, de canais etc., mas também à descoberta do tratamento de piratas de ferro e ao protecionismo. 10. Para fazer compreender bem nosso ponto de vista, toda uma crítica dos trabalhos recentes nos seria naturalmente necessária. Em nossa opinião, os fenômenos morfológicos não apenas não se limitam a certos fenômenos jurídicos como os que Brunhes, por exemplo, indicou a propósito do regime das águas e dos direitos de irrigação, mas se estendem às esferas mais elevadas da fisiologia social (cf. Durkheim 1893: 252-ss, cf. Durkheim e Mauss 1901-02: 75-ss). Além do mais, é por intermédio de fenômenos fisiológicos ou graças à ausência desses fenômenos que os fatores telúricos produzem seu efeito. Assim, quando se associa, como o faz De Martonne (1896), o nomadismo à estepe, esquece-se que a estepe nilótica é em parte cultivável, e que é a ausência de qualquer técnica agrícola que mantém alguns povos em estado de nomadismo.

é também o melhor, é antes um estudo de etnografia; tem por principal objeto marcar a unidade da civilização esquimó e investigar sua origem, que o autor acredita encontrar fora dos próprios Esquimós, mas sem que a tese se apóie em provas muito convincentes. O outro livro é mais exclusivamente geográfico; contém uma boa descrição, dentre as que nos foram dadas até agora, das tribos esquimós e de seu habitat. Mas nele encontramos, de uma forma exagerada que não é surpreendente numa dissertação de aluno, a teoria da ação exclusiva do fator telúrico. Quanto a outros trabalhos publicados, eles tratam quase unicamente do problema das migrações. São os de Hassert,¹¹ Boas,¹² Wachter,¹³ Issachsen,¹⁴ Faustini.¹⁵ A terceira parte do trabalho de Mason¹⁶ sobre os meios de transporte refere-se mais especialmente aos Esquimós, mas é um estudo sobretudo tecnológico, principalmente dedicado aos meios de transporte e de viagem.

Por fim, Steensby é praticamente o único a dar alguma atenção à questão especial das variações sazonais da morfologia esquimó; para tratá-la, portanto, não teremos outro recurso senão os dados imediatos dos observadores.¹⁷

11. Hassert 1895. Esse trabalho trata sobretudo da origem asiática e das questões de adaptação ao solo. Hassert 1902, aperfeiçoa esse primeiro trabalho. 12. Cf. Boas 1893. 13. Cf. Wachter 1898. 14. Cf. Issachsen 1903: 75-79. O capitão Issachsen teve o mérito de emitir e de demonstrar, por sua exploração do North-Devon, a hipótese mais provável sobre o povoamento da Groenlândia ocidental. Cf. Sverdrup, *Nyt Land*, 1904, II: 275, de *New Land*, II: 212. 15. Cf. Faustini 1903: 28. Cf. Compte Rendu, in *Geogr. Jour.*, 1904, XXI: 392. Faustini divide, com boas razões, os Esquimós em dois ramos, um do Sudoeste, outro do Norte, que teriam se separado nas imediações do cabo Nome, no Alaska. 16. Mason 1896. 17. É útil dar aqui uma bibliografia sumária dos principais trabalhos que utilizamos, nem que seja para permitir citá-los abreviadamente daqui por diante. Bibliografia mais completas e exaustivas serão encontradas em Pilling 1893, e em Steensby 1905: 207-ss. Os mais antigos trabalhos sobre a Groenlândia estão entre os melhores; são, entre outros: H. Egede, *Det Gamle Grønlands Nye Perustration*, 1741 (também consultamos as edições anteriores, mas esta é a que designaremos sob a abreviação de "Egede 1741"); há uma boa tradução francesa dessa obra, publicada por D. R. P. (Des Roches de Parthenay) em 1763, em Genebra, sob o título de: *Description et Histoire Naturelle de Groenland*; D. Cranz, *Histoire von Grönland*, 1745 (única boa edição, inglesa, menos rara, *Description of Greenland*, 1757), dedicada às tribos mais meridionais, constitui uma fonte relativamente independente; citaremos a primeira simplesmente pelo nome do autor. Vêm a seguir os livros de Rink que são, além dos já citados, *Grönland, geografisk og statistisk beskrevet*, 1852-57; *Grönlandsk Eskimoiske Eventyr og Sagn.*, 1856, trad. ingl., *Tales and Traditions of the Eskimo*, 1875. Todas essas obras referem-se aos Esquimós da Groenlândia ocidental. O principal trabalho dedicado aos Esquimós orientais é o de Holm, 1888, v. x (= Holm). O conjunto das publicações da "Comission >

1. Morfologia geral

Mas, antes de examinarmos que formas especiais apresenta a morfologia dessas sociedades nos diferentes momentos do ano, precisamos primeiro determinar quais seus caracteres constantes. Apesar das mudanças que ocorrem, há certos traços fundamentais que permanecem sempre os mesmos e dos quais dependem as particularidades variáveis que nos ocuparão a seguir. A maneira como as sociedades esquimós fixaram-se ao solo, o número, a natureza, o tamanho dos grupos elementares de que elas são compostas, constituem fatores imutáveis, e é sobre esse fundo permanente que se produzem as variações periódicas que adiante teremos de descrever e explicar. Portanto, é esse fundo que devemos primeiro conhecer. Em outros termos, antes de fazer sua morfologia sazonal, precisamos constituir, no que ela tem de essencial, sua morfologia geral.¹⁸

Os Esquimós estão atualmente¹⁹ situados entre 78° 8' de latitude norte (assentamento de Itah, estreito de Smith na costa noroeste da

> for Ledelsen af de Geologiske og Geografiske Undersøgelser i Grønland" é dos mais preciosos; essa comissão nos presenteou com um exemplar de todas elas, e agradecemos aqui sua generosidade (citado *Meddel. Grl.*). Sobre os Esquimós do Labrador temos somente fontes esparsas que não merecem ser citadas aqui; a única monografia é sobre os do sul do estreito de Hudson. L. M. Turner 1889-90 (= Turner). – Sobre os Esquimós centrais os melhores documentos são, por ordem de data: W. E. Parry 1824 (= Parry) e G. F. Lyon 1824 (= Lyon). Os dois relatos se ocupam sobretudo da tribo que passou dois invernos seguidos na estação de Iglouluk. Vêm a seguir os documentos de Hall, infelizmente sujeitos a caução e, em parte, muito mal publicados; os da expedição de Schwatka, sobretudo o relato de Klutschak 1881 (= Klutschak) e, por fim, as duas monografias de F. Boas, "The Central Eskimo", 1884-85, e "The Eskimo of Baffin Land and Hudson Bay", 1901. – Sobre os Esquimós do Mackenzie temos apenas informações esparsas e duas obras pouco confiáveis de P. Petitot, uma delas, *Monographie des Esquimaux Tchiglit*, 1872. – As publicações voltam a ser abundantes quando chegamos ao Alaska. Mas as melhores e as únicas que utilizaremos constantemente são: J. Murdoch 1887-88 (= Murdoch), e E. W. Nelson 1899 (= Nelson). – As outras publicações serão citadas oportunamente. Em todo caso, se não é possível dizer, como foi dito, que os Esquimós são a família de povos mais bem conhecida, é preciso convir que dispomos a respeito dela de um *corpus* de monografia geral relativamente satisfatório. **18.** Encontrar-se-á em Steensby 1905: 50-ss, um grande número de dados de morfologia geral sobre cada grupo de tribos consideradas separadamente. **19.** Sobre a extensão da civilização esquimó no passado, ver Steensby 1905: 23-ss, p. 50-ss. O ponto mais extremo ao norte que se descobriu ter sido habitado é no paralelo 83, perto do lago Hazeu (T. de Grinnel). Ver Greely 1875, I: 379-83. Todo o arquipélago setentrional foi povoado. Encontrar-se-á em Markham 1875a: 140-ss, uma lista das ruínas constatadas pelas viagens >

Groenlândia)²⁰ e 53° 4' ao sul, na baía de Hudson (costa oeste), limite extremo que eles atingem regularmente, mas onde não permanecem.²¹ Na costa do Labrador, vão aproximadamente até 54° e, no Pacífico, até 56° 44'²² de latitude norte. Cobrem assim um espaço imenso de 22 graus de latitude e cerca de 60 graus de longitude, que se estende até a Ásia, onde têm um assentamento (o de East Cape).²³

Mas dessa vasta região, tanto na Ásia quanto na América, eles ocupam apenas as costas marítimas. Os Esquimós são essencialmente um povo costeiro. Somente algumas tribos do Alaska habitam terras do interior:²⁴ são as que se estabeleceram no delta do Yukon e no do Kuskokwim; ainda assim podem ser consideradas como situadas na parte marítima dos rios.

Mas podemos especificar ainda mais. Os Esquimós não são somente povos costeiros; são povos de falésia, se empregarmos essa palavra para designar toda extremidade relativamente abrupta da costa junto ao mar. É que, de fato — e é o que explica a diferença profunda que separa os Esquimós de todos os outros povos hiperbóreos²⁵ —, as costas que

> anteriores a 1875. Ao sul, o ponto extremo alcançado foi Terra Nova e Novo Brunswick. Em Terra Nova, no século XVIII, os Esquimós passavam regularmente o verão. Cf. Cartwright 1792: 11; Packard 1891: 245; Cranz 1770: 301-13. Por outro lado, toda a parte meridional da baía de Hudson parece ter sido igualmente povoada pelos Esquimós. Cf. A. Dobbs 1744: 49. Junto ao Pacífico, eles provavelmente ocuparam a costa americana até o rio Stikine; ver Dall 1877: 21. É muito significativo que mesmo essa imensa extensão antiga tenha sido, ela também, exclusivamente costeira. 20. Sobre a tribo de Itah, ver Kane 1856; Hayes 1860; 1867 (2ª viagem); Bessels, 1875 (a edição por Davis das notas do diário de Hall é sem valor); Peary, sobretudo *Northward over the Great Ice* (1898); Kroeber 1896, XII: 246-ss; o livro recém publicado de Knud Rasmussen 1905, nos oferece um conjunto de fatos inteiramente novos. 21. Turner: 176. 22. Ilha de Kadiak. Consideramos as Aleutas como formando um ramo muito afastado da civilização esquimó, e portanto não o levamos em consideração; assim também, consideramos como mesclados os Kaniagmiut, habitantes da ilha de Kadiak, cf. Pinart 1873: 12-ss. 23. Sobre os Yuit ou Yuin, de East Cape, com frequência erroneamente confundidos com os Chukchi da Península, ver Nordenskiöld 1883-85: 22-ss. Krause (irmãos), in *Geographische Blätter* (1884). 24. Em parte alguma nos é dada uma boa enumeração; mas podemos compor uma com o auxílio das descrições de Porter e de seus recenseadores, Schultze e Woolfe; ver Porter 1893: 99-152, 166-ss. A tribo dos Kopafmiut, que Petroff (1884: 121) descreve como habitando o interior das terras entre o Kotzebue Sound e o Colville, é uma pura invenção, cf. Murdoch: 47, n. 7; cf. Steensby 1905: 120; a confusão se explica pelo fato de se ter confundido os Kowagmiut como os Nunatagmiut, tribo mesclada que, de fato, recentemente passou a estender suas viagens da margem norte do Kotzebue às bordas do oceano Ártico, cf. Wells & Kelly (1890, n. 165), sobre os Nooatakamute (povo de terras arborizadas), p. 14, cf. Mapa. 25. Os habitantes da costa >

eles ocupam, com exceção dos deltas e praias sempre mal conhecidos da Terra do rei Guilherme, têm todas um mesmo caráter: uma margem mais ou menos estreita de terra traça os limites de um planalto que se inclina mais ou menos bruscamente em direção ao mar. Na Groenlândia, a montanha pende sobre o mar, e o imenso glaciário que se dá o nome de *Inlandsis* (gelo do interior) deixa apenas uma faixa montanhosa cuja parte mais larga (larga por causa dos fiordes e não por ela mesma) não mede mais que 140 milhas. Além disso, essa faixa é cortada pelos despejos, sobre o mar, das geleiras interiores. Os fiordes e as ilhas dos fiordes são os únicos lugares protegidos contra os fortes ventos e, portanto, com uma temperatura suportável; só eles oferecem campos de pastagem aos animais de caça, bem como águas piscosas, facilmente acessíveis, onde animais marinhos vêm alimentar-se e são capturados.²⁶ Assim como a Groenlândia, a península de Melville, a terra de Baffin, as costas setentrionais da baía de Hudson apresentam também litorais muito recortados e escarpados. O planalto interior, se não é ocupado por glaciares, é varrido pelo vento e está sempre coberto de neve; praticamente só é habitável uma faixa de praias, de profundos vales que levam a lagos glaciais.²⁷ O Labrador tem o mesmo caráter, com um clima interior ainda mais continental.²⁸ Os terrenos laurencianos do norte do Canadá e da Boothia Felix terminam mais suavemente numa certa extensão, sobretudo na enseada Bathurst; mas, como nas outras regiões, o planalto interior reduz a espaços relativamente mínimos a extensão que, considerando-se apenas o mapa, pareceria dever ser habitável.²⁹ A costa a leste do Mackenzie oferece o mesmo aspecto na extremidade das montanhas rochosas até o cabo gelado no estreito de Behring. A partir desse ponto, até a ilha de Kadiak, limite meridional da zona esquimó, esta é alternadamente constituída pela tundra dos deltas e pela queda das montanhas ou do planalto.³⁰

Mas se os Esquimós são povos costeiros, a costa não é para eles o que sói ser comumente. Ratzel³¹ definiu as costas de uma maneira geral

> asiática do oceano glacial são, de fato, habitantes de tundras. 26. Uma das melhores descrições da Groenlândia é ainda a do velho Egede 1741: 1-ss; de Dalager 1752; ver sobretudo Kornerup 1880: 87. 27. Boas 1884-85: 414-ss. 28. Stearns, *The Labrador*: 22-ss. 29. A melhor descrição é a mais recente, Hanbury 1904: 64-ss, cf. 1898. As expedições anteriores de Richardson, de Rae, de Dease e Simpson foram todas expedições de canoa em que a costa só foi vista de longe e nos apontamentos. 30. Para uma boa descrição da costa do Alaska, pode ser consultado ainda Beechey 1821 e 1901. 31. Entre outros, Ratzel 1882-91, I: 286.

como “pontos de comunicação entre o mar e a terra, ou então entre esta e outras terras mais distantes”. Esta definição não se aplica às costas que os Esquimós ocupam.³² Entre elas e as terras situadas detrás há geralmente muito pouca comunicação. Nem os povos do interior vêm à costa para estadias duradouras,³³ nem os Esquimós invadem o interior.³⁴ A costa é aqui exclusivamente um habitat: não é um lugar de passagem, um ponto de transição.

Depois de ter assim descrito o habitat dos Esquimós, precisamos saber como esses povos estão distribuídos na superfície que ocupam, isto é, de que grupos particulares são compostos, qual o número, o tamanho e a disposição deles.

Em primeiro lugar, teríamos que saber quais são os grupos políticos cuja reunião forma a população esquimó. São os Esquimós agregados de tribos distintas ou são uma nação (confederação de tribos)? Infelizmente, além da falta de precisão dessa terminologia usual, ela é, no nosso caso, de difícil aplicação. A composição da sociedade esquimó tem, nela mesma, algo de impreciso e flutuante, não sendo fácil distinguir de quais unidades definidas ela é formada.

Um dos sinais mais certos pelos quais se reconhece uma individualidade coletiva, tribo ou nação, é uma linguagem distintiva. Mas entre os Esquimós verifica-se uma notável unidade lingüística em espaços consideráveis. Quando somos informados sobre as fronteiras dos diversos dialetos³⁵ – e isso só acontece excepcionalmente –, é impossível estabelecer uma relação definida entre a área de um dialeto e a de um

32. É verdade que Ratzel define, noutra local, os Esquimós como sendo *Randvölker*, povos da beira do “Ecúmeno”, id. *ibid.*, 1: 35: 75-ss. Mas essa noção sobre a qual ele se estende é puramente descritiva. Em todo caso, ela não explica o que pretende explicar, a saber, a enorme extensão e a pequena densidade da população esquimó. 33. Naturalmente, não se trata aqui da Groenlândia, coberta em seu centro por um imenso glaciário, nem do conjunto do arquipélago ártico, povoado apenas pelos Esquimós. 34. Os únicos lugares onde um contato regular foi estabelecido entre índios e Esquimós são: 1) a foz do Mackenzie, ver Anderson 1831; Franklin 1821: 48 etc.; Petitor 1884: 35, 37-ss; convém assinalar que as trocas e reuniões são sobretudo causadas pela presença do comércio com os brancos; 2) o alto Yukon, cf. Porter 1880: 123, cabendo também assinalar que as tribos do alto Yukon estão sob influência branca e são fortemente mescladas com índios ditos Ingalik. 35. Sobre a unidade lingüística, ver as obras citadas mais acima. Todavia, é muito significativo que, na região cuja língua é a melhor conhecida, a Groenlândia ocidental, distingam-se apenas dois dialetos, um meridional, o outro setentrional, separados por diferenças bastante grandes (cf. Thalbitzer 1904: 396-ss), e que Schultz (1904: 302-ss) nos fale precisamente de uma antiga diferença sentida pelas >

grupo determinado. Assim, no norte do Alasca, dois ou três dialetos estendem-se por dez ou doze grupos que certos observadores acreditaram distinguir e aos quais dão o nome de tribos.³⁶

Um outro critério, distintivo da tribo, é o nome coletivo que todos os seus membros possuem. Mas a nomenclatura é manifestamente, nesse ponto, de uma extrema indeterminação. Na Groenlândia, não nos é dado nenhum nome que se aplique a uma tribo propriamente dita, isto é, a uma aglomeração de assentamentos locais ou de clãs.³⁷ Quanto ao Labrador, além de os missionários morávios não nos conservarem nenhum nome próprio, os únicos que possuíamos para o distrito de Ungava (estreito de Hudson) são expressões cujo sentido é extremamente vago, e não verdadeiros nomes próprios (povos de longe, povos das ilhas etc.).³⁸ É verdade que noutros lugares encontramos nomenclaturas mais claramente definidas.³⁹ Mas, exceto na terra de Baffin e na costa oeste da baía de Hudson, onde as denominações empregadas parecem ser constantes e são registradas identicamente por todos os autores,⁴⁰ em toda parte há graves divergências entre os observadores.⁴¹

> duas populações, diferença agora apagada. Quanto às informações divergentes, pouco numerosas, que falam da impossibilidade de tribos esquimós afastadas compreenderem-se, elas se baseiam inteiramente em notas fortuitas de observadores mal informados, e incapazes de esperar o tempo necessário para ver se operar a sutura entre os dialetos. 36. Falamos sobretudo do distrito, dito Ártico, do Alasca, v de Petroff, vii de Porter. Ora, não apenas a nomenclatura das tribos dada por Dall (1877, I: 37-ss) não é idêntica à de Petroff (1880: 15-ss e p. 125), que no entanto contribuiu para seu estabelecimento, como também a de Porter (Woolfe 1890) difere dela completamente; além disso, entre Porter e seu correspondente há divergências (cf. p. 62 e p. 142). Enfim, encontrar-se-á em Wells & Kelly 1890, um quadro ainda mais divergente dos dialetos e de suas relações com as tribos, pp. 14, 26 e 27, com um excelente mapa, evidentemente muito aproximativo. 37. Os únicos nomes próprios que encontramos são os nomes de lugar; mesmo assim, não nos é dito que eles comportam a adição do sufixo *miut*, que designa os habitantes de um lugar (ausente da lista de afixos dados por Rink 1887-91, I: 65, mas que aparece em id. 1875: 20, sem que seu uso seja especificado aos habitantes do lugar). Aliás, qualquer vínculo entre os diferentes "*wintering places*" nos é dito inexistente, *ibid.*: 23. 38. Turner: 179-ss: Iliwynmiut (povos do Norte), Koksoagmiut (povos do Koksoak, rio) etc. 39. Ver as nomenclaturas de Richardson 1851, II: 87; 1861: 299. 40. Ver os mapas dados pelos Esquimós a Parry, e por ele reproduzidos, p. 370-ss, nos quais, se não há fronteiras indicadas, há pelo menos áreas definidas de nomadismo; enfim, e sobretudo, Boas 1884-85: 419-60, e o mapa do qual reproduzimos uma parte mais adiante, p. 468. As nomenclaturas de Parry e de Richardson, e as de Boas, são idênticas às de C. Hall (1864) para a baía de Frobisher e o Cumberland Sound, e à do mesmo Hall para o oeste da terra de Baffin e da baía de Hudson. Sobre as fronteiras, na terra de Baffin, ver Boas 1884-85: 421, p. 463 (Nugumiut considerados como *estrangeiros* no Cumberland Sound), p. 444 (Padlirmiut >

Mesma indecisão no que se refere às fronteiras. É por aí, no entanto, que mais nitidamente se mostra a unidade de um grupo político que tem consciência de si. Ora, elas são mencionadas apenas uma vez e a propósito de partes da população esquimó que são as menos conhecidas.⁴² As guerras tribais são uma outra maneira, para uma tribo, de afirmar sua existência e o sentimento que tem de si mesma; mas tampouco as conhecemos, exceto nas tribos alasquianas e centrais que, aliás, têm uma história.⁴³

De todos esses fatos, certamente não devemos concluir que a organização tribal é completamente estranha aos Esquimós.⁴⁴ Ao contrário, estamos diante de um certo número de agregados sociais que parecem ter alguns dos traços geralmente considerados como pertencentes à tribo. Mas vimos também que, na maior parte do tempo, esses agregados têm formas muito incertas, muito inconsistentes; percebe-se mal onde começam e onde terminam; eles parecem misturar-se uns aos outros e formar entre si combinações proteiformes; raramente vemos organizarem-se para uma ação comum. Portanto, se a tribo não é existente, ela com certeza não é a unidade social, sólida e estável, sobre a qual repousam os agrupamentos esquimós. Ela não constitui, para falar com exatidão, uma unidade territorial. O que a caracteriza é sobretudo a constância de certas relações entre grupos aglomerados e entre os quais as comunicações são fáceis, e não o domínio de um grupo único

> não se aproximam dos territórios de caça [de verão] dos Talirpingmiut e dos Kingnamiut). Contudo, os mapas dessas fronteiras dadas por Boas têm apenas um valor convencional, sobretudo por indicarem as áreas de circulação no interior como se fossem verdadeiras áreas de povoamento. Sobre as fronteiras na península Melville, na baía de Hudson e no Back River, temos um conjunto de afirmações de Richardson; ver n. 4 de Schwatka, in Gilder 1880: 38-ss, Klutschak: 66, 68, 227, e *Deut. Rund. F. Geogr. U. Stat.*, 111: 418-ss, mas contrariando o que diz Boas 1884-85: 466. 41. Assim, no que se refere ao Alaska, mesmo num grupo único de observadores, os que passaram pelo estreito de Behring entre 1880 e 1890, não há unanimidade. Cf. nomenclatura de Petroff 1880: 15, comparada à resumida de Porter: 164; à de Nelson: 13-ss. e mapa, e a de Nelson comparada à de Woolfe, de Schanz e depois Porter, *Rep. Al.*: 108, e à de Jacobsen, in Woldt 1886: 166-ss. 42. Richardson 1851, II: 128, cita o texto de Simpson sobre territórios de caça e terras reservadas às famílias na Ponta Barrow (1875: 238). Murdoch: 27, diz não ter podido constatar esse fato. 43. Sobre essas guerras, na terra de Baffin e a oeste da baía de Hudson, ver Kumlien 1877-78: 28, quase contra Boas 1884-85: 461, 465, que no entanto oferece fatos contrários em Boas 1901: 18, 27; no Alaska, ver sobretudo Wells & Kelly 1890: 13, 14, história dos Nunatagmiut, cf. p. 25; e Petroff 1880: 128 etc., cf. Nelson: 127, 3. 44. Um grupo da terra de Baffin, o dos Oqomiut, parece mesmo compor-se de um conjunto de agregados tribais, cf. Boas 1884-85: 424.

sobre um território com o qual se identifica e que fronteiras definidas distinguem claramente de grupos diferentes e vizinhos. O que separa as tribos esquimós umas das outras são extensões desertas, desprovidas de tudo, dificilmente habitáveis, cabos impossíveis de dobrar em qualquer tempo, e a raridade das viagens que disso resulta.⁴⁵ É significativo que o único grupo que dá a impressão de ser uma tribo propriamente dita seja o dos Esquimós do estreito de Smith, que circunstâncias geográficas isolam completamente de todos os outros grupos, e cujos membros, embora ocupando um imenso espaço, formam, por assim dizer, uma única família.⁴⁶

A verdadeira unidade territorial é muito mais o *assentamento* (*settlement*).⁴⁷ Designamos assim um grupo de famílias aglomeradas unidas por laços especiais e que ocupam um habitat no qual estão desigualmente distribuídas nos diferentes momentos do ano, como veremos, mas que constitui seu domínio territorial. O assentamento é o conjunto das habitações, dos lugares de acampamento e de caça, marinha e terrestre, que pertencem a um número determinado de indivíduos, ao mesmo tempo que o sistema de caminhos e trilhas, canais e portos que esses indivíduos usam e onde se encontram constantemente.⁴⁸ Tudo isso forma um todo que tem sua unidade, com todos os caracteres distintivos pelos quais se reconhece um grupo social limitado.

1) O assentamento tem um nome constante.⁴⁹ Enquanto os outros nomes, tribais ou étnicos, são incertos e diferentemente registrados pelos autores, este é claramente localizado e sempre atribuído de forma idêntica. Isso poderá ser verificado aproximando a tabela que oferecemos mais adiante dos assentamentos do Alaska à que é dada por Petroff. Essas tabelas (exceto em relação ao distrito dito Ártico) não apresentam variações sensíveis, ao passo que a nomenclatura tribal de Porter é muito diferente da de Petroff.⁵⁰

45. Rink, s/d.: 250, id. 1875: 17, 21. Cf. Turner: 177 (a propósito dos Tahagmiut); Boas 1884-85: 424. 46. Ver Kane 1853, II: 103. 47. Sobre a definição do assentamento na Groenlândia, ver Egede: 60. 48. Parece inclusive haver uma espécie de retorno regular do homem velho a seu lugar de nascimento, ao menos em alguns casos; ver Boas 1884-85: 466. Cf. um conto da Groenlândia, Rink 1875, n. 36 (Nivnitak): 247. Ver um rito em Klutschak: 153. 49. Entre as listas de nomes de lugares e de assentamentos, citaremos a melhor e a mais cientificamente estabelecida, referente à Groenlândia ocidental; ver Thalbitzer 1904: 333. É significativo que quase todos os nomes designem particularidades naturais. Assim o nome pelo qual o Esquimó se designa não é senão um nome geográfico. 50. Cf. as tabelas. Petroff 1893: 12-ss, e >

2) Esse nome é um nome próprio; usado por *todos* os membros do assentamento, é usado somente por eles. Em geral é um nome de lugar descritivo, seguido do sufixo *miut* (originário de).⁵¹

3) O distrito do assentamento tem fronteiras claramente definidas. Cada um tem seu espaço de caça e de pesca, em terra e mar.⁵² Os próprios contos mencionam a existência dessas fronteiras.⁵³ Na Groenlândia, na terra de Baffin, no norte do Labrador, os assentamentos, localizados estritamente, compreendem um fiorde com pastagens alpestres; noutros lugares, abrangem ora uma ilha com a costa defronte, ora um cabo com seu *hinterland*,⁵⁴ ora ainda uma curva de rio num delta com um trecho de costa etc. Em toda parte e sempre, exceto em caso de grandes catástrofes que transtornam o assentamento, são as mesmas pessoas, ou seus descendentes, que se encontram no mesmo lugar; os herdeiros das vítimas de Frobisher, no século XVI, ainda conservavam, no século XIX, a lembrança dessa expedição.⁵⁵

4) O assentamento não tem apenas um nome e um solo, mas também uma unidade lingüística e uma unidade moral e religiosa. Se aproximamos assim esses dois grupos de fatos, à primeira vista díspares, é porque a unidade lingüística para a qual queremos chamar a atenção se deve a causas religiosas, às noções relativas aos mortos e suas reencarnações. Com efeito, há um notável sistema de tabu sobre o nome dos mortos entre os Esquimós, e esse tabu se observa por assentamento; disso resulta a supressão radical de todos os nomes comuns contidos nos nomes próprios dos indivíduos [falecidos].⁵⁶ Há, a seguir, um costume regular, no assentamento, de dar o nome do último morto ao primeiro a nascer; a criança é vista como o falecido reencarnado, e assim cada localidade possui um número determinado de nomes próprios que constituem, portanto, um elemento de sua fisionomia.⁵⁷

> Porter 1893: 18-ss; sobre as nomenclaturas, ver os textos citados mais acima, n. 40 51. Há uma dificuldade insolúvel, no estado atual de nossos conhecimentos, em saber se o indivíduo se designa pelo nome de seu lugar de nascimento ou pelo lugar atual de sua habitação. Temos informações precisas de que, em circunstâncias muito solenes (as festas de que falaremos mais adiante, p. 489), o indivíduo declina seu nome e lugar de nascimento; ver Boas 1884-85: 605, 1901: 142-ss, e Nelson: 373. 52. Ver Rink 1875: 23, a propósito da Groenlândia, um texto particularmente demonstrativo. 53. Id. *ibid.*: 256. 54. Ver uma boa descrição desses direitos eminentes de duas aldeias sobre seu *hinterland* in Murdoch: 27-ss. 55. C. Hall 1864, I: 320; II: 24, 34. 56. Ver Turner: 201; Boas 1884-85: 613. Parece que esse tabu só deve durar até o momento em que um recém-nascido retoma o nome; ver Cranz 1745; 1770: 110, n. 57. Boas 1884-85: 613, Nelson: 291, nos diz inclusive mais precisamente >

Em resumo, com a única ressalva de que os assentamentos são, em certa medida, permeáveis uns aos outros, podemos dizer que cada um deles constitui uma unidade social definida e constante que contrasta com o aspecto proteiforme das tribos. E assim não se deve exagerar a importância de nossa ressalva; pois, se é verdade que há trocas de população de um assentamento a outro, essa permeabilidade,⁵⁸ essa mobilidade relativas têm sempre como causas necessidades vitais urgentes, de modo que, as variações sendo facilmente explicáveis, a regra não parece ser transgredida.

Após termos assim mostrado no assentamento a unidade que está na base da morfologia esquimó, precisamos, para ter desta última uma representação mais exata, saber de que modo os assentamentos estão distribuídos na superfície do território, qual seu tamanho, qual a proporção respectiva dos diversos elementos de que se compõem, do ponto de vista do sexo, da idade, do estado civil.

Nas tribos groenlandesas, sobre as quais estamos bem informados, os assentamentos são pouco numerosos. Em 1821, Graah encontrou apenas 17 deles do cabo Farvel à ilha Graah, e sua expedição foi feita em condições bastante boas para que não haja motivo de pensar que tenha deixado escapar um só.⁵⁹ No entanto, esse número diminuiu ainda mais. Por ocasião da visita de Holm, em 1884, quase todos haviam desaparecido. Atualmente o lugar está praticamente deserto.⁶⁰ Essa rarefação progressiva é o produto de duas causas. Primeiramente, desde 1825, os assentamentos europeus do Sul, por causa dos recursos e da segurança maior que ofereciam, atraíram os Esquimós do Leste a Frederiksdal.⁶¹ Depois, os

> que esse nome é dado, entre os Malemiut, no assentamento de inverno, a criança tendo recebido um nome provisório na tundra onde seus pais caçam. Sobre a extensão em todas as sociedades esquimós e o sentido desse costume, julgamos necessário um longo estudo, mas desde já podemos dizer que esse sistema de reencarnação perpétua dá ao estabelecimento esquimó um singular aspecto de clã americano. 58. Ver exemplos dessa relativa permeabilidade em Parry: 124-ss, a propósito da tribo de Igloulik. 59. Graah 1824: 118-ss. 60. Graah havia encontrado cerca de 600 habitantes, divididos num número desconhecido de assentamentos, 17 + x (a viagem foi feita no verão). Numa extensão quase dupla de costas, Holm não encontra mais que 182 habitantes; ver J. Hansen, *Liste over Beboerne af Grønland Østkyst*, in Holm 1888: 185-ss. 61. Encontrar-se-á nos *Periodical Accounts of the United Brethren*, a partir do t. II: 414, a história da formação de Frederikstal: 50 pessoas vêm de Lichtenau, 200 pagãos procedentes do sul e do leste ali se concentram, e um grande número anuncia sua vontade de ir para lá, cf. p. 423. Em 1827, 1828 e 1829, a população cresce >

assentamentos situados mais ao norte se concentraram em Angmagssalik.⁶² É razoável supor que a retirada dos Esquimós desde Scoresby-Sund – retirada que precedeu a chegada de Scoresby (1804) – deve ter ocorrido do mesmo modo, mas desta vez por força, não apenas por interesse.

Ao mesmo tempo que pouco numerosos, os assentamentos são muito espaçados e muito pequenos. No fiorde de Angmagssalik, num trecho considerável de costas marítimas, havia em 1883 apenas 14 assentamentos, compreendendo ao todo 413 habitantes. O mais povoado, Ikatek, tinha 58; o menor (Nunakitit) contava com apenas 14.⁶³ Aliás, é interessante acompanhar os movimentos da população que a tabela da página seguinte reproduz.

Pode-se ver aí o quanto é precária e instável a existência dessa população. Em oito anos, de 1884 a 1892, ela perde, seja por morte, seja por emigração, dois terços de seu efetivo. Inversamente, em 1896, um único ano favorável e o conforto devido à instalação definitiva dos europeus recompõe, num piscar de olhos, a situação; o número de habitantes passa de 247 a 372, com um aumento de 50%.

Temos, sobre a população dos assentamentos da costa ocidental, informações detalhadas e bastante precisas.⁶⁴ Mas, como elas são posteriores à chegada dos europeus, não as levaremos em grande consideração, a não ser para evidenciar as duas seguintes particularidades que se observam igualmente em Angmagssalik.⁶⁵ É, em primeiro lugar, o índice elevado da mortalidade masculina e, conseqüentemente, a proporção considerável de mulheres no conjunto da população. Na Groenlândia meridional, em 1861 e 1891, de cada 100 mortes, 8,3 deviam-se a acidentes de caiaque, portanto eram exclusivamente mortes de homens naufragados nesses perigosos barquinhos; 2,3 deviam-se a outros acidentes.

> regularmente no distrito por um afluxo do sul e do leste; ver *Per. Acc.*, x: 68, 103, 104. Cf. Holm, de acordo com os arquivos da missão, p. 201. 62. Holm: 201, nos fala de um homem de Sermilik, que ele conheceu em Angmagssalik, e que tinha visto Graah, quando criança. 63. Ver Holm: 193-ss. 64. Egede 1741: 101; para Disco, ver P. Egede 1788: 235-ss; Cranz, I: 380-ss; para Godhavn e os assentamentos meridionais, ver as informações estatísticas das missões dinamarquesas e meridionais, que concordam com as de Dalager, op.cit. Mas nem todos esses documentos são seguros, e eles se referem apenas a populações flutuantes ligadas aos missionários. Os números dados em Rink s/d., II: 259, não nos interessam muito; assim servimo-nos apenas dos documentos mais recentes. 65. Ver Ryberg 1895, XI: 114, 115, 121, quadro G; id. *ibid.*, XVI: 172; para a proporção de homens e de mulheres em Angmagssalik, ver os textos citados mais acima.

ANOS	TOTAL	PESQUISADORES	HOMENS	MULHERES	MORTES	NASCIMENTOS	TENDAS	ASSENTAMENTOS (CASAS)	EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO
1884 ¹	413	(Holm.)	193	220	13	5	37	14 (15)	
1892 ²	293	(Ryder)	132	161	107	92 ⁷	29	11	- 118 ⁸
1894 ³	235	(Pétersen-Ryberg)							
1895 ⁴	247	(Pétersen-Ryberg)	108	139	5	5		13	+ 12
1896 ⁵	372	(Pétersen-Ryberg)	166	216	7	14	26	14	+ 118 ⁹
1897 ⁶	372	(Pétersen-Ryberg)	161	211	19	19	27	13 (14)	+ 20-20 ¹⁰

1. Holm: 193-ss. 2. Ryder, *Den østgrønlandske Expedition, 1891-92, I, Meddel. Gr.*, XVII, 1895, p. 163-ss. 3. Ryberg 1897-98, XIV: 129, col. 1. O diário de Petersen (agente da Coroa Real) fornece apenas indicações sumárias para esse ano, data da fundação da estação. A diminuição considerável é devida sobretudo a uma forte epidemia de gripe, posterior ao contato com a expedição Ryder. Cf. Holm 1893-94, XII: 247-ss, *Is og Vejrforholdene etc.*, *ibid.*, XIII: 89. 4. Ryberg *ibid.*, col. 2. A chegada de 12 indivíduos ocorrera antes de 31 de dezembro de 1894, mas eles não foram contados. 5. Petersen, in Ryberg, *ibid.* O ano de 1895-96 foi particularmente favorável, ao contrário do ano 1894-1895, daí o pequeno número de mortes relativo aos nascimentos, cf. p. 118, para o número de tendas. 6. Ryberg op. cit.: 170. 7. Ryder op. cit.: 144, atribui a más informações relativas aos nascimentos o desvio entre o recenseamento de Holm e os resultados do seu. 8. Ryder *ibid.*, diz que a emigração dirigiu-se para o sul. 9. Os 118 emigrados de Ryder equivalem portanto ao total (mortes e nascimentos tendo se equilibrado nos quatro anos desde a partida), Ryberg loc. cit., p. 119, col. 2. 10. Três *umiak* [embarcação] partiram, e uma outra, com vinte esquimós, voltou.

É notável o número elevado de mortes violentas. Na Groenlândia setentrional, os índices eram de 4,3 para mortes em caiaque, de 5,3 para outras mortes violentas. Em Angmagssalik, pode-se calcular, segundo informações de Holm e de Ryder, em 25 ou 30% a parte das mortes violentas de homens no conjunto da mortalidade.⁶⁶

O segundo fato para o qual queremos chamar a atenção é a existência de movimentos migratórios que limitam a população de cada assentamento. As tabelas que Ryberg nos transmite e que remontam a 1805, para descer até 1890, demonstram esse fato para os distritos setentrionais da Groenlândia meridional: os de Gothaab e de Holstenborg aumentam regularmente em detrimento dos do sul. Pode-se observar, a esse respeito, o quanto foi lenta e, finalmente, mínima a influência da civilização européia (referimo-nos à civilização material). De fato, de 1861 a 1891, a média da relação entre nascimentos e mortes foi de 39 / 40, passando de 33 / 48 em 1860 a 44 / 35 em 1891.⁶⁷

66. Ver in Holm, J. Hansen: 204-ss, cf. Ryder, 1895: 144. 67. Sobre as diversas flutuações e >

Na outra extremidade da área esquimó, no Alasca, podemos fazer observações idênticas. As informações mais antigas de que dispomos e que se reportam às tribos do sul – informações que nos vêm dos primeiros colonos russos – não são, é verdade, nem muito seguras nem muito precisas, e não permitem mais que apreciações um tanto vagas, mas no diário de viagem de Glasunov encontramos informações mais circunstanciadas; elas se referem aos Esquimós do delta do Kuskokwim. O máximo de habitantes por assentamento era de 250 pessoas.⁶⁸ De acordo com o recenseamento de Petroff,⁶⁹ seguido pelo recenseamento de Porter que veremos mais adiante, e que é bem superior,⁷⁰ a densidade máxima é atingida nessa região pelos assentamentos do rio Togiak. Por outro lado, a tribo dos Kuskowigmiut⁷¹ é a mais forte de todas as tribos esquimós conhecidas, mas não a mais densa, se levarmos em conta a área onde ela vive. É interessante observar que ela está estabelecida, como os Togiagmiut, junto a rios excepcionalmente piscosos, escapando assim a certos perigos. Ainda assim não devemos exagerar a importância desses assentamentos relativamente privilegiados. Das tabelas de Porter parece resultar claramente que nenhum deles alcançou os índices consideráveis indicados por Petroff. O assentamento de Kassiamiut, marcado por este último como contendo 605 indivíduos, parece ser não um assentamento propriamente dito, mas um agregado de aldeias,⁷² e além disso compreende muitos elementos crioulos e europeus.⁷³ – Uma outra região onde os assentamentos são igualmente mais consideráveis

> suas causas, muito nítidas, ver Ryberg 1897-98a: 120, 122. Uma análise das diversas informações contidas nos *Periodical Accounts* dos Irmãos Morávios, desde 1774, mostraria que os mesmos fatos se reproduziram regularmente no Labrador. – Encontrar-se-á em Boas 1884-85: 425-ss, uma série de informações estatísticas sobre os Oqomiut, suas quatro seções e seus quatro assentamentos, bem como sobre idade, sexo e estado civil. Os fatos coincidem significativamente com os da Groenlândia. As tabelas fornecidas pelo capitão Comer e o padre Peck, relativas aos Kinipetu e aos Aivillirmiut, também são concordantes. Ver Boas 1901: 7. 68. Wrangell in Baer u. Helmersen 1819: 141-ss. A viagem de Glasunov tem a vantagem de ter sido feita no inverno, e conserva essa vantagem mesmo sobre os recenseamentos posteriores. Petroff 1884: 23-ss, faz um resumo de uma discussão bastante mal conduzida dos diversos recenseamentos russos anteriores a 1870. 69. Petroff, loc.cit.: 4, 14-ss. 70. Ver mais adiante, apêndice I. 71. Porter: 154 (tabela das tribos), cf. p. 170. Encontrar-se-á em Porter (pp. 100-114) uma descrição detalhada dos diversos assentamentos, descritos um por um, com um certo número de duplas indicações sobre o assentamento de inverno e os de verão (Greenfield). 72. Cf. Petroff: 12, e Porter: 5. Kassiachamiut, 50 habitantes, p. 164, *ibid.* 73. Petroff: 96 europeus habitam esse mesmo distrito.

e mais próximos uns dos outros é a das ilhas situadas entre o estreito de Behring e a parte meridional do Alaska;⁷⁴ no entanto, a densidade, calculada sobre o conjunto das terras habitáveis (?), permanece ainda muita baixa (13 por quilômetro quadrado).⁷⁵

De todos esses fatos resulta que há uma espécie de limite natural à extensão dos grupos esquimós, limite que eles não podem ultrapassar e que é muito restrito. A morte ou a emigração, ou as duas causas combinadas, os impedem de exceder essa medida. É da natureza do assentamento esquimó ser de pequenas dimensões. Pode-se mesmo dizer que esse tamanho restrito da unidade morfológica é tão característico da raça esquimó quanto os traços do rosto ou os traços comuns aos dialetos por ela falados. Assim, nas listas de recenseamento, reconhece-se à primeira vista os assentamentos que sofreram a influência européia, ou que não são propriamente esquimós: são aqueles cujas dimensões ultrapassam muito sensivelmente a média.⁷⁶ É o caso do suposto assentamento de Kassiamiut de que falamos há pouco; é o caso também de Port-Clarence, que serve atualmente de estabelecimento aos baleeiros europeus.⁷⁷

A composição do assentamento não é menos característica do que suas dimensões. Nele vivem poucos velhos e também poucas crianças; por diferentes razões, a mulher esquimó geralmente só tem um pequeno número de filhos.⁷⁸ A pirâmide etária apóia-se portanto numa base estreita, e vai se estreitando de maneira muito clara a partir de 65 anos. Por outro lado, a população feminina é considerável e, nesta, a parte de viúvas é completamente excepcional.⁷⁹ (Ver Tabela 2) Esse número elevado de viúvas, tanto mais significativo se considerarmos que o celibato

74. Sobre as ilhas, ver Porter: 110-ss, Nelson: 6, 256; King Island, 400 habitantes; Nunivak, 400 habitantes. 75. Porter: 162. 76. Não levamos em conta casos em que a própria média está longe de ser alcançada, como nas indicações do tipo "Single house" ou "Summercamp". Porter: 165. Petroff: 11, 12. 77. Ver Porter: 137. 78. É um dos fatos mais antigamente observados: encontramos-lo assinalado já em Vormius 1618: 15; de acordo com fontes de última ordem em Coats (in J. Barrow 1852: 35), em Egede 1741: 60, cf. 1721 1ª ed.: 27, e ele é tão evidente que talvez não haja autor que não o tenha atestado. É dito inclusive que as mulheres esquimós se recusam completamente a acreditar que as mulheres européias possam ter 10 e 12 filhos. Ver Woolfe, in Porter: 137, o máximo parece ser de 4 a 5 filhos. O único caso contrário, estatisticamente conhecido por nós, é o de uma família kinipetu (Boas 1901: 6, 7) recenseada em 1898 pelo cap. Comer, com 8 filhos, mas pode ter havido um erro de observação. (O mesmo autor fala de duas famílias igualmente numerosas, mas somente uma aparece em sua tabela.) 79. Publicamos mais adiante as tabelas feitas por Porter. Quanto ao número de viúvas, encontrar-se-ão documentos concordantes no recenseamento dos Aivilik >

é quase desconhecido e que os Esquimós desposam viúvas de preferência a mulheres jovens, é devido quase inteiramente aos acidentes da vida marinha. Era importante destacar essas particularidades, sobre as quais falaremos a seguir.

Quanto a suas causas, devemos buscá-las no regime de vida praticado pelos Esquimós. Não que este seja pouco inteligente; ao contrário, é uma aplicação notável das leis da biofísica e da relação necessária de simbiose entre as espécies animais. Os exploradores europeus insistiram várias vezes no fato de que, mesmo com todo o equipamento europeu, não há, nessas regiões, regime alimentar e procedimentos econômicos melhores que os empregados pelos Esquimós.⁸⁰ Eles são comandados pelas circunstâncias ambientais. Não tendo, como outros hiperbóreos, domesticado a rena,⁸¹ os Esquimós vivem da caça e da pesca. A caça consiste em renas selvagens (elas se encontram em toda parte), bois-almiscarados, ursos polares, raposas, lebres, alguns animais carnívoros peludos, aliás bastante raros, diversas espécies de aves (lagópodes, corvos, cisnes selvagens, pingüins, pequenas corujas). Mas toda a caça terrestre é, de certo modo, acidental e provisória, e, na falta de uma técnica apropriada, não pode ser obtida no inverno. Portanto, exceto as passagens de aves e de renas e alguns encontros afortunados, os Esquimós vivem sobretudo da caça marinha: os cetáceos constituem seu principal meio de subsistência. A foca, em suas principais variedades, é o animal mais útil; assim, costuma-se dizer que, onde há foca, deve haver esquimó.⁸² No entanto, os delfínidos (orca, baleia-branca ou baleia-franca) são ativamente caçados, bem como os rebanhos de morsas; estes, principalmente na primavera; no outono, o ataque dirige-se

> (6 viúvas (?) em 34 mulheres). Em contrapartida, se verá que há somente duas viúvas entre os Kinipetu, mas isso se deve a um maior número de casos de poligamia. Boas 1901: 7-8. **80.** Ver Markham 1875a: 163-ss; cf. Peary 1898, I, Ap. 1, prefácio p. vii; cf. Sverdrup, *Nyt Land*, I, pref., *New Land*, 1904, I, ibid. Dados os recursos animais, esses autores afirmam com razão que pequenas expedições, mesmo não aprovisionadas, têm mais chance de sobrevivência que expedições melhor aprovisionadas mas muito grandes. As últimas explorações da América do Norte, as de Hanbury em particular, assim como as mais antigas de Boas, de Hall e de Schwatka, foram feitas por viajantes que se juntavam aos esquimós. O destino famoso de Franklin deveu-se precisamente ao número excessivo de homens que o acompanhavam. O primeiro a perceber essa lei foi provavelmente Hall 1864, I: xii. **81.** É provável que a introdução recente da rena doméstica no Alasca venha a mudar a morfologia das sociedades esquimós que tiverem sucesso na criação desse animal, cf. Sheldon 1894. **82.** Cf. Hall 1864, I: 138, cf. Peary 1898, I, P. 15.

às baleias.⁸³ Os peixes de mar, de água doce e os equinodermos servem apenas de complemento. O caiaque em água livre, uma espera paciente no gelo de terra [gelo aderido à terra] permitem aos homens lançar seus conhecidos arpões sobre os animais marinhos. Sabe-se que eles comem a carne desses animais crua e cozida.

Assim, três coisas são necessárias a um grupo esquimó: no inverno e na primavera, água livre para a caça às focas, ou gelo de terra; no verão, um território de caça e de pesca em água doce.⁸⁴ Essas três condições só se acham combinadas em distâncias variáveis umas em relação às outras, e em pontos determinados, em número limitado; é então, e somente então, que eles podem se estabelecer. Assim, nunca os encontraremos nos mares fechados:⁸⁵ eles certamente se retiraram de certas costas que outrora, ao que tudo indica, eram abertas, mas que se fecharam depois.⁸⁶ É a necessidade dessa tríplice condição que obriga os assentamentos esquimós a se encerrarem dentro de estreitos limites; o estudo de alguns casos particulares irá mostrar por quê.

Tomemos como exemplo os assentamentos de Angmagssalik.⁸⁷ Angmagssalik está situada no litoral oriental da Groenlândia, numa latitude relativamente baixa. A costa é bloqueada pelo gelo até 70° de latitude norte. Esse acúmulo de gelo é mantido pela corrente polar que, descendo do Spitzberg, vem passar pelo estreito da Dinamarca, até o cabo Farvel e o estreito de Davis. Pelo leste, a costa é inabordável; mas a latitude é bastante baixa, a luz de verão suficientemente forte para que o mar se desobstrua, nesse momento, numa boa extensão, permitindo a caça. Como se vê, essas condições são instáveis e precárias. O mar volta

83. Na ponta Barrow, no lugar de passagem das baleias que vão periodicamente do oceano Glacial ao Pacífico e vive-versa, a caça ocorre duas vezes por ano. Ela se torna cada vez menos próspera; ver Murdoch: 272, Woolfe 1890: 145. Aliás, os baleeiros europeus transferiram suas mais importantes áreas de pesca para os deltas do Mackenzie. **84.** Uma excelente descrição das condições gerais da vida esquimó encontra-se em Boas 1884-85: 419-20. **85.** Sobre o fechamento dos mares no Arquipélago norte-americano, ver Markham, 1875a: 62-ss, cf. *Arctic Pilot* (Almirantado inglês) 1900-1902, Londres, 1904, 1: 28-ss. **86.** Sobre as causas do despovoamento do Arquipélago setentrional, ver Sverdrup, *Nyt land*, 1: 145. **87.** Sobre as condições de vida, climáticas, marítimas e econômicas, ver Holm 1895-96: 287-ss; 1888: 47, 48; Ryder 1895: 138-ss; Ryberg 1897-98a, mais acima, p. 114-ss. Acrescentemos que, antes da chegada de Holm, produzira-se o fenômeno grave da perda quase total dos cães, *Östgr. Exped.*: 134. No quadro dado mais acima, pode-se perceber pelo simples movimento da população os anos favoráveis.

a ficar obstruído, a caça logo se esgota e, no inverno, no gelo de terra, é bastante difícil obtê-la. Por outro lado, a estreiteza da faixa de água livre, o perigo dos icebergs continuamente desprendidos do gelo não permitem que os grupos se desloquem facilmente para longe dos fiordes. Eles são obrigados a manter-se próximos do ponto onde estão reunidas todas as condições necessárias à sua existência; se algum acidente acontecer, se um de seus recursos ordinários vier a faltar, eles não podem facilmente buscar um pouco mais longe o que necessitam. Precisam imediatamente transportar-se a um outro ponto afastado e igualmente privilegiado, e essas migrações longínquas sempre envolvem grandes riscos e perdas de homens. Compreende-se que, nessas condições, é impossível aos agrupamentos humanos atingir dimensões mais consideráveis. Todo excesso, todo descuido imprudente em relação a implacáveis leis físicas, toda conjetura azarada do clima têm por consequência fatal uma redução do número de habitantes. Se o gelo na costa demorar a derreter, impossibilitando a caça aos cetáceos na primavera, ou se ocorrer um degelo demasiado rápido, será impossível sair de caiaque ou caçar no gelo de terra; pois as focas e as morsas não mais aparecem, assim que o degelo começou. Se eles tentam, sem ter reunido todas as condições de sucesso, partir para o norte ou para o sul, os *umiaks*, transportando várias famílias, afundam lamentavelmente.⁸⁸ Se, acuados pela necessidade extrema, comem os cães, eles aumentam ainda mais a miséria, pois mesmo os deslocamentos em trenó na neve e no gelo tornam-se então impossíveis.⁸⁹

Passemos agora para o ponto mais setentrional da costa americana, a ponta Barrow;⁹⁰ lá observaremos fatos do mesmo gênero. Nesse local o mar raramente é fechado, mas também raramente é livre. A caça marinha e terrestre, na opinião de todos os europeus que passaram por lá, é apenas suficiente para o que a população necessita. Ora, a caça apresenta vicissitudes constantes que só podem ser conjuradas por meios religiosos; além disso, oferece perigos contínuos que mesmo o emprego de armas de fogo não fez desaparecer. O total da população é assim limita-

⁸⁸. Ver Nansen 1904: 46-ss. ⁸⁹. As condições de existência são igualmente precárias na terra de Baffin, e, em tempos recentes, pessoas foram dizimadas regularmente pela fome. Ver Boas 1884-85: 426, o histórico de algumas tribos. ⁹⁰. O quadro que apresentamos da vida na ponta Barrow é composto com base em Simpson 1875, in Markham 1875a: 245 (retomado dos Parliamentary Reports, 1852); e com base em Murdoch: 45-ss.

do pela natureza das coisas. Está tão exatamente relacionado com os recursos alimentares que estes não podem diminuir, por pouco que seja, sem que resulte uma diminuição importante no número de habitantes. De 1851 a 1881, a população caiu pela metade; ora, essa redução considerável vem de que a caça à baleia tornou-se menos frutuosa, desde a chegada dos baleeiros europeus.⁹¹

Em resumo, vemos, pelo que precede, que a limitação dos assentamentos esquimós deve-se à maneira pela qual o ambiente age, não sobre o indivíduo, mas sobre o grupo em seu conjunto.⁹²

2. Morfologia sazonal

Acabamos de ver qual é a morfologia geral dos Esquimós, isto é, os caracteres constantes que ela apresenta o tempo todo. Mas sabemos que ela varia conforme os momentos do ano; precisamos saber agora quais são essas variações. É sobretudo delas que devemos nos ocupar neste trabalho. Embora o assentamento seja, o tempo todo, a unidade fundamental das sociedades esquimós, ele apresenta formas muito diferentes conforme as estações. No verão, os membros que o compõem habitam em tendas, e essas tendas estão dispersas; no inverno, habitam em casas, muito próximas umas das outras. Tal é a observação geral que todos os autores fizeram, desde os mais antigos,⁹³ quando puderam observar o ciclo da vida esquimó. Vamos primeiramente descrever cada um desses dois tipos de habitat e os dois modos de agrupamento correspondentes. Procuraremos, a seguir, determinar suas causas e seus efeitos.

91. A afirmação de Woolfe, in Porter: 145, de que a proporção dos nascimentos seria reduzida a 1 contra 5, merece um crédito apenas relativo; e os documentos de Petroff, p. 14, são totalmente inexatos; mesmo a contagem das aldeias é inexata. 92. Aliás, o grupo intervém violentamente, enquanto grupo, para limitar o número de membros a seu encargo: 1) pelo infanticídio, sobretudo de crianças do sexo feminino, que nos é atestado em relação a várias tribos; ver Egede 1741: 91, Cranz, III, 3, 21; Rasmussen (tribo do C. York) 1905: 29; Boas 1884-85: 580 (Bessels 1884: 874; 1875: 185, fala do infanticídio de crianças de ambos os sexos em Itah); Gilder 1880: 246-47; Murdoch: 417, cf. Simpson 1875: 250; Nelson: 289; infanticídio que evidentemente tem por finalidade diminuir o número dos não-caçadores; 2) pelo homicídio, geralmente atestado, de crianças fracas e doentias; 3) pelo abandono dos velhos e dos doentes, ver mais adiante, p. 18, n. 7 /? /; 4) em algumas tribos, pelo abandono ou mesmo pela condenação à morte da viúva; ver em particular Parry: 529, 400, 409; Lyon: 323; Hall 1864, 1: 97. 93. Frobisher (1577), *Second voyage* (Beste), Hakluyt soc. ed.: 283. Cf. >

A tenda. – Começemos pelo estudo da tenda,⁹⁴ já que é uma construção mais simples que a casa de inverno.

A tenda tem em toda parte o mesmo nome, *tupik*,⁹⁵ e em toda parte também, de Angmagssalik até a ilha de Kadiak, apresenta a mesma forma. Esquemáticamente, pode-se dizer que é composta de varas dispostas em forma de cone;⁹⁶ sobre essas varas são colocadas peles, na maioria das vezes de renas, costuradas ou não entre si, e presas à base por grandes pedras capazes de suportar a força geralmente terrível do vento. Ao contrário das tendas indígenas, as dos Esquimós não são abertas no topo, porque não há fumaça que seja necessário deixar sair; a lâmpada deles não produz fumaça. Quanto à entrada, ela pode ser fechada hermeticamente. Os habitantes são então mergulhados na escuridão.⁹⁷

Esse tipo normal apresenta naturalmente algumas variações conforme as localidades, mas elas são inteiramente secundárias. Onde a rena é rara,⁹⁸ como em Angmagssalik e em toda a Groenlândia oriental, a tenda é feita com peles de focas; ao mesmo tempo, como ali a madeira não é abundante, a forma da tenda é também um pouco diferente. Ela é colocada num local onde a inclinação é brusca,⁹⁹ de modo que possa se apoiar, ao fundo, no próprio terreno; uma espécie de viga, sustentada na frente por uma armação angular, é enterrada no solo; é sobre ela que são dispostas as peles e a pequena cobertura de varas. É curioso

> Hakluyts' Voyages, Davis 1589: 628; James Hall 1635: 56; Coats 1852: 35, 75, 89 e 90; Egede 1721, 1ª ed.: 27; 1741: 60; Cranz, livro 111, 4; Lars Dalager 1752. Não citamos os outros autores antigos, tendo todos conhecido uma das fontes que acabamos de citar: o livro de Cranz, em particular, foi extremamente popular e utilizado por todos os viajantes e etnógrafos. 94. Sobre a tenda esquimó em geral, ver Murdoch: 84. 95. Ver os dicionários *ad verb.*, P. Egede, *Dictionarium Groelandico Latinum*: 128; Parry: 562; Erdmann, *Eskimoisches Wörterbuch*; Wells & Kelly 1890: 36, 43; ver Rink, *Meddel.*, xi, supl. p. 72-ss. 96. Cf. Steensby 1905: 143, que chega às mesmas conclusões que nós. Conforme o caso, o cone é seccionado na parte dianteira ou forma um cone perfeito. A forma do cone perfeito é a da civilização esquimó ocidental. Os antigos relatos groenlandeses nos descrevem a tenda como munida de uma espécie de porta, cf. as ilustrações de Egede 1741: 61; de Cranz, I, ilustr. 111; Graah 1824, ilustr. vi, fac. p. 73. Há provavelmente também um exagero de desenho que transforma em porta a cortina de peles, de fato perpendicular, que fecha a tenda na parte dianteira. 97. Coats (1852: 35) assinala a diferença entre os modos de habitat esquimó e as tendas indígenas (Cree e Montanhês), cf. Hearne, *Journey to the shores of the Arctic Sea*: 180. 98. Holm 1888: 71-ss. Ver ilustr. 10 e 11. Graah 1824: 73. 99. Holm, 1888: 72, 74.

observar de que maneira, seja em Igloulik,¹⁰⁰ na baía de Hudson, seja na parte meridional da terra de Baffin,¹⁰¹ as mesmas causas produzem os mesmos efeitos. Em consequência da raridade de madeira, substituída por ossos de narval, a tenda tem uma forma singularmente análoga à da de Angmagssalik.

Porém, mais importante que todos esses detalhes de tecnologia, é saber qual o grupo que habita a tenda. De uma ponta à outra da área esquimó, é a família,¹⁰² no sentido mais estrito da palavra, isto é, um homem com sua mulher ou, se houver espaço, suas mulheres, seus filhos não casados (naturais ou adotivos); excepcionalmente ali se encontra também um ascendente, ou uma viúva que não voltou a casar, seus filhos, ou ainda, por fim, um ou vários hóspedes. A relação é tão estrita entre a família e a tenda que a estrutura de uma é moldada sobre a estrutura da outra. É uma regra geral em todo o mundo esquimó que haja uma lâmpada por família; assim, há geralmente uma única lâmpada por tenda.¹⁰³ Do mesmo modo, há somente um banco (ou um leito de folhas e ramagens erguido no fundo da tenda) coberto de peles, sobre o qual as

100. Ver as boas descrições de Parry e de Lyon, in Parry: 270-ss, ilust. VII; a armação era já então freqüentemente feita de ossos de narval; em sua primeira viagem, ao norte da terra de Baffin, Parry vira um outro tipo de tendas, em que as costelas de baleia eram usadas, provavelmente na falta de madeira (1819: 283). 101. Boas 1884-85: 552. Cf. Chappell 1817: 29. Sobre os tipos de tendas no Alaska, ver Nelson: 258-ss. As ruínas mais setentrionais encontradas pelas expedições de Hall, ver Bessells 1875: 235, cf. Markham 1875b: 285; por Greely 1875: 47, n. 2, por Markham e Nares, cf. Markham 1877: 79, cf. p. 391; as encontradas por Sverdrup, *Nyt Land*, II: 171, p. 121, são todas círculos de pedras que fazem supor tendas de tipo regular. Uma única ruína, vista por Lyon, outrora, no C. Montague, é inexplicável como resto de tenda (Parry: 62). Não conhecemos exceção verdadeira à regra técnica, a não ser as casas de verão das ilhas do estreito de Behring; ver Nelson: 255 e 256. Mas as condições de vida dos Esquimós dessas ilhas, quase completamente fixos e habitando em verdadeiras escarpas, são bastante particulares e explicam a exceção. No entanto, a existência de casas de verão isoladas parece ser freqüente no Alaska. Cf. Nelson: 260-ss, Jacobsen (Woldt 1886): 161 etc. 102. Holm: 87 (Angmagssalik), Rink 1875: 19; Egede 1741: 60 (Groenlândia ocidental); Boas 1884-85: 581 (Esquimós centrais). Klutschak e Schwatka, entre os Netchillik e os Ukusisalik, Hall entre os Aiwillik (2ª viagem) e os Nugumiut (1ª viagem), Hanbury, na região entre o Back River e o Mackenzie, fizeram suas explorações de verão com famílias esquimós que viviam em tendas ou, conforme o tempo, em iglus de neve. Cf. Petitot 1872: xx; Murdoch: 80-ss; Nelson 1899. Pode-se deduzir das listas dadas mais acima, p. 57 /?/, que cada família tem sua tenda na Groenlândia oriental. Aliás, parece-nos impossível que a tenda abrigue mais que uma ou duas famílias, e julgamos inexata sob qualquer ponto de vista a afirmação de Back (*Narrative of a Boat Journey*: 383) segundo a qual ele teria encontrado 35 pessoas em 3 tendas (Ukusisalik). 103. Ver Lyon, in Parry: 270, cf. p. 360.

pessoas dormem; e esse leito não comporta divisória para isolar a família de seus eventuais hóspedes.¹⁰⁴ Assim a família vive perfeitamente unida nesse interior hermeticamente fechado, e é ela que constrói e transporta essa habitação de verão, feita exatamente à sua medida.

2. A HABITAÇÃO DE INVERNO

A casa. — Do inverno ao verão, o aspecto morfológico da sociedade, a técnica do habitat, a estrutura do grupo abrigado mudam completamente; as habitações não são as mesmas, sua população é diferente, e elas estão dispostas no solo de uma outra maneira.

As habitações esquimós de inverno não são tendas, mas casas,¹⁰⁵ e inclusive casas coletivas.¹⁰⁶ Começaremos descrevendo sua forma exterior, para depois mostrar qual é seu conteúdo.

A casa coletiva esquimó é feita de três elementos essenciais que podem servir para caracterizá-la; 1) um corredor que começa no exterior e vem desembocar no interior por uma entrada em parte subterrânea; 2) um banco com lugares para as lâmpadas; 3) divisórias que determinam nesse banco um certo número de compartimentos. Esses traços distintivos são próprios da casa esquimó; eles não se verificam, reunidos,¹⁰⁷ em nenhuma outra casa conhecida. Mas, conforme as regiões, apresentam particularidades variáveis que originam um certo número de variedades secundárias.

104. Graah nos descreve, porém, uma dupla tenda com divisória, 1824: 93. **105.** O nome da casa é *iglu*; sobre essa palavra, ver os dicionários citados mais acima, p. 448, n. 95, e Rink, *Meddel.*, supl. XI: 72-ss. As exceções não chegam a pesar como prova. Se existem nomes diferentes, ou se a palavra equivalente tem sentidos mais ou menos precisos, isso provém de causas determinadas. Assim, no Alaska, a outra palavra designa antes o espaço interno (Wells & Kelly 1890: 44). Veremos por que, nas regiões centrais, a palavra *iglu* restringiu-se à casa de neve, a própria casa restringindo-se a esse tipo. **106.** Em relação ao que segue, ver o capítulo de Steensby 1905: 182-ss, com o qual concordamos no ponto mais importante, a saber, o caráter primitivo da casa coletiva. Mesmo o esforço feito por Steensby para vincular a casa de inverno esquimó à casa coletiva indígena (mandan e iroquesa tomadas como exemplos), ainda que impróprio, demonstra, tanto para esse autor como para nós, que os dois tipos de casas são homólogos. **107.** Na casa mandan, por exemplo, faltam o corredor e o banco; mesmo assim, Steensby quer aproximá-la da casa esquimó; além disso, ela possui, como todas as casas indígenas, um fogo central que só existe nas casas esquimós do sul da Alaska. A casa de inverno do noroeste americano compreende, é verdade, o banco e as divisórias (cf. Niblack 1888: 95-ss, cf. as obras citadas mais adiante, p. 126, n.), mas, além da presença do fogo central, a ausência do corredor não autoriza qualquer aproximação.

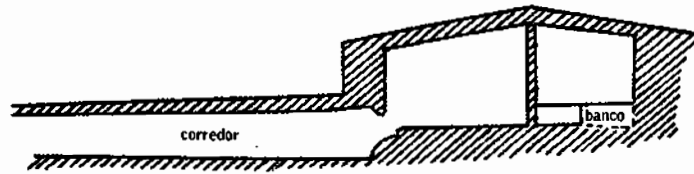


Figura 1. Corte da casa de Angmagssalik (H. B.)

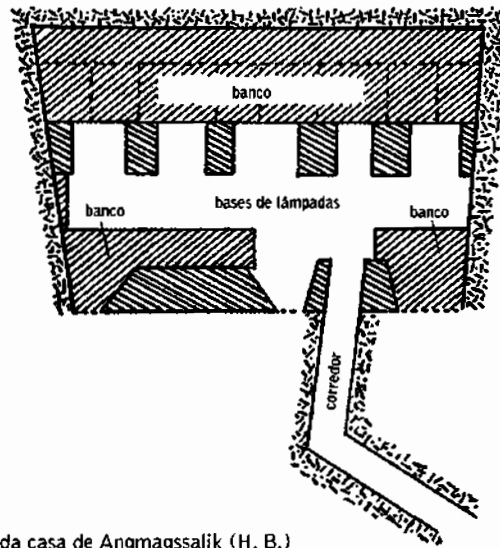


Figura 2. Planta da casa de Angmagssalik (H. B.)

Em Angmagssalik,¹⁰⁸ a casa tem de 8 a 17 m de comprimento por 4 a 5 m de largura. É construída num terreno geralmente muito inclinado. Esse terreno é escavado de modo que a parede traseira atinja aproximadamente o nível do terreno circundante; essa parede é um pouco mais larga que a da fachada. Essa disposição dá ao observador a falsa impressão de que a casa é subterrânea. As paredes são de pedra, de madeira coberta com relva e freqüentemente com peles; suas faces internas estão quase sempre recobertas com peles. Na frente, em ângulo reto com a parede, desemboca o corredor, por uma entrada tão baixa que só é possível

108. Holm 1888: 66, 67. Cf., para a Groenlândia oriental antiga, Graah 1824: 32 e ilustr. 11, excelente. Cf. Nansen 1904: 67, cf. Hansêrak 1901: 43.

penetrar na casa de joelhos. No interior, o chão é coberto de pedras achatadas. Todo o fundo é ocupado por um banco longo e contínuo, de cerca de um metro e meio a dois metros de largura, e erguido a uns 60 cm do chão; atualmente, em Angmagssalik, ele se apóia sobre pedras e relva, mas outrora, na Groenlândia meridional e ocidental,¹⁰⁹ repousava sobre estacas, e ainda é assim no Mackenzie¹¹⁰ e no Alaska.¹¹¹ Esse banco é separado em compartimentos por uma curta divisória: cada um desses compartimentos, como veremos, corresponde a uma família; na parte anterior de cada um deles é colocada a lâmpada familiar.¹¹² Defronte ao fundo, portanto ao longo da parede dianteira, estende-se um outro banco, menos largo, reservado aos indivíduos púberes, aos não-casados e aos hóspedes, quando não são admitidos a partilhar o leito da família.¹¹³ – Na frente da casa estão os esconderijos com provisões (carne congelada), os petrechos dos barcos, eventualmente uma casa para os cães.

No Mackenzie,¹¹⁴ como a madeira flutuante é muito comum, a casa é feita inteiramente desse material: grandes toros são colocados uns sobre os outros e encaixados em ângulo reto nos cantos. Além disso, em

109. De fato, Egede menciona expressamente que é embaixo do banco, portanto num espaço vazio (cf. os cortes da casa, *Perlustration*, ilustr. IX: 61; Cranz, ilustr. IV), que se acomodam os casais para suas licenças sexuais, *Det gamle Grønlands Nye Perlustration*, 1ª ed., 1721: 36. Cf. P. Egede, *Dictionarium Groenlandico Latinum*, 1765: 100 (s. v. *Maliserpok*). Por outro lado, é muito significativo que a casa de Angmagssalik corresponda tão bem, sobretudo quanto à forma do telhado, à casa da Groenlândia ocidental cuja reprodução os velhos autores nos conservaram, e tão mal à que nos descrevem os autores modernos e alguns dos antigos (Davis, in *Hakluyts' Voyages etc.*, 1589: 788) em relação a essa mesma região (ver, sobretudo, os bosques que ilustram as coleções de contos, S. Rink 1875, *passim*, sobretudo pp. 105, 191, 223; consultar de preferência a edição dinamarquesa, *Æyentyr og Sagn og Fortaellingen*, I, 11, Copenhague, 1866-75; a edição esquimó, *Kaladlit Assiliaiit*, fasc. 1-IV, 1860, Godthaab, ilustr. n. 3, n. 4, é melhor ainda). A casa de parede reta, relativamente separada do invólucro de terra, e sobretudo com telhado apoiado em pilares colocados junto à parede, dá uma impressão muito nítida de casa européia, e talvez tenha sido criada sob a influência dos antigos noruegueses. Sobre essa influência, cf. Tylor 1883: 275-ss. (mas nem todas as aproximações de Tylor nos parecem bem fundadas). **110.** Só que aqui a borda do banco desce até o chão, não deixando espaço vazio. Ver fig. 3 e 4. **111.** O banco se apóia novamente sobre um espaço vazio, cf. Murdoch, fig. 11, Nelson, fig. 80-ss. **112.** Cf. Egede: 63; Cranz é ainda mais preciso no que concerne ao lugar da lâmpada, liv. III, cap. I, § 4. As divisórias do banco desaparecem normalmente quando existe um compartimento propriamente dito, e provavelmente elas se restringem à Groenlândia. Na Groenlândia ocidental, a lâmpada esquimó foi substituída pelo fogareiro europeu nas habitações dos ricos. **113.** Cf. os textos citados na nota precedente, e Graah, 1824: 35, Hansérak 1901: 29, n. 1. **114.** Sobre a casa da região do Mackenzie e do Anderson, ver sobretudo Petitot 1872: xxi e ilustração, 1884: 41, 49, 50 (esse >

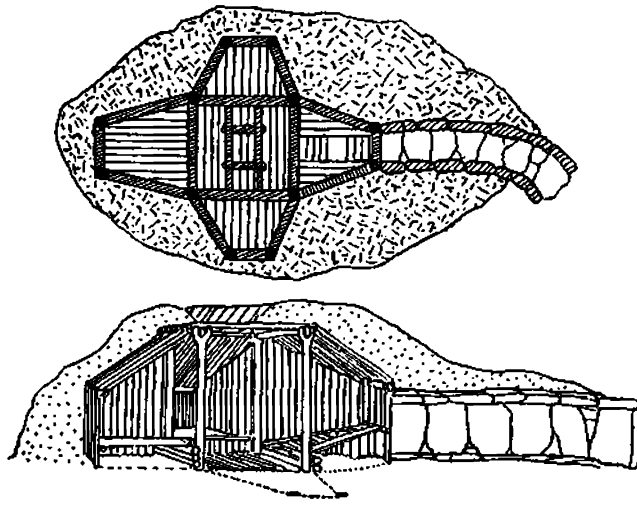


Figura 3. Casa do Mackenzie. Planta e elevação, desenhados por Champion segundo nossas indicações. Permitimo-nos essa reconstituição porque os planos reproduzidos por Petitot são em geral inexatos, e os da obra de Franklin, incompletos.

seção horizontal, ela exhibe a forma, não mais de um retângulo como a precedente, mas de um polígono estrelado. Daí uma terceira diferença: ela compreende compartimentos claramente distintos. O banco, um pouco mais elevado do que na Groenlândia, garante o fundo de cada compartimento; mas, em vez de um só banco, o compartimento de entrada possui dois, obtidos na escavação e que servem, como o banco dos hóspedes na Groenlândia, aos hóspedes e aos utensílios.¹¹⁵ Por fim, o corredor, mais rebaixado ainda que na Groenlândia, junta-se àquele dos compartimentos que está orientado para o mar, de preferência ao sul.¹¹⁶

No Alasca, encontramos um tipo intermediário entre os precedentes. A forma volta a ser retangular,¹¹⁷ como na Groenlândia, mas

> corredor seria feito, entre os Kragmalivit (*sic*) de pedaços de gelo, havendo uma contradição entre a legenda e o desenho da p. 193). Franklin 1828: 41, 121, *ilust.*; Richardson 1851 (ponta Atkinson): 215-16 (um plano e um corte não mostram as duas vigas de sustentação do retângulo central); cf. indicações de Mierstching 1856: 35, 37; Hooper 1853: 243; Richardson 1851, I: 30; 1861: 300-ss; a descrição feita por Schultz 1883, VII: 122, não se baseia numa observação nem sobre as palavras de Bompas e Sainville, sendo apenas uma cópia de Egede e de Cranz. 115. Ver Petitot 1884: 41. 116. Richardson, in Franklin: 21-ss; o corredor, conforme a ilustração 8, parece ser bastante curto. 117. Sobre a casa na ponta Barrow, >

compreende geralmente vários retângulos ligados a um único corredor.¹¹⁸ Como, sobretudo no Alasca meridional, a madeira é também abundante, o piso do retângulo central é assoalhado. A única característica exclusiva das casas dessa região é a disposição do corredor que, em vez de desembocar na parede de entrada, abre-se na porção central do próprio piso.¹¹⁹

É fácil perceber como essas diferentes espécies de casas não são senão variantes de um mesmo tipo fundamental, do qual a do Mackenzie nos oferece talvez a idéia mais aproximada. Um fator que contribui, em grande medida, para determinar essas variações é a natureza variável dos materiais que o esquimó utiliza conforme as regiões. Assim, em certos pontos do estreito de Behring,¹²⁰ na terra de Baffin¹²¹ a noroeste da baía de Hudson,¹²² a madeira flutuante é rara ou totalmente inexistente.¹²³ Empregam-se então costelas de baleia. Mas disso resulta um novo sistema de habitação. A casa é pequena, pouco alta, de forma circular ou elíptica. A parede é coberta de peles e forrada de relva; e acima das paredes eleva-se uma espécie de domo. É o que chamam o *qarmang*, habitação que possui também seu corredor.

> Murdoch: 72-ss; Simpson 1875: 256, 258. Sobre a casa no estreito de Behring, ver Nelson: 253-ss, fig. 80-ss. **118.** Ver plano da casa do Cabo Nome, Nelson: 254. **119.** Ver Nelson, fig. 74, Elliott 1886: 378, 379. No sul, no distrito de Nushagak, um fogo de madeira central, com frequência utilizado, afeta a própria construção e faz que a casa esquimó se aproxime do tipo de casa chilcotin. Jacobsen (1886: 321): sobre os diversos tipos de casa no Alasca, ver Porter 1893: 146-ss, e as figuras das pp. 96 e 106. As antigas expedições de Beechey (1821, II: 568, 569) e dos russos (cf. Wrangell, in Helmersen 1819: 143-ss.) concordam entre si e nos mostram que a repartição dos tipos é sempre mais ou menos a mesma. **120.** Sobre as casas feitas de costelas de baleia no estreito de Behring, ver Nelson: 257-ss; Petitot, 20^a Census: 38-ss. Sobre os Esquimós siberianos, Nelson: 263. **121.** Sobre essas casas, ver sobretudo Boas 1884-85: 548-ss; Kumlien 1877-78: 43; Hall 1864, I: 131, cf. ruínas, II: 289. As figuras 499 a 502 de Boas são particularmente interessantes (fig. 500 segundo Kumlien) na medida em que explicam as ruínas encontradas por Parry, p. 195, que são evidentemente vestígios de *qarmang*. Hall menciona expressamente que os Nugumiut só renunciaram a esse modo de construção e fizeram iglus de neve porque não possuíam mais costelas de baleia. Ver também Markham 1875b: 263 e 264. **122.** Sobre as casas dessa região, ver Parry: 280, ruínas no planalto de Iglouluk, p. 258, 358, 545; Lyon 1824: 115; Boas 1901: 96. **123.** Parry fala formalmente ausência de madeira flutuante e das dificuldades de construção resultantes, p. 390, 423. Boas menciona também o abandono da armação de osso em favor do iglu de neve. Cf., sobre as ruínas na ilha Bathurst, Boas 1893: 128; John Ross 1833: 389 (que são casas de inverno). Construções com costelas de baleia são mencionadas pela tradição na Groenlândia, e até mesmo constatadas. Cartensen 1890: 124.

Suponhamos agora que esse último recurso do construtor esquimó, a costela de baleia, venha também a faltar, e então outras formas aparecerão. Com muita freqüência o esquimó recorrerá a uma matéria-prima que ele sabe utilizar perfeitamente e que tem sempre à mão: a neve.¹²⁴ Daí o *iglu* ou casa de neve, tal como o encontramos na terra de Baffin¹²⁵ e na costa setentrional da América.¹²⁶ O *iglu* apresenta, aliás, todos os caracteres essenciais da casa grande: é geralmente múltiplo, composto,¹²⁷ isto é, dois ou três *iglus* aglomeram-se e vão desembocar num mesmo corredor; é sempre munido de um corredor, cuja saída é em parte subterrânea; por fim, ele contém, no mínimo, dois bancos de neve com dois lugares de lâmpadas.¹²⁸ De resto, pode-se estabelecer historicamente que o *iglu* é um sucedâneo da casa retangular ou poligonal. Em 1582, Frobisher, sobre a *Meta Incognita*, nos descreve habitações feitas de terra e relva.¹²⁹ Um pouco mais tarde, Coats encontra mais adiante o mesmo tipo de habitação.¹³⁰ Ora, nesse momento o clima e as correntes eram diferentes dos que lentamente se estabeleceram entre os séculos XVI e XVII;¹³¹ é possível, portanto, que a madeira flutuante, já escassa no século

124. Pode parecer que o *iglu* de neve seja uma coisa perfeitamente primitiva entre os Esquimós, pois sabemos que em toda parte o abrigo temporário sob a neve foi comum, e o cortador de gelo faz parte do material pré-histórico esquimó. Mas há *iglus* e *iglus*, e, a nosso ver, o *iglu* permanente de neve, a casa de inverno, é de origem recente. O *iglu* com corredor é desconhecido, exceto nos locais onde o indicamos. Cf. a ilustração de Egede 1741: 71. Cf. a figura in Rink 1875: 247. Foi formalmente dito a Rasmussen (1905: 31), pelos Esquimós do estreito de Smith, que imigrantes da terra de Baffin é que lhes ensinaram a construir o *iglu* de neve propriamente dito. 125. Boas 1884-85: 539-ss, 1901: 95-ss, fig. 40, p. 97; Hall 1864, I: 21; Kumlien 1877-78: 40. 126. Ver Parry: 159, 160 e ilustrações, pp. 358, 499, 500, excelente planta de um *iglu* composto. A melhor planta foi oferecida por Augustus, da tribo de Fort Churchill, a Franklin 1823: 287; ver também Peck, *The Life of Rev. Peck*: 47, 55, 56 e 94, com fotografia (Little Whale R.); Tyrrell 1898: 136, 137, cf. 179, refere-se ao Labrador e à região do fiorde de Chesterfield; Hanbury 1904: 77 e 78, uma planta (Bake lake); Gilder 1880: 256; Schwatka 1885: 18; Klutschak: 23 etc.; John Ross 1833: 230 (Netchillirmiut); Hall 1879: 128. — O *iglu* de neve seria, acreditando em alguns autores pouco seguros, a forma da casa de inverno no Labrador, Maclean 1849, II: 145, 146. Ballantyne 1857: 28-ss; mas cf. Turner: 224-ss, além de o *iglu* de Ungava não ter corredor (Turner, fig. 48), o fato deve ser restrito aos Esquimós um tanto degenerados do estreito de Hudson e da baía de Ungava, e é certo que a casa de tipo groenlandês precedeu mesmo lá o *iglu* de neve; ver Murdoch: 228; para uma descrição da velha casa no Labrador, ver *Moravians in Labrador*. 17. 127. Ver as plantas de Boas 1884-85: 546-ss; 1901: 96. 128. Ver Parry: 502. 129. Beste 1578, 1ª viagem, pp. 82, 84; 2ª viagem, cap. Warwick, pp. 137, 138, descreve uma aldeia de *qarmang*. 130. Coats, in J. Barrow 1852: 35, 76; Henri Ellis 1758: 87. Cf. ruínas na península Melville, Bellot 1854: 354. 131. É certo que os mares atualmente fechados não o eram, poucos séculos atrás, e que isso >

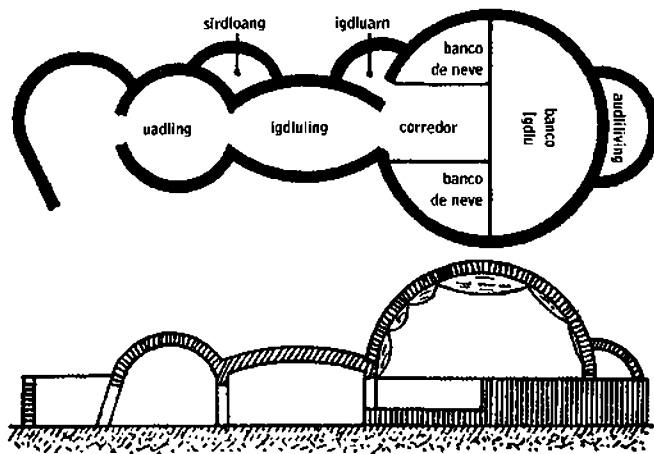


Figura 4. Planta e elevação de um iglu de neve simples, do noroeste da baía de Hudson (H. B.). *Igdluling* (corredor e nicho para cães), *Uadling* (cozinha e lixeira). Os pequenos segmentos tangentes são depósitos de provisões etc.

xvi, tenha se tornado rara a ponto de se reservar seu emprego às ferramentas, às armas. Então, passou-se a construir, e cada vez mais, *qarmang*. Em 1829, Parry encontra aldeias inteiras de casas feitas com ossos de baleia.¹³² Mas essas próprias aldeias devem ter se tornado impossíveis na medida que os baleeiros europeus devastaram os estreitos e as baías do arquipélago ártico.¹³³

Noutras condições, em que a madeira e os ossos de baleia eram igualmente escassos, recorreu-se à pedra. Foi o que aconteceu na tribo do estreito de Smith.¹³⁴ À chegada dos primeiros europeus, essa tribo encontrava-se num estado lamentável.¹³⁵ A extensão considerável do

> deve ter resultado de um deslocamento das correntes polares. Sobre estas, ver *Arctic Pilot* (Almirantado inglês), *Sailing Directions*, 1905: 11-ss. Cf. Richardson 1861: 210-ss. **132.** Ver textos citados mais acima, p. 454, n. 122. Cf. Lyon 1825: 67. **133.** Ver Hall 1864, I. **134.** Sobre as mudanças morfológicas sofridas por essa tribo, ver Preuss 1890: 38-43. **135.** Ver J. Ross 1819, I: 114-ss; Kane 1853, I: 206, 416-ss; Hayes 1860: 224; a mudança já é perceptível em 1861, por ocasião da segunda expedição de Hayes, *Open Polar Sea*, 1867: 245. Aliás, Hans Hendrik, um esquimó groenlandês, fugiu para junto dos europeus, e é por volta dessa época que deve ter se produzido a grande imigração que Rasmussen (1905: 21-ss) nos relata, cuja importância, não sabemos como, Peary parece ignorar, e tanto Hayes como Hall e Bessels parecem ocultar. Sobre a situação atual, ver Peary 1898, ap. I: xlix. Astrup 1898: 138-ss, e sobretudo o livro infinitamente mais verídico de Rasmussen.

gelo de terra e a persistência, durante quase o ano todo, do gelo de deriva, não apenas impediam qualquer chegada de madeira flutuante, mas também detinham a baleia e impossibilitavam a caça em águas livres às morsas, aos focídeos e aos delfínídeos.¹³⁶ Na falta de madeira, o arco desapareceu, assim como o caiaque, o *umiak* e a maior parte dos trenós. Os desafortunados esquimós viam-se assim reduzidos a guardar somente a lembrança de sua antiga técnica.¹³⁷ Daí a necessidade que sentiram de construir casas exclusivamente feitas de pedra e de relva. Mas a natureza dos materiais obrigou a modificar a forma da casa. Como grandes casas de pedra eram muito difíceis de construir para essa miserável população, foi preciso contentar-se com casas pequenas.¹³⁸ Contudo, o laço de parentesco que as une ao tipo da casa grande é ainda evidente apesar dessas mudanças. Em seus traços essenciais, a casa pequena assemelha-se ainda à casa grande groenlandesa, da qual, no fundo, não é senão uma miniatura: reencontramos a entrada enterrada, a abertura no mesmo lugar, o banco erguido com compartimentos.¹³⁹ Enfim, e sobretudo, ela é geralmente habitada por várias famílias, o que, como veremos daqui a pouco, é um traço distintivo da casa grande.

Essa pequena casa de pedra, portanto, não é senão, para nós, uma transformação da casa grande da Groenlândia ou do Mackenzie. Já para alguns arqueólogos, era ela, ao contrário, que constituía o fato primitivo. Mas o único fato sobre o qual se apóia essa hipótese é o seguinte: na Groenlândia do noroeste, de um lado, na terra de Francisco José, no Scoresby Sound,¹⁴⁰ no arquipélago Parry,¹⁴¹ de outro, foram descobertas ruínas de antigos assentamentos de inverno que parecem ter sido pequenas casas de pedra, semelhantes às do estreito de Smith. Mas esse fato único não é de modo algum probatório. Com efeito, há noutros lugares um grande número de ruínas de casas coletivas e cujo

136. Era praticada apenas a caça ao urso, aves e renas, e a caça perigosa à beira do gelo. 137. A palavra *umiak* havia perfeitamente persistido, Kane, II: 124-ss. 138. Sobre essas pequenas casas, ver sobretudo Peary 1898, I: 113-ss, com os planos e cortes de Astrup, p. 108 (aldeia de Keate, Northumberland Island); cf. sobre a construção, I, p. 91, 87, figura; cf. Sra. J. D. Peary 1893; 1903 (Etah, com fotografias), p. 67. Cf. Rasmussen 1905: 9-ss. Na realidade, aliás, o iglu de neve substitui agora a casa de pedras. 139. Ver sobretudo Kane 1856, I: 124, II: 113, habitação de Itah; o desenho é certamente feito de memória. Cf. Ross 1819: 130. 140. Ver Ryder 1895: 280-ss. A afirmação de que essa casa tinha somente uma lâmpada (p. 299), portanto contendo só uma família, não nos parece justificada. Cf. von Drygalski, *Deutsche Norpol Expedition*, I: 585. 141. Ver Boas 1893: 128, e textos citados. Cf. Greely 1875: 379-ss.

caráter é relativamente uniforme;¹⁴² além disso, nada prova que essas ruínas sejam realmente os mais antigos vestígios de casas de inverno que possuímos; enfim, se a casa pequena fosse o fato inicial, dificilmente se explicaria a generalidade e a permanência, sob modalidades diversas, do tipo da casa coletivas.¹⁴³ Seria preciso admitir que, num momento dado, porém mal determinado, e por causas igualmente indeterminadas e difíceis de perceber, os Esquimós teriam passado, no inverno, da família isolada para a família aglomerada. Não vemos nenhum motivo claro para essa transformação: ao contrário, mostramos, a propósito da tribo do estreito de Smith, de que maneira a transformação no sentido inverso é facilmente explicável.

O conteúdo da casa. – Agora que conhecemos a disposição da casa, vejamos qual a natureza do grupo que nela habita.

Enquanto a tenda compreende apenas uma família, a habitação de inverno, em todas as suas formas, normalmente contém várias;¹⁴⁴ é o que já pudemos perceber na descrição precedente. Aliás, o número de famílias que coabitam é variável. Pode elevar-se até seis,¹⁴⁵ sete ou mesmo nove nas tribos groenlandesas orientais;¹⁴⁶ tendo chegado outrora a dez na Groenlândia ocidental,¹⁴⁷ ele se reduz a dois nas menores casas de neve e nas pequenas casas de pedra do estreito de Smith. A existência de um mínimo de famílias por casa é inclusive tão característico do assentamento de inverno esquimó que, onde quer que vejamos esse número

142. Ver catálogo das ruínas, in Markham 1875a: 115-ss. 143. De resto, todas essas ruínas no extremo norte são evidentemente vestígios de populações prestes a emigrar ou muito próximas da extinção. Ora, no relato sobre Neu-Herrnhut, 1757, Cranz (1757: 258, n.) indica que, por ocasião de uma fome, 15 pessoas, impossibilitadas de acender lâmpadas por falta de óleo, refugiaram-se numa pequena casa de pedra, onde se aqueciam mais facilmente e por contato. É razoável supor que causas desse tipo produziram o mesmo efeito de retração, se não da família de inverno, ao menos do espaço que a continha. 144. Quase todos os textos citados mais acima contêm informações sobre essa questão, evidente para todas as casas coletivas, ou casas compósitas. Baste-nos indicar que, no único lugar onde a casa pequena é atualmente habitada, no estreito de Smith, habitam ou habitavam normalmente pelo menos duas famílias. Cf. Hayes 1860: 64; Kane 1856, II: 114, 116 (contém inverossimilhanças); Hayes 1867: 262, 270 (uma família vai se instalar com outras três em Itiblik, ou Itiblu, segundo Peary). A introdução do iglu de neve modificou, aliás, a própria morfologia. 145. Máximo atingido no Alasca, cf. Porter 1893: 164; Jacobsen nos descreve a casa de um malemiut rico, ou talvez chefe, em Owirognak, onde habitam cerca de sete grupos de parentes (adotivos e outros), Woldt 1886: 241. 146. Máximo atingido em Angmagssalik, onde a casa se confunde, aliás, com o estabelecimento de inverno, cf. Holm 1888: 87-ss. Cf. figura mais acima. 147. Cranz, III, I, § 4.

diminuir, podemos estar certos de que, ao mesmo tempo, houve um apagamento da civilização esquimó. Assim, nos recenseamentos relativos ao Alaska, podemos dizer, com base na relação entre número de famílias e número de casas, se estamos diante de uma aldeia esquimó ou de uma aldeia indígena.¹⁴⁸

No interior da casa groenlandesa, cada família tem seu lugar determinado. No iglu de neve, cada família tem seu banco específico;¹⁴⁹ ela possui seu compartimento na casa poligonal,¹⁵⁰ sua parte no banco com divisórias nas casas da Groenlândia,¹⁵¹ seu lado na casa retangular.¹⁵² Há assim uma relação estrita entre o aspecto morfológico da casa e a estrutura do grupo complexo que ela abriga. Todavia, é curioso constatar que o espaço ocupado por cada família pode não ser proporcional ao número de seus membros. Elas são consideradas como unidades, equivalentes umas às outras. Uma família restrita a um indivíduo ocupa um espaço idêntico ao de uma descendência numerosa com seus ascendentes.¹⁵³

O kashim. – Além das habitações privadas, existe porém uma outra construção de inverno que merece nossa particular atenção, por colocar em evidência os caracteres particulares da vida que levam os Esquimós durante essa estação. É o *kashim*, palavra européia abreviada de uma palavra esquimó que significa *meu lugar de reunião*.¹⁵⁴

É verdade que o *kashim* atualmente não existe mais em toda parte. No entanto, encontramos-lo ainda em todo o Alaska¹⁵⁵ e em todas as tri-

148. Ver apêndice I; as aldeias do Alaska, em que o número de famílias e o de casas coincidem, são indígenas. 149. Ver os textos citados, p. 455, n. 126; a descrição dada por Lyon de uma casa de Iglouluk que representa duas famílias num mesmo banco de iglu deve ser ligeiramente errônea. 150. Ver os textos das pp. 452-53, n. 114; ver Petitot 1872: xxviii. 151. Ver as ilustrações em Rink 1875: 74, 86 etc. Cf., para o Labrador, *Periodical Accounts*, 1790. 152. Ver Murdoch: 83. Em Nunivak Island, a casa compreende normalmente quatro famílias, Porter: 126; o mesmo no distrito de Nundhagak, ver Porter: 108. Foi provavelmente a partir desse fato que Boas acreditou poder vincular definitivamente a casa de inverno esquimó à dos índios do noroeste americano (*Report on the North-Western Tribes of Canada*, 1887). 153. Isso pode ser deduzido de várias das descrições indicadas, mas é formalmente afirmado, e provado conforme um desenho, em relação a Angmagssalik, cf. Holm 1888, ilustr. xxiii, cf. p. 66. O n. 7, um viúvo, ocupa um lugar inteiro, mas não tem lâmpada. 154. Sobre o *kashim* em geral, ver Richardson 1861: 318, 319; 1851, I: 365. 155. Sobre o *kashim* no Alaska, ver sobretudo Nelson: 241-ss; os textos mais antigos fazem menção expressa dele, ver Glasunov, in Wrangell, *Statistische Ergebnisse* etc.: 145, 149, 151, 154; Beechey 1821, I: 267, II: 569, cf. pp. 542, 550; tenente Zagoskin, in Petroff: 38-ss; Simpson 1875: 259 (ponta Barrow). Os recenseamentos de Dall 1872: 406 etc., os de Petroff: 35-ss, os de Porter: 103-ss, trazem muitas informações, cf. Elliott 1886: 385-86. As aldeias prósperas têm até dois ou três *kashim*, ver >

bos da costa ocidental americana, até a ponta Atkinson.¹⁵⁶ Segundo o relato que nos chegou das últimas explorações, ele existia ainda na terra de Baffin e na costa noroeste da baía de Hudson, bem como na costa meridional do estreito de Hudson.¹⁵⁷ Por outro lado, as primeiras missões dos irmãos morávios no Labrador assinalam sua existência.¹⁵⁸ Na Groenlândia, embora não tenha deixado vestígios nem ruínas (exceto um caso duvidoso),¹⁵⁹ nem referências nos antigos autores dinamarqueses, a linguagem¹⁶⁰ e alguns contos conservaram-nos sua lembrança. Temos portanto boas razões para pensar que ele normalmente participava da composição de todo primitivo assentamento esquimó.

O *kashim* é uma casa de inverno, mas de maior tamanho. O parentesco entre as duas construções é tão íntimo que as formas diversas que o *kashim* adquire conforme as regiões são paralelas à que adquire a casa. As diferenças essenciais são duas. Primeiro, o *kashim* tem um fogo central,

> Nelson: 242-ss, cf. p. 391. (Kushunuk, cabo Vancouver, onde está expressamente estabelecido que dois *kashim* são usados simultaneamente.) Porter: 105, 107, 114-15 etc. Há uma lenda de uma vila, na entrada do Yukon, com cem *kashim*, diz Jacobsen 1886: 179, 207, cf. Nelson: 242. Ver outras enumerações de aldeias com vários *kashim* em Jacobsen, op.cit.: 225-26, 228. É muito difícil saber a que estrutura social correspondem esses dois *kashim*, e qual sua utilidade. Estariam relacionados à espécie de organização em clãs que Nelson assinalou? A aldeia da Ponta Barrow, que tinha três *kashim* em 1851, contava com apenas dois em 1856, ver Murdoch: 79-ss, cf. Woolfe, in Porter: 144 (não compreendemos que esses *kashim* tenham sido construídos em gelo, em 1889). 156. Sobre o *kashim*, na ponta Warren, ver Miertsching 1856: 121. Cf. A. Armstrong 1857: 159; Petitot 1872: xxx; Richardson (ponta Atkinson), in Franklin 1828: 215-16, descrição importante (cf. textos citados mais acima, e Richardson 1851, 1: 254-55). 157. Boas 1884-85: 601-ss; cf. Hall 1879: 220. As ruínas de Parry: 362-ss, são evidentemente as de antigos *kashim* feitos de costelas de baleia. A lembrança das festas e práticas conservaram-se. Beechey, que participou da primeira expedição de Parry, aproxima (em 1824, II: 342) o *kashim* de ponta Hope ao dos Esquimós orientais. Cf. (Gore Bay) Lyon: 61. Cf. conto n. 16, in Boas 1901. (*Kashim* de pedra). 158. Carta de Okkak, 1791, in *Periodical Accounts rel. t. Missions of the church of the Unite Brethren*, Londres, 1792, 1: 86. “O povo de Kivalek construiu uma casa de neve para lá jogar e dançar, e tendo sido censurados por isso, sua resposta foi ‘de que está difícil pegar baleias, que teriam de realizar um jogo-*katche* para atraí-las’”. Mas algumas mulheres que haviam dançado morreram subitamente e a *gaming house* é derrubada. É curioso que o dicionário de Erdmann (se é que o folheamos bem) não contenha referência à palavra *Kache* (?) ou *qagche* (?). Ver também Turner: 178. Cf. Turner 1887 (Ungava Bay). 159. Rink, in *Geogr. Tidkr.*, VIII: 141. (Disco), cf. conto em Thalbitzer 1904: 275, cf. p. 297. 160. Cf. Rink 1875: 8, contos p. 273, 275, 276, cf. Kleinschmidt 1871: 124 col., e 125 col. a. Rink 1887-91: 26; *ibid.*, supl., seção 20, n. 16; cf. *ibid.*, seção 29, n. 11. Indicações de Cranz, entre outras *History of Greenland* (ed. ingl.), II: 29, cf. p. 73 (Relato de Neu Herrnhut, 1743, 1744), cf. p. 365, 367, podem fazer suspeitar a existência de algo do gênero do *kashim*.

enquanto a casa não o possui (exceto no extremo sul do Alaska, onde a influência da casa indígena se faz sentir). Esse fogo verifica-se não apenas onde ele tem uma razão prática de ser, devido ao emprego da madeira como combustível,¹⁶¹ mas também nos *kashim* provisórios de neve da terra de Baffin.¹⁶² A seguir, o *kashim* é quase sempre sem compartimento e sem banco, geralmente com assentos.¹⁶³ Mesmo quando é construído na neve, não sendo possível portanto construir um grande domo único porque esse material não se prestaria a isso, a maneira como são ligados os domos e abertos os compartimentos dá finalmente ao *kashim* a forma de uma espécie de salão com pilares.

Essas diferenças na disposição interior correspondem a diferenças funcionais. Se não há divisão nem compartimento, se há um fogo central, é que essa é a casa comum do assentamento inteiro.¹⁶⁴ Ali se realizam, nos lugares onde temos boas informações, cerimônias que reúnem toda a comunidade.¹⁶⁵ No Alaska, o *kashim* é, mais especialmente, a casa dos homens;¹⁶⁶ é lá que dormem adultos, casados ou não casados, separados das mulheres e das crianças. Nas casas do sul do Alaska, ele serve de sauna;¹⁶⁷ mas essa destinação, acreditamos, é de data relativamente recente e de origem indígena, ou talvez até russa.

Ora, o *kashim* é exclusivamente uma construção de inverno. Eis o que evidencia claramente o traço distintivo da vida hiberna. O que a caracteriza é a extrema concentração do grupo. Nesse momento, não apenas várias famílias se aproximam numa mesma casa e nela coabitam, mas também todas as famílias de um mesmo assentamento, ou pelo menos toda a população masculina, sente a necessidade de reunir-se num mesmo local e ali levar uma vida em comum. O *kashim* surgiu para atender essa necessidade.¹⁶⁸

161. Ver Elliott 1886: 385, 386; cf. Jacobsen 1886: 321. 162. Boas 1884-85: 601, 602. 1901 (Nugumiut), p. 141; Hall 1864, II: 320. 163. Cf. Jacobsen op.cit.: 323. 164. Cf. mais adiante, pp. 474 e 475. 165. Boas 1901: 141. (Nugumiut); Murdoch: 83. 166. Schanz, in Porter: 102 (parece ser copiado de Glasunov); Nelson: 285 etc. 167. Nelson: 287; Jacobsen op.cit.: 212, Elliott, loc.cit. 168. Além do *kashim*, da tenda e da casa comprida, existem algumas outras construções, mas especiais e temporárias, que não têm grande interesse para o nosso tema, e que nos limitamos portanto a mencionar brevemente. São casas de uma forma intermediária entre a tenda e o iglu. Elas só têm um emprego regular nas regiões centrais. Na terra de Baffin, na primavera, quando a cobertura da casa de neve começa a derreter, e não sendo possível ainda habitar as tendas, constróem-se iglus cujas paredes são de neve, mas cujo domo é formado de peles. (Cf., entre outros, Parry: 358, com boas descrições.) >

É o que irá mostrar, melhor ainda, a maneira como as habitações estão dispostas no solo conforme a estação. Pois elas não apenas são diferentes em forma e extensão, não apenas abrigam grupos sociais de tamanho muito desigual, como acabamos de ver, mas também estão distribuídas de modo muito diferente no inverno e no verão. Na passagem do inverno ao verão, iremos vê-las ou muito próximas umas das outras, ou, ao contrário, disseminadas em largas superfícies. Sob esse aspecto, as duas estações oferecem espetáculos inteiramente opostos.

Distribuição das habitações de inverno. – Com efeito, se a densidade interior de cada casa, tomada à parte, varia, como mostramos, conforme as regiões, em contrapartida podemos dizer que a densidade do estabelecimento, tomado em conjunto, é sempre a maior possível, levando em conta obviamente as facilidades de subsistência.¹⁶⁹ Nesse momento, o volume social, isto é, a área efetivamente ocupada e explorada pelo grupo, é mínimo. A caça aos focídeos, que obriga o caçador a afastar-se um pouco, é obra exclusiva dos homens; mesmo assim, eles só vão além de uma determinada costa para objetivos determinados ou passageiros; e, seja qual for a importância dos deslocamentos em trenó, praticados sobretudo pelos homens,¹⁷⁰ eles não afetam realmente a densidade total do estabelecimento, a não ser quando há um excesso de população.¹⁷¹

> Inversamente, no começo do inverno, a tenda é às vezes coberta de relva e musgos, essa primeira camada sendo a seguir revestida de peles, e à entrada instala-se uma abóbada de neve. Essa instalação pode às vezes tornar-se definitiva. Boas 1884-85: 551, 553. Um pouco em toda parte recorre-se a essas construções mistas, especialmente quando, durante um deslocamento, mesmo no verão, uma série de dias ruins obriga a construir um abrigo. Kane nos descreve essas instalações mistas em 1851, em Disco (1856: 46). Limitamo-nos a assinalar as pequenas casas e as tendas geralmente empregadas para isolar a mulher sob a qual pesa um tabu. Ver sobretudo Murdoch: 86, Woolfe, in Porter: 141 (ponta Barrow). Trata-se de uma reação da fisiologia social sobre a morfologia, e há outras ainda. Deixamos de lado a questão das casas de verão no Alaska, questão demasiado técnica para ser discutida aqui. 169. Os números dados mais acima relativos ao assentamento esquimó referem-se ao estabelecimento de inverno. A concentração de toda a “unidade social” num ponto resulta, evidentemente, num máximo de concentração. Discussão in Rink s/d.: 253, e boas descrições in Cranz, XII, 1, § 4 e § 5; Boas 1884-85: 561, cf. 482-ss; cf. Porter (Woolfe): 148 (Schanz), p. 102-ss. (Porter), p. 164. 170. Os deslocamentos de inverno só são praticados na terra de Baffin, ver Boas: 421. Contudo, o mapa oferecido por Boas desses deslocamentos (mapa 11) não deve nos iludir sobre a amplitude desses movimentos. 171. A única tribo que foge relativamente à regra é a do estreito de Smith. Ver Kroeber 1896: 41-ss; Peary 1898, I: 502-ss. Mas >

Há inclusive um caso em que essa concentração é tão grande quanto possível; é o de Angmagssalik; lá, o estabelecimento inteiro reside numa única e mesma casa que compreende, portanto, todos os habitantes da unidade social. Enquanto noutros lugares uma casa contém apenas de duas a oito famílias, em Angmagssalik atinge-se o máximo de onze famílias e de até 58 habitantes. Atualmente, num trecho de costas de mais de 120 milhas, há treze estabelecimentos, treze casas onde se dividem os 392 habitantes da região; ou seja, em média trinta por casa.¹⁷² Mas essa extrema concentração não é um traço primitivo; é certamente o resultado de uma evolução.

Por outro lado, em todos os outros casos em que se observaram casas de inverno isoladas, não agrupadas, elas eram, muito provavelmente, habitadas por famílias que, por razões diversas, haviam sido levadas a separar-se de seu grupo original.¹⁷³ Aliás, as *single houses*, observadas por Petroff no Alaska,¹⁷⁴ praticamente desaparecem no recenseamento de Porter; em todo caso, o primeiro dos grandes recenseamentos dessa região, o de Glasunov em 1924, felizmente feito no inverno, menciona apenas aldeias de oito a quinze casas, compreendendo de 200 a 400 habitantes.¹⁷⁵ Quanto às ruínas do arquipélago Parry e do N. Devon, onde encontramos com frequência estabelecimentos de inverno reduzidos a uma só casa, essa redução, embora pareça considerável em relação à média, não deve surpreender se pensarmos que essas ruínas datam evidentemente de uma época em que os Esquimós empobrecidos estavam deixando de habitar essas regiões.¹⁷⁶

Em resumo, eliminando fatos aparentemente contrários, pode-se dizer, de uma maneira geral, que um estabelecimento de inverno compõe-se de várias casas, próximas umas das outras.¹⁷⁷ Quanto à maneira

> explicamos que há, para essa tribo, condições muito especiais. 172. Ver mais acima, p. 441. Cf. Holm: 89-ss. 173. Os contos conservam muito particularmente o tema de pessoas que vivem em casas isoladas. Mas isso é precisamente por causa do caráter romanesco desse tipo de vida. Rink 1875: 278, 568; Boas 1901: 202 etc. Hayes explica a existência dos isolados de Northumberland Island (estreito de Smith), 1860: 242-44 (a mulher de um deles é uma feiticeira). 174. *Rep. Alaska*: 125, 126-ss. 175. Ver Apêndice II. E os textos citados mais acima, p. 442, n. 68-ss. 176. Ver mais acima, pp. 457-58, n. 141 e 142. Cf. Sverdrup, *Nyt Land*, I: 150; II: 179, cf. mapas, I: 320. II: 128; existem também nessas regiões ruínas de casas agrupadas, cf. Sverdrup, I: 211, II: 371. 177. Os textos citados mais acima, pp. 456-58, são em sua maioria extraídos de descrições de estabelecimentos de inverno já mencionados. Aliás, Steensby (1905: 51-141) oferece abundantes referências que não temos necessidade de completar.

como estão dispostas, não nos é dito que tenha algo de metódico,¹⁷⁸ exceto, tanto quanto sabemos, em dois casos relativos às tribos meridionais do Alasca.¹⁷⁹ O fato tem sua importância.

Essa disposição das habitações é suficiente para mostrar o quanto, nesse momento, a população está concentrada. Mas talvez essa concentração tenha sido maior outrora. Certamente, a conjetura não pode ser demonstrada com rigor, no estado atual de nossas informações; no entanto, ela possui alguma plausibilidade. Com efeito, os velhos viajantes ingleses nos falam de aldeias esquimós enterradas no solo, como montículos de toupeira, e cujas habitações estavam agrupadas em torno de uma cabana central, maior que as outras.¹⁸⁰ É bastante provável que fosse o *kashim*. Por outro lado, quanto às tribos do leste do Mackenzie, eles nos falam expressamente de comunicações entre as casas, e mesmo entre as casas e o *kashim*.¹⁸¹ Chegamos assim a imaginar o grupo de inverno como tendo podido, outrora, ser constituído por uma espécie de grande casa única e múltipla ao mesmo tempo. Assim se explicaria como puderam se formar estabelecimentos reduzidos a uma só casa, como a de Angmagssalik.

Distribuição dos habitantes durante o verão. — No verão, a disposição do grupo é completamente diferente.¹⁸² A densidade de inverno dá lugar ao fenômeno contrário. Não apenas cada tenda compreende apenas uma única família, como elas também estão muito afastadas umas das outras. À aglomeração das famílias na casa e das casas no interior do estabelecimento sucede uma dispersão das famílias; o grupo se dissemina.

178. Os mapas de Lichtenfels, de Neu Herrnhut, dados em Cranz, II, são devidos aos missionários europeus. 179. (Rasbinksky) Nelson: 247; Jacobsen 1886: 314; cf. Porter: 107. Um desses estabelecimentos foi certamente construído sob a influência russa. Comporta uma aldeia de inverno alinhada defronte à aldeia de verão. 180. Ver mais acima p. 448, n. 97. O texto de Coats que fala de uma única "choupana" é evidentemente exagerado. 181. Richardson, texto citado mais acima, p. 460, n. 156. Cf. ruínas que se comunicam todas entre si, ao norte da península Melville, Bellot 1854: 207. Richardson diz, ao falar dos iglus netchilirmiut: "social intercourse promoted by buildong houses contiguously, and cutting doors of communication between them, or by erecting covered passages" ["interação social promovida pela construção de casas contíguas, e abertura de portas de comunicação entre elas, ou pela construção de passagens cobertas"], 1851, t: 350. Por fim, é muito significativo que na enseada Cook, no limite de fusão entre as sociedades indígenas e as sociedades esquimós, haja uma aldeia em que todas as casas de inverno se comunicam com o *kashim*, Jacobsen 1856: 362. 182. Abundantes informações gerais sobre um grande número de acampamentos de verão encontram-se em Steensby 1905: 50-130, e conclusão, p. 142-ss.

Ao mesmo tempo, à imobilidade relativa do inverno opõem-se viagens e migrações geralmente consideráveis.

Conforme as circunstâncias locais, essa dispersão ocorre de maneiras diferentes. O modo mais normal é a dispersão ao longo das costas e no interior. Na Groenlândia, assim que chega o verão, e ele chega depressa,¹⁸³ as famílias concentradas nos iglus do estabelecimento carregam em seus *umiak* (embarcações das mulheres) as tendas de duas ou três famílias associadas. Em muito pouco tempo, todas as casas se esvaziam e as tendas aparecem ao longo das margens do fiorde. Em geral são montadas a distâncias relativamente consideráveis umas das outras.¹⁸⁴ Em Angmagssalik, onde há treze casas de inverno (que, como dissemos, constituem cada qual um estabelecimento), vinte e sete tendas se distribuem nas ilhas do mar defronte, transportando-se depois para os raros campos onde pasta a rena, em cerca de cinqüenta locais aproximadamente. Segundo os bons documentos do velho Granz,¹⁸⁵ entre o estabelecimento de Neu Herrnhut e o de Lichtenfels, a costa era o palco de uma dispersão igualmente grande, uma vez que, para oito estabelecimentos no máximo, contavam-se não menos que vinte e dois locais de tendas e acampamentos; e a contagem de Granz, certamente, se enganou antes para menos do que para mais. Além dessa dispersão ao longo dos fiordes,¹⁸⁶ há também, na Groenlândia, excursões às pastagens de renas e ao longo dos rios de salmão.¹⁸⁷ O mesmo acontece no Labrador.¹⁸⁸

Estamos bem informados sobre a expansão da tribo de Iglulik, na época de Parry, graças aos excelentes mapas esquimós que ele nos transmitiu¹⁸⁹ e nos quais se vê como a tribo se dispersa no verão. Essa pequena tribo não apenas se estende num espaço costeiro com mais de sessenta etapas, mas também ao longo de rios e lagos interiores; em busca de madeira, muitas famílias vão até o outro lado da península Melville e à

183. Ver detalhes meteorológicos em Kornerup 1880: 28-ss; Holm, tabelas em 1895-96: 227. Cf. Warming s/d.: 159-ss. **184.** Ver descrição em Nansen 1904: 72-ss; Egede, *Nye Perlestrætion*, ed. 1725: 25; 1741: 90; Cranz, livro III, 1, § 5; Rink 1875: 7; 1856, supl., p. xiii. Os contos marcam muito bem a passagem do inverno ao verão, cf. id. *ibid.*: 189, 132 etc. **185.** Cranz 1770: 247. **186.** Nos distritos do Sul formam-se grandes acampamentos de verão para a pesca do badejo, mas eles são eminentemente temporários e instáveis. **187.** Cf. Rink s/d.: 250-ss. **188.** Pode-se extrair, para o Labrador, dos relatos dos Irmãos Morávios (*Per. Accounts etc.*), para a Groenlândia, dos relatos de Cranz (livro V e cf. *Fortis.*: 4-ss.) e de Paul Egede (1741; 1788: 245), a história das dispersões e das passagens periódicas pelas diferentes missões, nos primeiros anos do assentamento delas. Não temos condições de publicar aqui esse trabalho que fizemos. **189.** Mapas da enseada Chesterfield em Repulse Bay (p. 198, cf. p. 195).

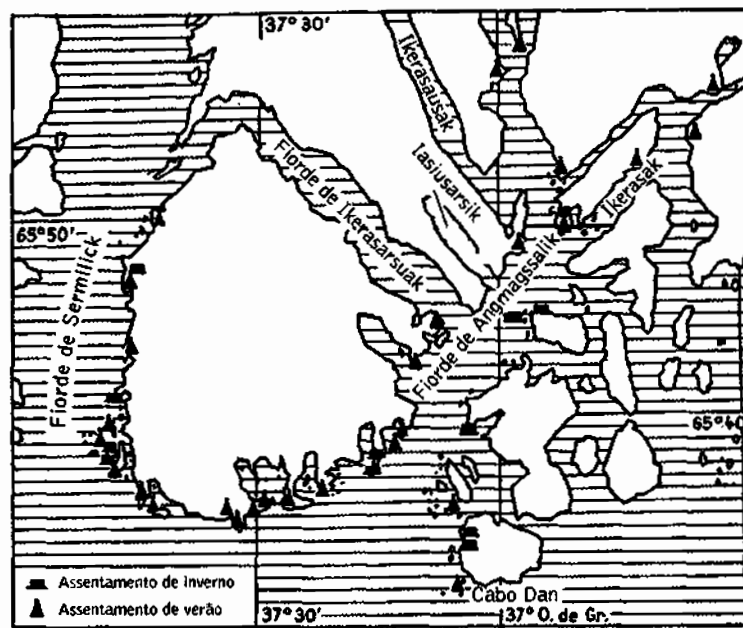


Figura 5. Assentamentos de inverno e assentamentos de verão em Angmagssalik (H. B.)¹⁹⁰

terra de Baffin, chegando mesmo a atravessá-la. Quando se pensa que essas migrações sazonais são feitas em família, que elas exigem de seis a doze dias de marcha, entende-se que esse modo de dispersão implica uma extrema mobilidade dos grupos e dos indivíduos.¹⁹¹ Segundo Boas,¹⁹² os Okomiut, ao norte da terra de Baffin, chegariam a atravessar o estreito de Lancastre na época do degelo e a subir a terra de Ellesmere até o estreito de Smith. Em todo caso, é certo que os assentamentos arruinados do Devon setentrional tiveram áreas de disseminação igualmente extensas, uma vez que, para oito estabelecimentos de inverno, contam-se trinta ruínas de estabelecimentos de verão num trecho litorâneo imenso. Os exemplos poderiam ser multiplicados. Mostramos aqui o mapa das áreas de nomadização de três tribos da terra de Baffin.

190. O mapa aqui apresentado foi feito com base em Holm 1893-94, XII: 249. O contorno das costas no fundo dos fiordes não é ainda certo, cf. Hansérak 1901 (ed. S. Rink): 22, 23, 43.
191. Cf. pp. 271, 178, e sobretudo Lyon: 343. 192. Sobre as migrações das tribos da terra de Baffin e suas áreas de nomadização no verão, ver Boas 1884-85: 421-ss, onde a maior parte dos textos se acham resumidos.

Ao longo de toda a costa americana,¹⁹³ os mesmos fenômenos se reproduzem com amplitudes diferentes; o máximo atingido é a dupla viagem comercial da tribo da ponta Barrow a Icy Cape, de um lado, para obter mercadorias européias ali trazidas, e a Barter Island, para trocar essas mercadorias com os Kupungmiut¹⁹⁴ de Mackenzie.

Os três deltas, os três estuários são as únicas regiões onde encontramos modos de dispersão que se desviam um pouco do tipo normal; mas cada um desses desvios deve-se a circunstâncias particulares e acidentais que é possível indicar. Com efeito, junto aos rios Mackenzie,¹⁹⁵ Yukon e Kuskokwim encontramos agrupamentos de verão relativamente consideráveis. Falam-nos de 300 pessoas da tribo do Mackenzie reunidas no cabo Bathurst.¹⁹⁶ Mas esse agrupamento, no momento em que foi observado, era temporário;¹⁹⁷ uma caça excepcionalmente abundante de baleias, de baleias brancas em particular, é que o determinara. Em outros momentos, essa mesma tribo foi vista dispersa durante o verão. Sobre algumas aldeias do Kuskokwim, é dito que os iglus de inverno são habitados no verão; mas eles parecem ser ocupados apenas momentaneamente, quando o grupo, após ter ido até o mar efetuar trocas, retorna e se dispersa a montante do rio, para a pesca ao salmão, e a seguir na tundra, para a caça às renas e às aves de passagem.¹⁹⁸ Noutros lugares, sobretudo nas aldeias dos rios marítimos, sucede de a aldeia montar suas tendas diante das casas de inverno abandonadas, sem que elas fiquem muito distantes umas das outras.¹⁹⁹ Mas,²⁰⁰ além de a densidade da popu-

193. Encontrar-se-ão abundantes informações em quase todos os viajantes, entre outros Franklin 1828: 120, 121 etc., e sobretudo naqueles enviados em busca de Franklin, que em suas explorações de verão (ver mapas in Miertsching 1856: 70-80) encontram em toda parte as aldeias de inverno abandonadas, as tendas e os acampamentos dispersos. Não podendo indicar todas as nossas referências, aliás bem apresentadas por Steensby, acrescentamos simplesmente às dele e às de Boas: Hanbury 1904: 42, 124, 126-27, 142, 144-45, 176, 214, 216; Tyrrell 1898: 105, 110 etc., sobre as regiões menos conhecidas, entre a enseada Chesterfield e o Mackenzie. 194. Sobre essas viagens, às vezes estendendo-se por dois anos, ver Murdoch: 43, 45, cf. os textos citados. Cf. Simpson 1875: 243, Porter (Woolfe 1890): 137-ss. 195. Petitot 1884: 28 etc., mas em sua maior parte são reuniões de comércio, com europeus ou índios, as mesmas tribos estando noutros lugares inteiramente dispersas, cf. *ibid.*: 166, 167, 179. Na ilha Herschel, um grande acampamento de 200 tendas (julho de 1850), in Hooper 1853: 260; cf. Mac Clure, *North-Western Passage*: 92. 196. Hooper *ibid.*: 348, cf. imagem, p. 350; cf. Richardson 1851, I: 248. 197. Fenômenos igualmente temporários explicam os grandes acampamentos observados por Beechey 1821, I: 247, 256, situados muito próximos de outros pequenos acampamentos. 198. Sobre essas aldeias, ver sobretudo, de preferência, Nelson: 285-ss, Porter (Schanz e Weber), p. 180-ss. 199. A aldeia observada, na enseada Hotham >

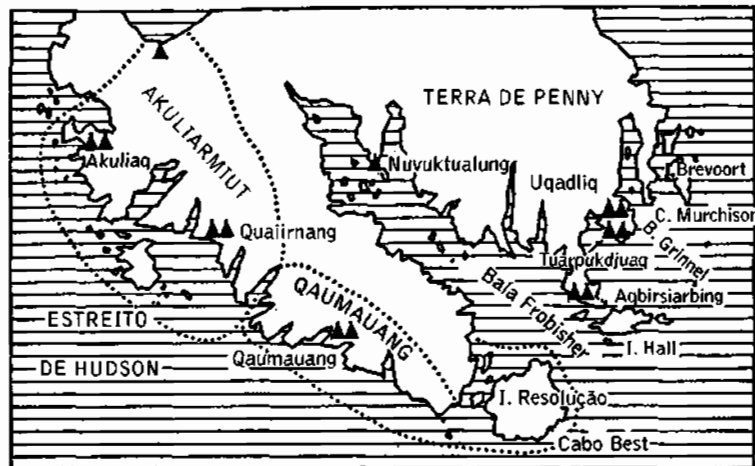


Figura 6. Áreas de dispersão de verão dos Akuliarmiut, dos Qaumauang e dos Nugumiut. Apenas os assentamentos de inverno são indicados. Dois triângulos isolados indicam os locais extremos das tendas de verão. (H. B.)

lação ser menor que no inverno, há nesse fato particular uma razão igualmente particular: é que o grupo, tanto no verão como no inverno, pratica um regime relativamente idêntico de ictiofagia; é mesmo curioso assinalar que, nesse caso não obstante desfavorável, a dualidade morfológica mantém-se, embora o grupo permaneça no lugar e as razões de sua dispersão estival tenham desaparecido.²⁰¹

Essa dispersão de verão deve ser relacionada com um traço da mentalidade coletiva esquimó, cuja análise nos permitirá compreender melhor o que é exatamente essa organização de verão tão diferente da de inverno. Sabemos o que Ratzel chamou o *volume geográfico* e o *volume mental* das sociedades.²⁰² O volume geográfico é a extensão espacial realmente ocupada pela sociedade em questão; o volume mental é a área geográfica que ela consegue abarcar com o pensamento. Ora, existe já

> (Nelson: 261), é uma aldeia temporária de comércio. **200.** Sobre essas aldeias, ver Nelson: 242-ss, que restringe a existência das aldeias permanentes de verão à região do Kuskokwim. **201.** Cf. Porter: 123; Elliott 1886: 402, 404. No entanto, os Togiagmiut, segundo Jacobsen, *Reise*: 347, e Elliott: 401, viviam em tendas de verão, embora tivessem o mesmo regime que os Kuskokwmiut, os Kvikkpagmiut, os Ikogmiut etc. Suspeitamos, assim, que o uso da casa (de madeira) e da aldeia de verão sejam de origem russa nessas regiões. **202.** Ratzel, *Politische Räume, Geogr. Zeitschr.*, 1: 163-ss; cf. 1882-91, 1: 217-ss; 1897: 263-67; cf. *A.S.*, v. 3, 565.

um significativo contraste entre as humildes dimensões de uma tribo esquimó e a imensa extensão das costas em que ela se dispersa, ou as enormes distâncias em que as tribos centrais penetram o interior das terras.²⁰³ Pois o volume geográfico dos Esquimós é a área de seus agrupamentos de verão. Mas ainda mais notável é seu volume mental, isto é, a extensão de seu conhecimento geográfico. Os casos de viagem ao longe, de trenó, antes do derretimento da neve na primavera, ou de *umiak*, pelas famílias no verão ou por indivíduos no inverno, não são tão raros.²⁰⁴ Daí haver, entre os Esquimós, um conhecimento tradicional de lugares extremamente distantes, mesmo entre aqueles que não fizeram essas viagens; assim todos os exploradores utilizaram o talento geográfico do qual as próprias mulheres esquimós são eminentemente dotadas.²⁰⁵ Devemos portanto imaginar a sociedade de verão não apenas como estendida nas áreas imensas que ela ocupa ou percorre, mas também como lançando mais além, muito ao longe, famílias ou indivíduos isolados, filhos perdidos que retornam ao grupo natal quando chega o inverno, ou um outro verão após terem se aventurado no inverno; poderíamos compará-los a imensas antenas que se estenderiam à frente de um organismo já, por si mesmo, extraordinariamente distendido.

3. As causas dessas variações sazonais

É bastante difícil reconhecer todas as causas que levaram à fixação dos diferentes traços dessa dupla organização; pois elas produziram sua ação através de um desenvolvimento histórico provavelmente muito longo e de migrações de extraordinária amplitude. Mas gostaríamos ao menos de indicar alguns dos fatores dos quais depende esse fenômeno,

203. Ver Boas 1884-85: 421-ss; cf. mapa *supra*; cf. mapa in Parry: 198. As grandes expedições de Hall e de Schwatka, em Boothia Felix e na Terra do Rei Guilherme, de Hanbury em toda a costa ártica, foram feitas com famílias esquimós. 204. O caso mais notável é o da viagem de habitantes da terra de Baffin ao estreito de Smith, e de sua tentativa de retorno; ver Rasmussen 1905: 21-ss; cf. Boas 1884-85: 443, 459. As travessias de esquimós da Groenlândia ocidental à Groenlândia meridional foram freqüentes. Ver Holm 1888: 56. 205. Parry: xiii, p. 513, 514, 251, 253, 276, 195, 198, 185; cf. Lyon: 250, 160-61, 177; Franklin (Herschel Island 1828: 132. Cf. Petitot 1884: 73, absurdo; Beechey 1821 II: 331, 291; Simpson, *Discoveries on the shores of the Arctic Sea* (s/d.): 149; Miertsching 1856: 83; Hall 1864, II: 331, 342; Boas 1884-85: 643-648; Holm: 143, ilustr. xxxii (mapas de bosques).

nem que seja para mostrar qual a parte correspondente às causas puramente físicas e restritas, em relação às das causas sociais.

Os observadores geralmente contentaram-se com explicações simplistas. Eles assinalam que a casa²⁰⁶ comum e quase subterrânea retém melhor o calor, que a presença de um certo número de indivíduos sob um mesmo teto é suficiente para elevar a temperatura, que a aglomeração de várias famílias economiza o combustível. Portanto, vêem nessa organização apenas um meio de lutar contra o frio. Mas, se essas considerações não são desprovidas de fundamento, a verdade que elas contêm é muito parcial. Em primeiro lugar, não é de modo algum exato que os Esquimós habitam as regiões mais frias do mundo.²⁰⁷ Um certo número deles estão estabelecidos em regiões relativamente temperadas, por exemplo no sul da Groenlândia e do Labrador, onde a oposição maior entre inverno e verão provém antes da proximidade dos gelos que descem pela corrente glacial ou do *inlandsis*, do que de uma real inferioridade de temperatura. Em segundo lugar, embora habitando em latitudes superiores e em climas continentais mais rudes que os de seus vizinhos esquimós da costa, os índios do interior do Labrador, os Montanheses, os Cree das Barren Lands,²⁰⁸ os da floresta alasciana²⁰⁹ vivem o ano todo em tendas; e essa tenda não apenas tem a mesma forma que a dos Esquimós: sua abertura no topo para a saída da fumaça, que os Esquimós não conhecem, torna-a bem menos eficaz contra o frio, mesmo no verão. É também significativo que os índios não tenham copiado de seus vizinhos uma invenção tão útil como a casa; eis um fato a mais contra as teorias que crêem explicar uma instituição social mostrando de quem ela foi tomada. Em terceiro lugar – e essa é a prova de que a casa de inverno faz parte, por assim dizer, da idiosincrasia das sociedades esquimós –, mesmo onde haveria razões para alterar sua forma, a alteração não se produziu. Assim, nos distritos arborizados do Alaska, algumas tribos que penetraram mais além da parte marítima dos rios, e cujos assentamentos de inverno estão mais próximos dos bosques que das zonas de caça às focas, em vez de instalarem um fogo

206. Convém eliminar, em todo caso, a noção clássica da “casa ártica”, que se encontra ainda em Berghaus 1865: 67. 207. Ver as isotermas, mesmo de inverno, em Bartholomew, *Physical Atlas, Meteorology*, mapa XVII. Deve-se suprimir, porém, o pólo de frio de Wercholsk (Sibéria). Cf. 1904. 208. Hearne (s/d.: 160, 162), um dos primeiros exploradores, fez essa oposição; Coats, do mesmo modo, 1852: 33; cf. Petitot 1884: 26. 209. Jacobsen observa precisamente a maior resistência dos índios do Alaska, Woldt 1886.

de madeira e abrirem seus tetos para deixar sair a fumaça, preferem comprar dos vizinhos o óleo, bastante caro,²¹⁰ para suas lâmpadas.

Uma explicação na qual transparece um sentimento mais vivo do problema e de sua complexidade é a que propôs Steensby.²¹¹ De acordo com esse autor, a civilização primitiva dos Esquimós seria do tipo indígena, e mais próxima da que hoje se observa entre eles no verão; por outro lado, a forma de suas casas pertenceria ao mesmo tipo que a dos índios das Pradarias (dos Mandan até os Iroqueses); seria o resultado de um empréstimo primitivo e teria se desenvolvido simultaneamente com toda a técnica de inverno, quando os Esquimós se aproximaram e depois se apoderaram do oceano Glacial. Mas não encontramos em parte alguma um único vestígio de Esquimós cuja ocupação principal teria sido a caça, tendo como única habitação a tenda. Tão logo os Esquimós são vistos como um grupo de sociedades determinadas, eles têm sua dupla cultura perfeitamente constituída, e seus mais antigos estabelecimentos de verão são sempre próximos de antigos assentamentos de inverno. Por outro lado, a comparação entre a casa coletiva indígena e a casa esquimó é relativamente inexata; pois nela não há nem corredor, nem banco, nem lugares de lâmpadas, três traços característicos da casa esquimó.

Descartadas essas explicações, examinemos primeiro como podem se explicar a concentração do inverno e a dispersão do verão.

Já tivemos a ocasião de mostrar quão forte é o apego dos Esquimós a seu regime de vida, por pobre que seja; eles não imaginam sequer que possam levar uma outra existência. Parecem nunca ter feito um esforço para modificar sua técnica. Nem o exemplo dos povos vizinhos com os quais têm contato, nem a perspectiva certa de uma vida melhor são suficientes para despertar-lhes o desejo de mudar a sua. Se, como os Atapascanos e os Algonquinos, vizinhos com os quais alguns deles mantêm um comércio constante, os Esquimós do norte da América tivessem adotado a raquete para deslizar sobre a neve, em vez de seu calçado impermeável, eles poderiam, em pleno inverno, perseguir por pequenos grupos a caça que só conseguem pegar no verão.²¹² Mas

210. Ver Porter: 103; Elliott 1886: 405. 211. Steensby 1905: 199-ss; cf. p. 105, tese 2. 212. A raquete somente é usada há muito tempo pelos Esquimós da ponta Barrow, cf. Murdoch: 344-ss, e mesmo lá parece ter sido importada. Em todo caso, as mencionadas por Kumlien 1877-78: 42, Boas 1901: 41, eram certamente raras e recentes, provavelmente importadas através dos baleeiros. Seu uso foi generalizado pelos europeus na Groenlândia e pelos Esquimós >

estão tão apegados à sua organização tradicional que nem sequer pensam em mudar.

Em consequência dessa técnica, fenômeno social, há um verdadeiro fenômeno de simbiose que obriga o grupo a viver à maneira dos animais que caçam. Estes concentram-se ou dispersam-se, conforme as estações. No inverno, as morsas e sobretudo as focas reúnem-se em alguns pontos da costa. Também a foca tem necessidade do gelo de terra para poder abrigar seus filhotes; também ela necessita um lugar onde o gelo de terra esteja livre pelo maior tempo possível, a fim de poder facilmente vir respirar à superfície; e o número desses lugares, em águas doces, praias, ilhas, cabos, é bastante restrito mesmo em grandes trechos litorâneos. Nesse momento, é unicamente nesses pontos que é possível caçá-la, sobretudo em razão do estado em que se encontra a técnica dos Esquimós. Ao contrário, assim que a água fica livre, assim que os *leads* [canais em campo de gelo] aparecem, a foca se desloca, se dispersa, se dirige ao mar, ao fundo dos fiordes, abaixo das falésias abruptas, e os caçadores devem se dispersar para pegá-la, dispersa como está; pois então só muito excepcionalmente ela se apresenta em bando. Ao mesmo tempo, a pesca em água doce do salmão e dos diversos salmonídeos, a caça à rena e ao gamo²¹³ nas altas pastagens ou na tundra dos deltas, convidam à vida nômade e à dispersão atrás da caça. No verão, essa dispersão é tão fácil para os Esquimós quanto para seus vizinhos índios, que então não precisam de raquetes para perseguir sua caça. Quanto à pesca de rio, ela se pratica justamente na proximidade dos locais onde passa a caça.²¹⁴

Em resumo, enquanto o verão estende de maneira quase ilimitada o campo aberto à caça e à pesca, o inverno, ao contrário, o restringe da

> da terra de Baffin ao estreito de Smith. Mac Lean 1849, 1: 139, relaciona precisamente a ausência das raquetes à fixação do Esquimós à costa. Steensby (op.cit.: 10) fala muito imprópriamente de "Snesko", provavelmente para designar o calçado impermeável. A única exceção é a dos Nooatok do Alaska; estão misturados aos índios e, podendo seguir a caça, vivem no interior; mas, precisamente, eles têm uma morfologia quase semelhante à dos Cree e dos Tinneh. (Cf. Wells & Kelly 1890: 26-27, cf. p. 14-15; Porter: 125; Nelson: 18; aliás, nada sabemos, por assim dizer, acerca dessa tribo.). 213. Em 1822, os nativos informam a Parry que não houve praticamente verão em Iglouluk, e indicam que só se dispersaram para sair à caça das renas (p. 357). 214. A descrição precedente é em grande parte semelhante à oferecida por Boas 1884-85: 419, 420; cf. Richardson 1861: 300-ss. A exceção formada pelos Esquimós da ponta Barrow, que no inverno saem à caça das renas (cf. Simpson 1875: 261-63; Murdoch: 45-ss), confirma precisamente a regra, já que é graças às suas raquetes que a praticam.

maneira mais rigorosa.²¹⁵ E essa alternância exprime o ritmo de concentração e de dispersão a que se submete a organização morfológica. A população se condensa ou se dissemina do mesmo modo que a caça. O movimento que anima a sociedade é sincrônico aos da vida ambiental.

Entretanto, por mais certa que seja essa influência dos fatores biológicos e técnicos, não queremos dizer que ela baste para explicar todo o fenômeno. Ela permite compreender por que os Esquimós se reúnem no inverno e se separam no verão. Mas não explica, em primeiro lugar, por que essa concentração atinge o grau de intimidade que já tivemos a ocasião de assinalar e que a continuação deste estudo irá confirmar; não nos mostra o porquê do *kashim* nem da íntima ligação que ele apresenta, em alguns casos, com as outras casas. As habitações dos Esquimós poderiam se aproximar umas das outras sem se concentrar a esse ponto, e sem dar origem à vida coletiva intensa que teremos a ocasião de observar ao estudar os efeitos dessa organização. Elas poderiam, também, não ser casas coletivas. Os Esquimós poderiam montar suas tendas umas ao lado das outras, cobri-las melhor, ou construir casas bem pequenas, em vez de habitar sob um mesmo teto por grupos de família. Aliás, convém não esquecer que o *kashim*, isto é, a casa dos homens, e a grande casa onde coabitam vários membros da mesma família, não são exclusivos dos Esquimós; encontramos-los noutros povos, não podendo portanto ser considerados como particularidades próprias da organização dessas sociedades setentrionais. Eles provavelmente dependem, em parte, de alguns caracteres que a civilização esquimó possui em comum com outras. Quais são esses caracteres, é o que não podemos examinar aqui; a questão, por sua generalidade, ultrapassa o quadro de nosso estudo. Mas o que o estado da técnica pode explicar é o momento do ano em que ocorrem os dois movimentos de concentração e de dispersão, é o tempo que eles duram, a maneira como se sucedem e a maneira definida como se opõem um ao outro.²¹⁶

215. Deixamos de lado, provisoriamente, a questão da duração dos dias e das noites árticos, a obscuridade tendo por efeito a diminuição geral do ritmo de vida vegetal e animal, enquanto a enorme insolação de verão provoca, ao contrário, um aumento incomparável. Cf. sobre esse ponto Gunnar Anderson 1902, VIII; O. M. Rikli 1903. 216. Não podemos abordar aqui, por falta de espaço, a maneira progressiva e variável como se operam essa dispersão e essa desconcentração. Mas não podemos deixar de citar a descrição de Parry da perfeita concordância, da natureza mecânica desses movimentos (p. 531): “*In all their movements they seem to be actuated by one simultaneous feeling that is truly admirable*” [“Em todos os seus >

4. Os efeitos

Depois de termos descrito a natureza das variações pelas quais passa, conforme as estações, a organização morfológica dos Esquimós, depois de termos determinado suas causas, precisamos agora estudar seus efeitos.²¹⁷ Vamos examinar a maneira como essas variações afetam tanto a vida religiosa como a vida jurídica do grupo. Não é a parte menos instrutiva de nosso tema.

1. EFEITOS SOBRE A VIDA RELIGIOSA

A religião dos Esquimós submete-se ao mesmo ritmo que sua organização. Há, por assim dizer, uma religião de verão e uma religião de inverno, ou melhor, não há religião no verão.²¹⁸ O único culto então praticado é o culto privado, doméstico: tudo se reduz aos ritos do nascimento²¹⁹ e da morte,²²⁰ e à observância de algumas interdições. Todos os mitos que, como veremos, ocupam, durante o inverno, a consciência dos Esquimós,

> movimentos, parecem ser tomados por um mesmo e simultâneo sentimento que é realmente admirável”]. 217. Não nos obrigamos aqui, como o fizemos em relação à morfologia, a oferecer um quadro de cada tipo de religião e de direito esquimó, nem a dar, para cada aspecto dos costumes, uma lista de equivalentes para todas as sociedades esquimós bem ou mal conhecidas, nem a indicar, na falta de equivalentes, a causa da ausência desse e daquele fato. A tarefa seria ao mesmo tempo difícil, se não impossível, e ilusória, considerando o nosso tema. Baste-nos lembrar a notável uniformidade de toda a civilização esquimó (ver, mais acima, p. 425, n. 1) e será suficiente mostrar a extensão de alguns fenômenos principais, indicando oportunamente os diferentes efeitos nas diversas sociedades, para que sejamos autorizados a concluir. Não nos demos tampouco o trabalho de oferecer um quadro das tecnologias de inverno e de verão, cuja oposição não é menor que a dos dois direitos e das duas religiões. Steensby (1905: 142-ss) tratou dessa questão em excelentes termos. 218. Somos naturalmente mal informados, pelos europeus viajantes que somente passaram ou sedentários que não puderam acompanhar as migrações, sobre os fenômenos religiosos do verão. Como eles nada nos assinalam, podemos induzir como fazemos. Festas coletivas de verão no Alaska (ver Porter [Woolfe] 1893: 141-42; Nelson: 295) e na Groenlândia (ver Cranz, IV, I, 5, cf. Contos, Rink 1875: 125, 137-ss, imaginoso em parte) são simplesmente excepcionais e devidas a mercados. A existência de festas em junho na ponta Barrow (Murdoch: 375, Woolfe in Porter: 142) é devida principalmente ao fato de a pesca da baleia prolongar aqui o agrupamento de inverno. Além disso, as festas parecem ser distintas das festas “formais” de inverno (Murdoch: 365). 219. Aliás, às vezes diferentes no inverno e no verão, cf. Nelson: 289 (nome provisório, Unalit), cf. mais adiante o costume de Angmagssalik, p. 478. 220. Diferentes também, naturalmente, pelo número e a natureza das pessoas e dos objetos interessados, ex. Turner: 193 (Ungava); Egede 1741: 82-83 (Groenlândia).

parecem esquecidos durante o verão. A vida é como que laicizada. Mesmo a magia, não obstante ser em geral algo puramente privado, transforma-se numa simples ciência médica,²²¹ cujo cerimonial se reduz a pouquíssima coisa.

Ao contrário, o assentamento de inverno vive, por assim dizer, num estado de exaltação religiosa contínua. É o momento em que os mitos, os contos transmitem-se de uma geração a outra. O menor acontecimento requer a intervenção mais ou menos solene de mágicos, de *angedkoks*.²²² O menor tabu só é levantado por cerimônias públicas,²²³ por visitas a toda a comunidade.²²⁴ A todo instante, realizam-se imponentes sessões de xamanismo público para conjurar a escassez que ameaça o grupo sobretudo nos meses de março a maio, quando as provisões desapareceram, ou estão em mau estado, e a caça é instável.²²⁵ Pode-se, em suma, conceber toda a vida de inverno como uma espécie de longa festa. Mesmo o que os velhos autores nos relatam sobre as perpétuas danças dos Esquimós na Groenlândia,²²⁶ danças em sua maioria de natureza certamente religiosa, é muito provavelmente, se levarmos em conta erros de observação e de expressão, uma outra prova dessa continuidade da vida religiosa. A consciência religiosa do grupo é mesmo levada a tamanho grau de paroxismo que, em várias sociedades esquimós,²²⁷ as faltas religiosas são então o objeto de uma vigilância excepcionalmente rigorosa: a miséria coletiva, tempestades muito longas, a fuga da caça, o rompimento inoportuno do gelo etc., tudo é atribuído à transgressão de alguma interdição ritual. Esta deve ser confessada publicamente para que se possa paliar seus efeitos. Tal costume da confissão pública marca claramente a espécie de santidade que impregna toda a vida social de inverno.²²⁸

221. A maior parte das sessões de *angedkok* que descrevemos se realiza em casas, portanto no inverno. Ver, no entanto, Parry: 369. Holm 1888: 123 diz: "De rigtige Angekukkunster kun om Vinteren" (Angmagssalik). 222. Sobre essas sessões na Groenlândia, ver Egede 1721: 45; 1741: 115; Cranz, III, 5, § 39, § 41, em que é dito que a excursão do mágico, entre os Torngarsuk, não pode ser feita antes do outono, e que ela é mais curta no inverno; Rink 1875: 37, 60 (a grande arte parece estar reservada ao inverno); (Labrador), Turner: 194-ss; (Regiões centrais), Boas 1884-85: 592-ss; 1901: 121, 128-ss, cf. p. 240, conto n. 53; Hall 1864, II: 319; (Mackenzie) Petitot 1872: xxiv; (ponta Barrow), Murdoch: 430-ss; Simpson 1875: 271; (Alaska), Nelson: 435-ss etc. 223. Nelson: 284, 288; Porter (Woolfe) 1893: 149. 224. Parry: 509, cf. p. 182; Hall 1864, II: 197. 225. Cf. Boas (Esquimós centrais) 1884-85: 611; "It is a busy season"; 1901: 121-ss. Cf. uma anedota impressionante, Rasmussen 1905: 29. 226. Egede 1741: 85-ss; Cranz, III, 5, § 30-ss; cf. relatos de Neu-Herrnhut. 227. Sobre a confissão, ver Boas 1901: 128-ss; cf. Peck s/d.: 63; Lyon (1824: 357-ss) indica os mesmos fatos. 228. Daí >

Essa vida religiosa, além de intensa,²²⁹ apresenta um caráter muito particular pelo qual contrasta com a vida de verão: ela é eminentemente coletiva. Com isso não queremos dizer simplesmente que as festas são celebradas em comum, mas que nelas transpira de todas as maneiras o sentimento que a comunidade tem de si mesma, de sua unidade. Não são coletivas apenas no sentido de que uma pluralidade de indivíduos reunidos delas participam: elas são o assunto do grupo, e é o grupo que elas exprimem.

É o que já se deduz do fato de elas se realizarem no *kashim*,²³⁰ sempre que existe um, e, como provavelmente se observou, outrora em toda parte. Ora, quaisquer que sejam as modalidades do *kashim*, ele é sempre e essencialmente um *lugar público* que exprime a unidade do grupo. Essa unidade é tão forte que, no interior do *kashim*, a individualidade das famílias e das casas desaparece; elas se perdem, indistintas umas das outras, na massa total da sociedade. No *kashim*, com efeito, os indivíduos estão dispostos, não por famílias ou por casas, mas segundo as funções sociais, ainda muito indiferenciadas, que cumprem.²³¹

A própria natureza das circunstâncias e dos ritos celebrados durante essas festas traduz o mesmo caráter. É especialmente o caso da festa dita “das bexigas”, tal como se pratica no Alaska e, em particular, entre os Unalit da baía de Saint-Michel.²³² Ela compreende primeiramente numerosas danças com máscaras em presença de toda a comunidade que canta. No final, são lançadas ao mar, de uma só vez, as bexigas de todos os animais marinhos mortos *por todo o grupo* durante o ano todo. As almas animais que elas supostamente contêm vão se reencarnar nas fêmeas das focas e das morsas. É portanto o estabelecimento de inverno em seu conjunto que, por um rito único, assegura sua subsistência contínua.

Uma outra festa observada entre os mesmos Unalit,²³³ mas cujo equivalente parece verificar-se em toda a região esquimó,²³⁴ é a festa

> provavelmente a necessidade de um *angedkok* por estação de inverno. Cf. Rasmussen (Smith-Sund) op.cit.: 161, e Cranz (Groenl. Ocidental), *History of Greenland*, II: 304, n. 229. Cf. Petroff: 132; Wells & Kelly 1890: 24; Schanz, in Porter: 94. 230. O *kashim*, para os Nugumiut, é dedicado a um espírito, e tudo o que ali acontece tem portanto um caráter religioso. Boas 1884-85: 601; 1901: 148, cf. p. 332, conto. A palavra que significa festa e reunião, na Groenlândia, contém o radical *qagse*. Ver referências citadas mais acima, p. 460, n. 158. 231. Nelson: 285-ss, 358-ss; Murdoch: 374; Boas 1884-85: 602. 232. Nelson: 368-ss; Elliott 1886: 393-ss, cf. Zagoskin in Petroff, *Rep. Al.*; cf. Porter (Woolfe): 143; Wells & Kelly 1890: 24. Cf. Murdoch: 434, e as aproximações feitas em nota. 233. Nelson: 358-ss. 234. Porter >

dos mortos. Ela compreende duas partes essenciais. Começa-se por pedir às almas dos mortos que consentam reencarnar-se momentaneamente nos homônimos que cada morto possui em cada assentamento; pois é um costume que o último a nascer sempre tenha o nome do último a falecer. A seguir, acumulam-se de dádivas esses homônimos vivos que representam os mortos; há troca de presentes entre toda a assembléia e as almas são convidadas a deixar seus habitat humanos para retornar à terra dos mortos. Assim, nesse momento, o grupo não apenas reconhece sua unidade, mas vê formar-se de novo, num mesmo rito, o grupo ideal composto de todas as gerações que se sucederam desde os tempos mais remotos. Os antepassados míticos e históricos, bem como os recentes, vêm misturar-se aos vivos, e todos comungam juntos pela troca de presentes.

As festas do solstício de inverno têm a mesma importância. O rito essencial, entre os Esquimós do Centro²³⁵ e do Leste, consiste, ou pelo menos consistiu, em extinguir e reacender *simultaneamente* todas as lâmpadas do estabelecimento. Se observarmos que o fogo era certamente reaceso em um fogo único, produzido por fricção, temos aqui uma espécie de culto do fogo coletivo.

Acrescentemos, por fim, que essas diferentes festas são sempre e em toda parte acompanhadas de importantíssimos fenômenos de licença

> (Woolfe): 140, 141; Jacobsen (1886: 260), festa em Ignitkok (esses dois viajantes cometem o mesmo erro e não percebem que se trata dos homônimos), Wassilieff in Wrangell, *Stat. Ergebn.*: 130-ss; Elliott 1886: 390, 393; cf. o relato de Zagoskin in Petroff: 130; Wells & Kelly op.cit. Não possuímos nenhuma informação sobre a presença ou a ausência desse rito na ponta Barrow. Quanto às regiões centrais até a enseada Chesterfield, estamos mal informados; ver, no entanto, Petrot 1884: 156-57 (pouco seguro). Sobre os Esquimós do centro, cf. Boas 1884-85: 608, 610; cf. p. 628, n. 6; 1901: 146, 148; cf. conto: 330, 186; Hall 1864, II: 120; Kumlien 1887-88: 48; Peck op.cit.: 41-ss (tribo de fort Churchill), p. 242 (Blacklead Isl.) — No que diz respeito à Groenlândia, conhecemos apenas vestígios de rito; ver P. Egede 1758: 5; “*Attekkessorok, dat cui quid nominis gratia*”. Cf. (Labrador) Erdmann, *Eskimoisches Wörterbuch*: 42, 20, col. 2. Cf. Rink, 1875, no conto n. 47, um rito de oferenda a uma criança que tem o mesmo nome de um falecido; Cranz 1770: 110, 334. 235. Hall 1864, II: 320 (Nugumiut); cf. Boas 1884-85: 606. Segundo os observadores (cf. mais adiante, p. 488), o rito dito da extinção das lâmpadas, difundido na Groenlândia, não seria mais que um rito de licença sexual ligado com frequência a uma sessão de *angedkok*. O acompanhamento da festa do sol sumariamente indicada por Cranz, III, 3 § 24, § 23. Cf. Hansêrak 1901: 44 (Qumarmiut), a propósito da troca de mulheres que segue as extinções de lâmpadas: “*som Skik var over hele Kysten baade hvergang det var Nymaane og efter visse Fester*” (como era costume fazer em toda a costa, a cada lua nova ou depois de certas festas).

sexual, sobre os quais voltaremos a falar a propósito do estatuto pessoal.²³⁶ Ora, o comunismo sexual é uma forma de comunhão, e talvez a mais íntima que existe. Quando ele reina, produz-se uma espécie de fusão das personalidades individuais umas nas outras. — Aqui estamos bem distantes do estado de individuação e de isolamento em que vivem, durante o verão, os pequenos grupos familiares dispersos em enormes extensões litorâneas.

Mas essa oposição da vida de inverno e da vida de verão não se traduz apenas nos ritos, nas festas, nas cerimônias religiosas as mais diversas; ela também afeta profundamente as idéias, as representações coletivas, em suma, toda a mentalidade do grupo.

Entre os Oqomiut da terra de Baffin, os Nugumiut da baía de Frobisher,²³⁷ vemos, no decorrer de todo um complexo de festas, todos os membros do grupo divididos em dois campos. Um compreende os que nasceram no inverno: eles têm um nome coletivo especial, são chamados *aχigirn*, isto é, lagópodes. No outro se encontram os nascidos no verão, chamados *aggim*, isto é, patos êider. Os primeiros dirigem-se para o lado da terra, os segundos para o lado da água. Os dois grupos disputam um cabo-de-guerra e, conforme o vencedor, é o inverno ou o verão que triunfa. Ora, essa divisão das pessoas em dois grupos, conforme a estação em que nasceram, não é particular a esse rito especial; ela está na base de outros costumes, e isso em todas as tribos esquimós do Centro. Temos informações de que as pessoas levam durante a vida inteira, porém mais especialmente nas festas que acabamos de mencionar, um amuleto feito da pele de um animal, geralmente de uma ave, que é o que preside seu mês de nascimento.²³⁸ Parece haver aí um claro efeito da tendência a classificar as pessoas em grupos diferentes conforme a estação em que nasceram, as aves terrestres sendo provavelmente aves de inverno, e as aves aquáticas, de verão.²³⁹ O certo é que em Angmagssalik,²⁴⁰ não obstante situada a uma enorme distância da região onde se observam esses costumes, os ritos de nascimento variam muito sensivelmente conforme se trate de um filho de inverno ou de um filho de verão. Se a criança nasceu no

236. Cf. mais adiante, pp. 480-ss. 237. Boas 1884-85: 604, cf. ap. n. 6; 1901: 141. 238. Boas 1884-85: 611; cf. id. 1901: 140. Hall faz alusão (1864, II: 313) a um rito que consiste em pressionar a cabeça da criança, após seu nascimento, com uma pele de ave. 239. Um texto de Boas 1901: 140, permite essa conjectura. 240. Holm: 91. Cf. texto obscuro, Egede 1741: 81.

verão, sua primeira refeição é feita de um caldo de animal terrestre ou de peixe de rio cozido em água doce, e de um caldo de animal marinho cozido em água do mar se a criança nasceu no inverno.

Mas essa divisão das pessoas em duas grandes categorias parece estar ligada a uma divisão, mais vasta e mais geral, que compreende todas as coisas. Sem falar de um certo número de mitos em que vemos o conjunto das espécies animais e dos acontecimentos capitais da natureza repartir-se em dois grupos, um de inverno e outro de verão,²⁴¹ reencontramos a mesma idéia na base de uma série de interdições rituais. Há coisas de inverno e coisas de verão, e a oposição entre esses dois gêneros fundamentais é sentida tão vivamente pela consciência esquimó que qualquer mistura entre eles é interdita.²⁴² Nas regiões centrais, o contato entre peles de rena (animal de verão) e peles de morsa (animal de inverno) é proibido; o mesmo vale para objetos diversos que podem ser empregados na caça desses dois tipos de animais.²⁴³ Quando chega a estação de verão, só se pode comer caribu (animal de verão) depois de ter tirado todas as roupas usadas no inverno e de tê-las substituído por novas, ou pelo menos por roupas que não tenham sido tocadas durante a estação de caça às morsas.²⁴⁴ As pequenas tendas onde os caçadores se abrigaram durante o verão, devem, assim como suas roupas, ser enterradas debaixo de pedras; elas são consideradas como *shongegew*, isto é, como tabu.²⁴⁵ Nenhum cobertor ou correia de pele de morsa deve ser usado nos lugares onde se caça a rena, sob pena de voltar de mãos vazias. As roupas de inverno, quando são feitas de pele de caribu, devem ser terminadas antes que os homens partam para a caça às morsas.²⁴⁶

241. Fazemos alusão ao mito de Sedna, cujos exemplos acreditamos poder encontrar em toda a civilização esquimó, e que nos parece ser sobretudo a figura mítica destinada a explicar, a sancionar os tabus relativos aos animais marinhos, e, conseqüentemente, entre outros, os tabus sazonais. Sobre esse mito, ver principalmente Lyon 1824: 362, Boas 1884-85: 583-ss, id. 1901: 120, 145-ss, 163; cf. Hall, II: 321. Sobre a extensão e a origem desse mito, cf. Boas 1904; cf. nossa resenha *A.S.*, v. 8: 349. **242.** Crenças como as que supõe o conto de Ig-ludtsialek (Groenlândia, Rink 1875: 150-ss.) são precisamente o produto desses tabus e de um mito de Sedna perfeitamente autóctone. A mulher *angekok* pede sua “roupa de verão” para ir até a montanha onde fará romper o gelo. **243.** Hall 1864, II: 321; Boas 1901: 122; cf. Tyrrell 1898: 169-ss; Peck op.cit.: 43, 122; Hanbury 1904: 46-ss, 68, 97, 100 (detalhes muito interessantes: a interdição de trabalhar as peles de renas sobre o gelo de terra, as peles de foca sobre a terra etc.). **244.** Boas 1901: 122; Hall 1864: 201, 202: uma aventura sucedida aos fundadores da missão do Labrador prova que a mesma crença ocorria ali. Cf. *The Moravians in Labrador* (Loskiel, Lond., 1825): 100, cf. p. 21 e 22. **245.** Boas 1901: 123. **246.** *Ibid.*: >

Durante todo o tempo em que as pessoas vivem no gelo, não se deve trabalhar nenhuma pele de caribu nem de rena.²⁴⁷ A carne de salmão, produto da pesca de verão, tampouco deve entrar em contato com a de um animal marinho, seja qual for, mesmo no estômago dos fiéis. Já o contato com a carne de foca e de outros animais caçados durante o ano todo é submetido a regras menos severas. – A violação de qualquer desses tabus imprime naquele que a cometeu uma mancha, visível para a caça, e que se transmite por contágio a todos que dele se aproximam. Então a caça se retira e a fome sobrevem em toda a região.²⁴⁸ A instituição desses tabus exigiu mesmo a formação de uma classe especial de mensageiros cuja função é anunciar a captura da primeira morsa.²⁴⁹ É o sinal de que o inverno começou. Imediatamente, interrompe-se todo trabalho com as peles de caribu. A vida muda totalmente de aspecto.

Assim, a maneira como são classificados os homens e as coisas traz a marca dessa oposição cardinal entre as duas estações. Cada estação serve para definir todo um gênero de seres e de coisas. Ora, tivemos a ocasião de mostrar aqui mesmo [no *Année Sociologique*] o papel fundamental que essas classificações desempenham na mentalidade dos povos. Pode-se dizer que a noção de inverno e a noção de verão são como dois pólos em torno dos quais gravita o sistema de idéias dos Esquimós.²⁵⁰

2. OS EFEITOS SOBRE A VIDA JURÍDICA

Um sistema jurídico tem por finalidade regulamentar as relações materiais possíveis entre os membros de uma mesma sociedade. Quer se trate de exprimir os direitos e os deveres respectivos das pessoas umas em relação às outras (regime das pessoas), ou em relação às coisas apropriadas pelo grupo ou pelos indivíduos (regime dos bens), as diversas instituições jurídicas e morais não fazem senão exprimir à consciência coletiva as condições necessárias da vida em comum.²⁵¹ Cabe portanto

> 123 (cf. o mito e Boas 1884-85: 387-88). Aliás, o mito parece ter tido várias formas, mesmo entre os Aivilik, cf. Hanbury 1904, loc.cit. 247. Id. ibid.: 124. 248. Boas 1901. 249. Id. ibid.: 122. 250. Cf. Durkheim & Mauss 1902. Os Zuñi nos pareceram, precisamente, classificar segundo suas duas fratrias as coisas em coisas de inverno e coisas de verão. A divisão entre coisas do mar e coisas de terra entre os Esquimós nos parece coincidir com a de verão e de inverno. 251. Cf. Durkheim 1893.

esperar que a influência dessa dupla morfologia seja ainda mais marcada na vida jurídica esquimó do que em sua vida religiosa. De fato, veremos que há um direito de inverno e um direito de verão,²⁵² ao mesmo tempo que uma reação de um sobre o outro.

A família. – Não faremos aqui um estudo da família esquimó. Mas vamos mostrar que os principais traços de sua organização doméstica são função da dupla organização morfológica que descrevemos.

Sabe-se que a nomenclatura familiar é um dos meios mais seguros de descobrir os laços que unem entre si os diversos membros de um mesmo grupo doméstico. Esse estudo pode ser feito, relativamente bem, graças às tabelas que Dall e Morgan²⁵³ publicaram, embora sejam um tanto sumárias. Ora, o que aparece à primeira vista é que existem duas espécies de famílias: numa, o parentesco é coletivo, resultante do tipo que Morgan chamou classificatório; na outra, é individual. De fato, dois traços do primeiro sistema subsistem. Em linha descendente, o nome *Eng'-ota* é dado aos netos, bem como aos indivíduos, consangüíneos ou adotados, de parentesco mais distante, isto é, aos filhos dos sobrinhos e dos primos da geração dos filhos. Do mesmo modo, os nomes *E-tu-ah* e *Ninge-o-wa* aplicam-se não apenas ao avô e à avó (consangüíneo ou de adoção), mas também a seus irmãos e irmãs, e a todos os parentes de sua geração. Em linha colateral, os primos em diversos graus não são de modo algum distinguidos de outros grupos de parentes, e têm um nome que os confunde com os habitantes da casa.²⁵⁴ Em suma, nenhum grau de parentesco, seja uterino, seja masculino, é distinguido fora dos seguintes parentescos: meu pai, minha mãe, meu filho e minha filha; os irmãos e irmãs de meu pai, os irmãos e irmãs de minha mãe, os filhos dos primeiros, os filhos dos segundos. Assim, no interior de uma família que se estende muito longe, mas onde as relações

252. A observação dessa oposição já foi feita por Parry: 354, por Lyon 1824: 250, por Richardson 1861: 318-ss; por Glasunov e Wrangell, *Stat. Ergeb.*: 130-ss (Alaska); por Porter (Schanz): 106; por Petroff (generalidades): 125-ss. Por outro lado, os livros excelentes de Rink (1875: 23-ss, cf. 1887-91: 26), de Nelson, de Murdoch, não fazem menção expressa disso, embora nos forneçam um número considerável de fatos em apoio à nossa teoria. É também uma lacuna do trabalho de Steensby que, embora tenha percebido bem a oposição das duas tecnologias, não viu a das duas estruturas jurídicas da sociedade esquimó. 253. (Groenlândia ocidental, Cumberland Sound, rio Churchill), L. H. Morgan 1872: 275-ss. Uma outra lista do Cumberland Sound foi publicada por Dall 1877, I: 95-ss. 254. Cf. mais adiante, pp. 483-84, n. 266.

de parentesco são indiferenciadas, aparece uma outra relação muito restrita, na qual o parentesco, ao contrário, é individualizado.

Ora, as duas espécies de sociedade doméstica que percebemos assim através da nomenclatura, existem de forma muito real: uma é a família de verão,²⁵⁵ a outra é a família de inverno. E, como cada qual tem uma composição diferente, cada qual tem seu direito próprio.

O direito da família de verão é relativamente patriarcal. O papel predominante é desempenhado pelo pai, ou, como é dito em inglês, pelo *provider*,²⁵⁶ e pelos filhos homens em idade de caçar. Eles são mais do que chefes da família, são o seu fundamento único. Seu desaparecimento resultará necessariamente no desaparecimento *completo* da família; os filhos, se são ainda jovens e se não forem adotados numa outra tenda, estão condenados a morrer.²⁵⁷ Convém acrescentar, todavia, que o papel da mãe não é menos essencial: ela também não pode desaparecer sem que a família inteira se aniquile.²⁵⁸ Esses dois personagens são ambos tão indispensáveis que, mesmo se os filhos já chegaram a uma certa idade, o marido que perdeu a mulher ou a mulher que perdeu o marido procuram em seguida se casar novamente. A existência desse agrupamento é, portanto, das mais precárias: apóia-se inteiramente em uma ou duas cabeças. Existe aí um arranjo familiar muito particular e muito específico da civilização esquimó. É o casal conjugal, em suma, que é seu elemento essencial, assim como nas civilizações mais evoluídas; fato tanto mais significativo na medida em que o vínculo conjugal é aqui de uma extrema fragilidade.

Outros traços vêm confirmar essa fisionomia da família de verão. Em primeiro lugar, o poder relativo do chefe de família, *igtuat*, na Groenlândia.²⁵⁹ Ele tem o direito absoluto de comando mesmo sobre seus filhos adultos, e parece que os casos de desobediência são notavelmente raros. É ele que determina os deslocamentos e as partes.²⁶⁰ Tem o direito absoluto de punir, mesmo sua mulher; mas não abusa disso, porque, se

255. Sobre a composição da família de verão, ver sobretudo Rink 1875: 20-ss, Turner: 183.

256. O papel dos *providers* foi percebido pelos primeiros autores dinamarqueses. Cranz, III, 3 e 4, cf. numerosos fatos em relatos de 1738, 1743 etc. 257. Ver Rink 1875: 28, cf. contos, p. 169 etc. 258. Exceto se o indivíduo tem consigo filhas núbéis. É normal deixar os filhos morrer quando são de muito tenra idade (*contra*, Murdoch, p. 318, mas a população da ponta Barrow é, como sabemos, extremamente reduzida). 259. Rink 1875: 24; Holm: 97. 260. Rink, *ibid.*; Turner: 190 (particularmente claro); Hall 1864, I: 370; Boas 1884-85: 545-ss; Nelson: 285-ss.

tem o direito de repudiá-la, ela, por sua vez, tem igualmente a liberdade de abandoná-lo.²⁶¹

A organização da família paterna está ligada, em geral, à necessidade de posteridade; esse caráter também se verifica na família esquimó. Inclusive, tal necessidade é aqui mais marcada que noutras partes. Com efeito, a existência de velhos sem filhos é impossível. Sem filhos adultos homens que consintam em caçar para eles, sobretudo no verão, os casais envelhecidos, e com mais forte razão as velhas viúvas, não terão como viver.²⁶² Estas últimas não têm sequer o recurso do casamento ou da adoção que só se costuma praticar com crianças jovens. Essa mesma necessidade pode, aliás, ao menos em certos casos, assumir uma forma religiosa. Os ascendentes sabem que deverão reencarnar-se, após a morte, no corpo de seus “homônimos”, os últimos a nascer do estabelecimento; e o culto a prestar à alma deles, na pessoa desse representante, compete a seus filhos. Conseqüentemente, a ausência de filhos, legítimos ou adotivos, colocaria em questão a própria vida de suas almas.²⁶³

Completamente diferente é o direito doméstico de inverno. A pequena família de verão, tão claramente individualizada, dissolve-se então, em parte, num grupo bem mais extenso, espécie de *joint-family* que lembra a Zadruga eslava, e que constitui então a sociedade doméstica por excelência: é o grupo que ocupa em comum o iglu ou a casa coletiva.²⁶⁴

Com efeito, é certo que existem, entre os indivíduos que habitam assim debaixo de um mesmo teto, não apenas relações econômicas, mas vínculos morais propriamente ditos, relações de parentesco *sui generis* que a nomenclatura já revelava.²⁶⁵ Em primeiro lugar, existe um nome para designar esse tipo de parentes; são os *igloq atigit*²⁶⁶ (parentes de casa), palavra que os observadores ingleses e dinamarqueses traduzem

261. Rink *ibid.*: 25; Holm: 83; Boas 1884-85: 566. 262. Ver p. 49, n. 2. Lyon (1824: 353) menciona também o fato de que a jovem viúva teria sido, antes de ver-se condenada a morrer, comum a todos os homens da estação. 263. Este último fato (cf. textos citados mais acima, p. 438, n. 57) poderia servir para explicar um outro, muito curioso e inclusive desconcertante à primeira vista: é a absoluta independência da criança, e mesmo o respeito que os pais têm por ela. Eles jamais lhe batem e chegam a obedecer a suas ordens. É que a criança não é apenas a única esperança da família, no sentido que daríamos hoje à palavra: ela é o ancestral reencarnado. No interior da família de verão, restrita, isolada e autônoma, a criança é como o pólo para o qual convergem as crenças e os interesses. 264. A aproximação entre o regime moral da casa coletiva esquimó e o da casa indígena foi feita pela primeira vez por Rink 1887-91: 23. Cf. Tyrrell 1898: 68. 265. Cf. Morgan, citado mais acima, p. 481, n. 253. 266. Cf. Rink 1887-91: 93, com os equivalentes; cf. P. Egede, *Dictionarium etc.*, s. v. iglu: >

bastante bem por *Husfoelster* e *housemates*, e que designa também *todos os primos*. É formalmente atestado que o conjunto desses *housemates* forma o círculo de parentesco mais próximo do indivíduo, depois de sua família restrita.²⁶⁷ De fato, aliás, sobretudo onde encontramos o tipo de casa mais primitivo em nossa opinião, o grupo que o habita é composto de consangüíneos e de aliados. Assim, em Utiakwin²⁶⁸ (ponta Barrow), apesar do estado de desintegração a que chegou a sociedade, uma casa coletiva compreendia: um homem, sua mulher e sua filha adotiva, dois filhos casados, cada um com sua mulher e um filho, uma irmã viúva com seu filho e sua nora e a filha desta última. Noutros lugares,²⁶⁹ quadros quase genealógicos que possuímos mostram que os princípios segundo os quais se recrutam os co-residentes são sensivelmente os mesmos.

Um fato muito característico desse parentesco especial é que o casamento é interdito entre *housemates*; pelo menos, a proibição parece ser a regra. Pois, de um lado, é interdito em geral desposar primos-irmãos,²⁷⁰ e sabemos que eles têm o mesmo nome que os *housemates*, que são geralmente irmãos e irmãs e descendentes de irmãos e irmãs que habitam juntos no inverno. Assim, onde se fala de uma interdição entre parentes, erros de observação foram possíveis. Por outro lado, está bem estabelecido, em relação à Groenlândia, que há interdição de casamento entre indivíduos criados na mesma casa.²⁷¹ Os textos que nos relatam esse fato (e são justamente os mais antigos) parecem mesmo aproximar, de maneira singularmente acentuada, o parentesco entre primos-irmãos e aquele entre habitantes de uma casa coletiva. Há portanto uma espécie de fraternidade especial que imprime um caráter incestuoso²⁷² às uniões sexuais entre membros de um mesmo iglu. Há, é verdade, dois fatos

> 32; Kleinschmidt 1871, s. v. igdlu, p. 75; Erdmann op.cit.: 52, 63; Petitot 1872: xliii. Cf. Egede, *Nye Perustration*, 1ª ed., 1725: 45. 267. Rink s/d., II: 9, 26; Petitot 1872: xxix. 268. Murdoch: 75. 269. Jacobsen 1886: 240-41. (Os "*meillagers*" são em sua maior parte pessoas adotadas pelo quase-chefe, Isaac.) Ver uma descrição da família de inverno, Holm: 66, tabela xxiii, cf. p. 95 para os nomes e genealogias. 270. Rink 1875: 25. Cf. Egede 1741: 79; Cranz, III, 2, § 13; Holm: 85, 94; Turner: 188-89; Boas 1884-85: 579. — *Contra*, ver Lyon 1824: 352, 354; Wells & Kelly 1890: 22 (certamente inexatos, e fazem talvez alusão às licenças sexuais). 271. Desde Egede até Holm: 194, todos os autores dinamarqueses empregaram o termo "*sammenbragde*", cf. Egede 1721, que acrescenta (o que não fazem seus seguidores): "*in dit saad Huse*" 1741: 79. No entanto, um conto (Rink 1875: 291) fala de um irmão adotivo que teria casado com sua irmã adotiva, na Groenlândia, mas a adoção fora recente, e os filhos não haviam sido criados juntos. 272. Aliás, os primos são com frequência considerados como irmãos e irmãs, na ponta Barrow, cf. Murdoch: 421.

que parecem contradizer a regra de direito que acabamos de colocar. Nelson nos diz formalmente que, entre os Unalit da baía de Saint-Michel,²⁷³ há casamento entre primos-irmãos, e Holm menciona, em Angmagssalik, exceções bastante freqüentes ao costume de procurar mulher fora da casa.²⁷⁴ Mas não devemos perder de vista que em Angmagssalik a confusão da casa coletiva e do estabelecimento de inverno (cada estabelecimento compreendendo apenas uma casa) vem alterar essa organização no que ela tem de mais essencial. Trata-se de um caso muito excepcional, e não é surpreendente que ele não se conforme estritamente à regra. Como todo o estabelecimento habita sob um mesmo teto, era evidentemente necessário que o casamento fosse permitido entre coabitantes, fazendo portanto ceder o princípio da proibição. Por outro lado, os primos-irmãos de que nos fala Nelson podem muito bem pertencer a casas diferentes, ou até mesmo a estabelecimentos diferentes.²⁷⁵ Como se trata justamente da única tribo em que a existência de uma espécie de clã totêmico²⁷⁶ foi constatada, esses primos que podem se casar são talvez membros de dois clãs que mantêm entre si o *connubium*.

Pelo fato mesmo de essa grande família de inverno ser composta diferentemente da de verão, ela é também organizada de uma outra maneira. Não possui nenhum caráter patriarcal. O chefe²⁷⁷ não é designado pelo nascimento, mas por caracteres pessoais. Geralmente é um velho, bom caçador ou pai de bom caçador; um homem rico, possuidor de *umiak*, na maioria das vezes, ou um *angekok*, um mágico. Seus poderes não são muito extensos: compete-lhe receber os estrangeiros, distribuir os lugares e as porções. É a ele que as pessoas se dirigem para resolver as disputas internas. Mas seus direitos sobre os companheiros são bastante limitados.

Outra coisa. Para além desse círculo familiar, já bastante extenso, há um outro que aparece no inverno, e somente no inverno: é o do estabelecimento. Pois é lícito perguntarmos se o estabelecimento não constitui uma espécie de grande família, enfim, de clã.²⁷⁸

273. Nelson: 291. 274. Com efeito, pode-se extrair do quadro genealógico de Holm: 95, o fato de que os primos, Angitinguak (♂), Angmalikik (♂), Kunuluk (♀), Natilik (♀), são todos casados com pessoas de seu estabelecimento, e que seus filhos igualmente se casaram no estabelecimento onde estavam fixados. 275. Nelson: 291. 276. Sobre o clã totêmico Unalit e sua exogamia, ver Nelson: 322-ss. 277. Rink 1875: 25, 26; a existência de chefes de casa propriamente ditos não é realmente indicada senão no norte do Alasca. Cf. Simpson 1875: 272; Murdoch: 429; Petroff: 125; Porter (Woolfe): 135. 278. Sobre esse ponto, ver Rink 1887-91: 22, cf. id. 1875: 26, 54. Cf. Cranz 1770: 329.

Já é um fato significativo que todos os habitantes de um mesmo estabelecimento sejam designados por um nome especial que mostra existir entre eles vínculos morais muito particulares: os autores dinamarqueses traduzem esse nome por *Bopladsfaeller*, *placefellows* [companheiros de lugar].²⁷⁹ Além disso, a existência do *kashim* entre todos os Esquimós (salvo entre os da Groenlândia e do Labrador, onde ele certamente existiu) prova que os homens do estabelecimento formam uma sociedade *unida* entre cujos membros há uma real fraternidade.²⁸⁰ Por fim, o fato de a casa confundir-se com o estabelecimento de inverno, em Angmagssalik, indica o quanto o parentesco da casa coletiva é próximo do que une as diferentes famílias na estação hibernal. E, se for admitida nossa hipótese de que, mesmo onde essa confusão completa não existe, as diferentes casas estavam na origem intimamente ligadas umas às outras e ao *kashim*,²⁸¹ a observação que precede teria um alcance ainda mais geral.

Mas, independentemente desse fato particular, tudo no regime moral do estabelecimento de inverno prova que os indivíduos estão como que banhados numa atmosfera familiar. O estabelecimento não é um simples amontoado de casas, uma unidade exclusivamente territorial e política; é também uma unidade doméstica. Seus membros estão unidos por um laço muito forte de verdadeira afeição, inteiramente análogo àquele que, noutras sociedades, une entre si as diferentes famílias de um mesmo clã. O direito do estabelecimento não é apenas a soma dos direitos próprios a cada casa: é um direito *sui generis*, mas que lembra o dos grandes agrupamentos familiares.

Os observadores em sua maior parte,²⁸² desde os mais antigos até Nansen, que transformou suas observações em ditirambo, ficaram impressionados com a doçura, a intimidade, a alegria geral que reinam num estabelecimento esquimó. Uma espécie de bondade afetuosa parece difundir-se entre todos. Os crimes são relativamente raros,²⁸³ o roubo, qua-

279. *Nunagatigut* em groenlandês, cf. Rink 1887-91, supl. *Meddel.*, XI: 93, seção 29, e os dicionários *ad verba*. 280. Reforçada, aliás, pelo perpétuo festim comunitário que é a vida no *kashim*, ou nos *iglus* de inverno. 281. Ver mais acima, p. 464. 282. Egede 1721, 1ª ed.: 37; 1741: 91; Cranz, III, 3, § 20; Dalager 1752; Coats 1852, "*gentile and sociable*", mais acima, p. 447, n. 93; Parry: 500, § 33 (trata ao mesmo tempo do regime moral da estação de inverno e do da casa comprida de inverno); Lyon 1824: 350; Wrangell (Wassilieff e Glasunov), *Stat. Ergeb.*: 129. Citamos apenas os mais antigos autores, as observações resumindo-se desde então a variações de estilo. Cf. Nansen 1904: 293-ss: 138-ss, e *passim*. 283. Cf. sobretudo Cranz, III, 4, § 28. Uma espécie de quadro histórico dos crimes cometidos no Alaska, em >

se inexistente; aliás, dado o direito de propriedade, há poucas ocasiões em que ele possa ser cometido.²⁸⁴ O adultério é quase desconhecido.²⁸⁵

Um dos traços característicos do clã é sua extrema indulgência para com as faltas ou os crimes que seus membros cometem: as sanções são principalmente morais. Ora, essa mesma indulgência se verifica no estabelecimento esquimó.²⁸⁶ O homicídio, quando ocorre, é frequentemente reputado accidental.²⁸⁷ Os indivíduos cuja violência os torna perigosos são considerados como loucos, e, se são mortos, é nessa qualidade.²⁸⁸ A única sanção empregada no interior do estabelecimento, ao menos na Groenlândia, é de uma verdadeira bonomia: é o famoso “duelo cantado”, a dança ao tambor²⁸⁹ na qual, alternando versos rimados e com refrão, os dois adversários, queixoso e defensor, cobrem-se de injúrias, até que a fertilidade de invenções de um lhe assegure a vitória sobre o outro. A estima dos assistentes é a única recompensa, sua reprovação o único castigo que sanciona esse singular julgamento.²⁹⁰ O estabelecimento de inverno esquimó corresponde assim perfeitamente à definição árabe do clã: *o lugar onde não há vingança do sangue*.²⁹¹ Mesmo os crimes públicos são geralmente passíveis apenas de castigos morais. Com exceção da magia de malefício,²⁹² geralmente atribuída a pessoas de um estabelecimento vizinho,²⁹³ não acreditamos que haja crimes que sejam

> 1881, 1882, é dado por Nelson: 301-ss. 284. Rink 1875: 34. 285. Ex. Murdoch: 420, cf. Simpson 1875: 252; Parry (Iglouluk): 529; Woolfe in Porter: 135; Wells & Kelly 1890: 19. O fenômeno da fidelidade matrimonial é visto por esses últimos autores como contraditório com o costume da troca de mulheres, mas a contradição não existe. 286. Rink 1875: 34-ss; 1887-91: 24; Nelson: 293; Schanz in Porter: 103; Boas 1884-85: 582; 1901: 116; Peck op.cit.: 32. 287. Rink 1875: 35, 36. É expressamente dito que a ameaça de um “housemate” não é passível de vingança do sangue. (Mas, *contra*, numerosos contos, n.º 30, 38 etc.) Cf. Hanbury, *Sport and Travel*: 46. Tyrrell menciona uma regra (Labrador? Enseada Chesterfield?) que obrigaria o assassino a adotar simplesmente a família da vítima, *Accross* etc.: 170; acreditamos numa confusão com o costume indígena. No entanto, ver em Boas 1901: 118, um fato que pôde dar origem ao erro. 288. Ver ex. em contos, Rink 1875, n. 22. Angutisugssuk etc., Boas 1901: 72. 289. Egede 1721, 1.ª ed.: 43; 1741: 86; Cranz, III, 3, § 23; Rink 1875: 33, 67; Holm (Angmagssalik): 157-ss, contos n. 47-ss; Rasmussen (cabo York e estreito de Smith) 1905. 290. Cf. Steinmetz 1896, II: 67. De acordo com Tylor, *Scandinavian Culture* etc., *Jour. Anthr. Inst. Gr. Br.*, XIII: 268, os cantos seriam de origem escandinava. É possível. Mas é difícil sustentar que a reprovação pública praticada no Alasca (cf. Nelson: 293), e que chega mesmo a executar a sentença, seja de origem européia. Ora, tal instituição pode perfeitamente ter originado a instituição groenlandesa. Por outro lado, ela tem outros equivalentes propriamente esquimós: ex. (Fort Churchill) in Franklin 1828: 182, 197. Cf. Tyrrell 1898: 132; Gilder 1880: 245. 291. Cf. Cranz, III, 4, § 33. 292. Rink 1875: 34, 35; Holm: 58. Cf. Nelson: 430. 293. Rink >

sancionados de uma outra maneira. Até mesmo as faltas graves contra as interdições rituais, algumas das quais supostas colocar em risco toda a vida da sociedade,²⁹⁴ só são punidas, nas regiões centrais,²⁹⁵ pelo reconhecimento da culpa, a confissão e as penitências impostas. Essa extrema suavidade do sistema repressivo é uma prova da intimidade familiar que reina no interior do grupo.

Essa intimidade opõe-se de maneira muito nítida ao isolamento que os estabelecimentos vizinhos mantêm uns em relação aos outros. Os *placefellows* tinham o dever de vingar seus mortos quando o agressor pertencia a uma outra localidade.²⁹⁶ Os contos, pelo menos, nos falam abundantemente de longas vendetas exercidas, na Groenlândia, de um estabelecimento contra outro.²⁹⁷ Temos igualmente notícias de que outrora, em quase toda a extensão da terra de Baffin e a noroeste da baía de Hudson, houve verdadeiras guerras.²⁹⁸ Na Groenlândia oriental, haveria mesmo, segundo Holm e Hansérak, uma espécie de hostilidade e desprezo constantes entre os estabelecimentos dos diferentes fiordes.²⁹⁹ As cerimônias de recepção do estrangeiro, na Groenlândia,³⁰⁰ na terra de Baffin e na terra do rei Guilherme,³⁰¹ outrora no Alasca,³⁰² comportavam regularmente sessões de luta. A firma-se mesmo, não sem um certo exagero, que, quando um grupo vinha visitar um estabelecimento vizinho, o duelo regrado ou a luta violenta³⁰³ que ocorria entre dois campeões escolhidos terminava pela morte de um dos combatentes.

Mas o que mostra melhor ainda que há entre os membros de um mesmo estabelecimento um verdadeiro parentesco é o costume da troca de mulheres.³⁰⁴ O fato nos é assinalado em quase todas as sociedades esquimós.

> *ibid.* 294. Boas 1901: 121-ss. Ver, no entanto, uma anedota in Rasmussen 1905: 31 (filha de *angekok* da terra de Baffin abandonada por seu pai por violação de tabu, não confessada). 295. Boas, *loc.cit.* 296. Rink 1875: 34; Nelson: 291-ss; ver um rito notável, Wells & Kelly 1890 (de declaração de guerra?): 24; Wrangell, *Stat. Ergebn.*: 132 (Wassilieff). 297. Rink 1875: 35, cf. contos, p. 235, 174, 175; p. 206, 207, cf. p. 211; *contra*, p. 357, 358. Cf. Schultz 1904: 320 (tribos do Norte contra tribos do Sul). 298. Boas 1884-85: 465; 1901: 116, contos, n. 72-ss; Kumlien 1877-78: 12; Klutschak: 228. 299. Holm 1888: 87; 1893-94: 45. 300. Rink 1875: 167, contos n.º 39, 40. 301. Boas 1884-85, *loc.ult.cit.*, 1901; *loc.ult.cit.*, 1884-85: 609, cf. Klutschak: 67-ss, Schwatka, in *Science*, IV, 98, 545. 302. Nelson: 294-ss. 303. Boas 1884-85: 609; 1901: 609; cf. contos, in Rink 1875: 211, 226 (final sangrento de um jogo de bola). 304. Sobre a generalidade da troca de mulheres entre os Esquimós, ver Richardson 1861: 319; Murdoch: 413.

Essas trocas ocorrem no inverno entre todos os homens e todas as mulheres do estabelecimento. Em alguns casos, na Groenlândia ocidental, por exemplo, a troca restringia-se outrora³⁰⁵ aos casais casados. Mas a regra mais geral é que todos os indivíduos núbéis participam. Geralmente essa prática está ligada às festas coletivas de inverno,³⁰⁶ no entanto, ela se tornou às vezes independente, sobretudo na Groenlândia. Lá, pelo menos nos lugares que não sofreram a influência cristã, esse velho costume sobrevive integralmente. Em dado momento, as lâmpadas se apagam e verdadeiras orgias se realizam.³⁰⁷ Estamos mal informados quanto a saber se são mulheres determinadas que são atribuídas a homens determinados,³⁰⁸ exceto em dois casos, mas que são dos mais típicos. Nas festas mascaradas de Cumberland Sound³⁰⁹ que já mencionamos, uma das máscaras, representando a deusa Sedna, acasala homens e mulheres sem levar em conta seu parentesco, unicamente *de acordo com o nome deles*. Devemos entender com isso que homens e mulheres são unidos como estavam unidos outrora os antepassados míticos, dos quais os sujeitos atuais carregam os nomes e são os representantes vivos. O mesmo fato é atestado no Alaska³¹⁰ e parece indicado noutros lugares. Assim, nesse momento, toda a organização da família restrita e dos membros da casa desaparece com sua ordinária regulamentação das relações sexuais: todos os grupos particulares se dissolvem no grupo total

305. Egede 1741: 78; Paul Egede, *Dictionarium*, na palavra Malliserpok: 100. Se Cranz não fala desse costume em sua descrição, é por causa de suas tendências apologéticas, mas ele menciona uma "extinção de lâmpada" para a caça à baleia (111, 5, 43), e no relato das missões encontraríamos outros vestígios (ex. *Hist. of Green.*, ed. ingl. II: 70). É muito significativo que Rink não fale, nem nos tenha deixado um conto que se refira propriamente a isso, exceto talvez no conto, universal entre os Esquimós, do sol e da lua, Rink 1875: 326, incesto que, nas versões que julgamos ser as mais primitivas, se passa sempre num *kashim*, e naturalmente por ocasião da cerimônia de extinção de lâmpadas. Cf. bibliografia desse conto in Boas 1901: 359; acrescentar: Thalbitzer 1904: 275, muito importante, prova que a cena se passa exatamente como dissemos: Rasmussen 1905: 194. 306. Ver mais acima, p. 477, n. 235, cf. Petitot 1884: 166; Peck op.cit.: 55, 242; após cada cerimônia de *angekok* (Kiniperu); Boas 1901: 158, 139; Klutschak: 210; Turner: 200, 178. A única exceção provável é a tribo da ponta Barrow, onde Murdoch pesquisou em vão (talvez insuficientemente) esse fato, ver p. 375. Em todo caso, o costume da troca temporária é ali praticado, e Murdoch o aproxima do comunismo sexual, p. 415. 307. As interdições às relações sexuais entre consanguíneos parecem ser respeitadas (Holm: 98, e cf. o conto citado do sol e da lua). 308. Wrangell, *Strat. Ergebn.*, fala da maneira como as mulheres velhas se oferecem (Baixo Yukon), em virtude de parentescos distantes. Mas o fato é talvez o mesmo que o citado mais adiante. 309. Hall 1864, II: 323; Peck op.cit.: 41; Boas, loc.cit. mais acima, pp. 486 e 488. 310. Nelson (Ikogmiut): 379, cf. p. 494.

que forma o estabelecimento e cuja organização mítica, reconstituída por um tempo, apaga todas as outras. Por um instante, pode-se dizer, o clã, em todo o seu amorfismo,³¹¹ absorve a família.

Além dessas trocas gerais que ocorrem entre todos os membros do grupo e que são sobretudo ritos sexuais, há outras, mais ou menos permanentes, que se fazem entre particulares, por razões particulares.³¹² Uma se praticam na casa de inverno,³¹³ outras antecedem a dispersão de junho,³¹⁴ em vista do de verão; estas últimas são acompanhadas de uma troca de presentes.³¹⁵ Mas tanto umas quanto as outras parecem se realizar apenas entre pessoas de um mesmo estabelecimento. No estreito de Smith,³¹⁶ elas são numerosas nos primeiros anos de casamento, e então só podem ser feitas entre indivíduos determinados;³¹⁷ mais tarde se realizam, por curtos períodos, entre quaisquer membros dessa espécie de “família única”³¹⁸ que é a tribo do cabo York. O Alaska é a única região na qual nos assinalam trocas entre habitantes de estabelecimentos diferentes.³¹⁹ Mas a exceção confirma a regra. De fato, os homens que procederam a essas trocas tornam-se irmãos de adoção, as mulheres trocadas são consideradas como irmãs umas das outras; e o mesmo ocorre para todos os filhos nascidos dessas uniões.³²⁰ As relações assim contraídas são em todos os pontos idênticas às que resultam do parentesco natural.³²¹ Trata-se portanto de mais uma prova de que os grupos no seio dos quais se pratica o comunismo sexual são grupos de parentes, pois, mesmo quando ocorre entre estrangeiros, ele cria entre eles um laço de parentesco.

Em suma, o único caráter do clã ausente do estabelecimento é a exogamia. É verdade que Nansen³²² acreditou que os estabelecimentos

311. Aliás, a troca momentânea é a mesma coisa, desse ponto de vista, cf. Murdoch: 419; cf. Porter: 39. 312. Ver Porter: 103 (Weber); Wells & Kelly 1890: 19; Murdoch: 413; Parry (anedota do *angekok* Toolemak): 300; Lyon 1824: 354 (fala da troca de irmãs, muito possível) etc. 313. Ver Lyon, loc.cit. 314. Parry: 530; Murdoch: 413, 419; Boas 1884-85: 579; Kumlien 1877-78: 42; Peck, loc.cit.: 55. 315. O *angekok* parece ter inclusive um direito particular (anedota de Parry: 300, cf. Turner: 200). 316. Peary 1898, I: 497; Kroeber 1896: 56. 317. Peary, *ibid.*; Rasmussen (1905: 64) não menciona esse detalhe em sua excelente descrição das trocas de mulheres. 318. Kané: 1856, II: 211. 319. Nelson: 493; Porter, *Alaska*: 103 (naturalmente não exclusivos daqueles fatos no interior da estação, e que aliás resultam nos mesmos direitos), cf. Wells & Kelly *op.cit.*: 29. 320. Nelson, *ibid.* 321. Os mesmos termos são empregados para as que designam o parentesco natural na Groenlândia. E os críticos americanos são de opinião que a mistura de sangue e dos direitos é tão perfeita que o estabelecimento de genealogias é quase impossível. 322. Nansen 1904: 146, cf. p. 203, n. 1. Cf. uma informação obscura de Klutschak: 324.

de Agmagssalik eram clãs exogâmicos. Mas a observação parece baseada apenas nas informações de Holm que se relacionam à casa, e não ao estabelecimento. Além do mais, outros documentos de Holm, como o quadro genealógico que ele apresenta de uma família que tem representantes nos diversos estabelecimentos desse fiorde, provam que é perfeitamente possível casar-se no interior do estabelecimento onde se habita.³²³ É verdade que o casamento poderia ser proibido entre os indivíduos originários de um mesmo estabelecimento, e permitido apenas quando se habita um estabelecimento diferente daquele onde se nasceu. Todavia, é significativo que o único autor que nos falou do clã propriamente totêmico entre os Esquimós não mencione a exogamia.³²⁴

Assim, tanto sob o aspecto da vida doméstica quanto da vida religiosa, o contraste entre o inverno e o verão é o mais marcado possível. No verão, a família do esquimó não é mais extensa que nossa família atual. No inverno, esse pequeno círculo familiar é absorvido em agrupamentos bem mais vastos; um outro tipo doméstico se forma e ocupa o primeiro lugar: é a grande família da casa coletiva, é essa espécie de clã que é o estabelecimento. Dir-se-ia que são quase dois povos diferentes, e poder-se-ia classificar os Esquimós sob duas rubricas se fossem levadas em conta apenas essas duas estruturas jurídicas de sua sociedade.

3. EFEITOS SOBRE O REGIME DOS BENS

Os direitos reais são submetidos a variações sazonais talvez ainda mais importantes que os direitos e os deveres pessoais; e isto por duas razões. Por um lado, as coisas em uso variam com as estações do ano; o material, os objetos de consumo são completamente diferentes no inverno e no verão. Por outro lado, as relações de interesses que se estabelecem entre os indivíduos não variam menos, seja em número, seja em natureza.³²⁵ A uma dupla morfologia e a uma dupla tecnologia corresponde um duplo direito de propriedade.

No verão, os indivíduos e as famílias restritas vivem isolados em suas tendas; quando muito se reúnem em acampamentos provisórios; a

323. Cf. mais acima, p. 485, n. 274. 324. Com efeito, Nelson não nos fala dela a propósito dos Unalit. E é muito significativo que nas festas mascaradas das tribos vizinhas (Ahpokagamiut, Ikogmiut) as trocas de mulheres se façam sem considerar o parentesco. Porter: 103; Nelson: 379, cf. p. 494. 325. Cf. Rink 1875: 28.

caça não é praticada em comum, exceto em relação à baleia, e cada ourado pescador ou caçador leva seu butim para sua tenda, onde o enterra em seu “esconderijo” sem precisar prestar contas a ninguém.³²⁶ Portanto, o indivíduo distingue-se fortemente, bem como a família restrita. Vemos constituir-se assim claramente dois círculos de coisas, e somente dois: um compreende as coisas apropriadas pelo indivíduo, o outro compreende as coisas de que se apropria o grupo familiar restrito.³²⁷

Os bens individuais são as roupas e os amuletos; depois, o caiaque e as armas, naturalmente possuídos apenas pelos homens. A mulher geralmente possui como próprio a lâmpada³²⁸ de família, as marmitas em pedra-sabão e o conjunto dos instrumentos. Todos esses objetos domésticos estão ligados de forma mágico-religiosa à pessoa.³²⁹ Há uma recusa completa de emprestá-los, dá-los ou trocá-los depois que foram usados.³³⁰ Eles são enterrados com o morto.³³¹ Alguns, especialmente as armas, possuem no Alasca, e provavelmente noutras partes, marcas de propriedade.³³² Essas marcas têm uma dupla função: permitem reconhecer os objetos e conservam-lhes uma parte do poder mágico de seu proprietário.³³³ Seja como for, a coisa faz parte do indivíduo, que só a abandona, em caso de venda ou troca, depois de reter um pedaço³³⁴ ou de tê-la lambido.³³⁵ Graças a essa precaução, ele pode separar-se dela sem temer que o comprador venha a exercer sobre ele, por intermédio da coisa, um poder maléfico. Aliás, é significativo que essa

326. Cf. Cranz, III, 3, § 22; Boas 1884-85: 577. 327. Sobre o que segue e se refere sobretudo à Groenlândia, ver Dalager 1752; Egede (menos preciso) 1741: 81; Cranz, III, 3, 25, de acordo com Dalager; Rink 1875: 10-ss, 22-ss. Os autores dinamarqueses parecem referir-se, todos, a uma codificação feita uma vez por Dalager, Egede e os Irmãos Morávios, na origem dos assentamentos europeus, Cranz, x, § 4, § 5, § 6 (cf. relatos de Neu Herrnhut, 1746, 1750); Cranz 1757, II: 88, 142. Nordenskiöld 1885: 500-ss, e Nansen op.cit.: 106, apenas reproduzem os dados dos outros autores dinamarqueses. 328. Em todo caso, ela leva vantagem em caso de divórcio, entre os Esquimós centrais e ocidentais. 329. Rink 1875: 30; Holm: 118, Nelson: 137. 330. Cranz, III, 3, § 25. 331. Não conhecemos exceção a essa regra em todos os autores que falaram dos Esquimós. Abstemo-nos, portanto, de dar referências. 332. Sobre as marcas de propriedade e sua extensão, ver Boas 1899: 602-ss; Hoffmann 1895: 720-ss. A extensão das marcas de propriedade ultrapassa com certeza o Mackenzie, Petitot 1884: 187. Boas afirma não conhecê-las na terra de Baffin nem no noroeste da baía de Hudson (ver, no entanto, 1901: 94). Mas, sem que seja necessário supor as marcas propriamente ditas, é certo que um direito de caça tão preciso como o direito esquimó (ver, adiante, p. 497) só poderia ser empregado se cada caçador tivesse o meio de provar que a arma era sua, cf. Dalager, in Cranz, III, 3, § 25. 333. Cf. Nelson: 323-ss (poder do totem). 334. Nelson: 438; cf. “Narrat. of a Lieut.,” Chappel 1817: 65. 335. Lyon 1824: 21, cf. *Narrative etc.*: 55.

identificação rigorosa da pessoa e da coisa seja restrita aos objetos de fabricação esquimó.³³⁶

O círculo dos bens que pertencem à família restrita é mais limitado. Ela não possui nenhum bem imóvel e é proprietária apenas de um pequeno número de objetos mobiliários. Mesmo a lâmpada é propriedade da mulher.³³⁷ O grupo só tem realmente de próprio a tenda, os cobertores e o trenó.³³⁸ A embarcação das mulheres, o *umiak*, em que é transportada a tenda e com o auxílio da qual se fazem as migrações de verão e a caça aos grandes cetáceos, é talvez da mesma ordem: mas é possível que pertença mais especialmente às famílias agrupadas no inverno.³³⁹ Em todo caso, parece claro que os móveis da família restrita relacionam-se exclusivamente à vida de verão, e à única parte da vida de verão que subsiste no inverno. Mas onde o direito da família revela-se de maneira incontestada é em tudo o que diz respeito aos objetos de consumo. O caçador leva para a tenda tudo o que caçou, por mais distante, por mais esfomeado que esteja.³⁴⁰ A maneira rigorosa como é observada essa regra moral causa a admiração dos europeus. O animal caçado e os produtos que dele se pode obter pertencem não ao caçador, mas à família, e não importa quem seja o caçador. Aliás, esse altruísmo notável contrasta estranhamente com a frieza e a indiferença para com os feridos e inválidos;³⁴¹ eles são abandonados tão logo se mostram incapazes de acompanhar a família em suas migrações.³⁴²

Completamente diferente é o direito de inverno. A esse egoísmo individual ou estritamente familiar opõe-se um amplo coletivismo.

Em primeiro lugar, aparece o regime comunitário dos bens imóveis. A casa coletiva não é propriedade de nenhuma das famílias que a habitam, é propriedade dos *housemates* reunidos. Ela é construída e reparada com despesas comuns.³⁴³ Parece haver inclusive apropriação coletiva do terreno.

No que se refere aos objetos de consumo, o coletivismo, em vez de restringir-se à família restrita como no verão, estende-se a toda a casa. Os produtos da caça são partilhados entre todos os habitantes.³⁴⁴ A economia

336. Anedota em Nansen op.cit.: 91. As raquetes (européias) não estão submetidas às regras ordinárias. 337. Enterrada com ela, cf. Boas 1884-85: 580. 338. Cf. Rink 1875: 30; Turner: 105; Boas 1884-85: 541. 339. Rink 1875: 28, 23. 340. Ex. em Hall 1864, I: 250. 341. Ver p. 447, n. 92. 342. Cf. contos in Boas 1901: 172, 202, 211, 230 etc. 343. Cranz, III, 3, 25; Rink: 10, 23; Holm: 83-ss; Boas 1884-85: 581-ss; Murdoch: 85; Petitot 1872: xxxi; Richardson 1861: 319; Porter (Woolfe): 137; Petroff: 125. 344. Holm: 87; id. 1893-94: 51; Cranz, loc.cit., cf. x, 7; >

especial da família restrita desaparece totalmente. Ela não tem o direito de fazer poupanças, nem sobre o que obtém na caça, nem sobre as porções que recebe, que beneficiem somente a ela. Os produtos armazenados, os butins congelados e trazidos de esconderijos distantes, pertencem a todos. Provisões anteriores e recentemente obtidas são partilhadas de acordo com as necessidades comuns.³⁴⁵

Mas o direito comunitário se afirma ainda mais no estabelecimento como um todo do que na casa coletiva. É aí que mais se acentua a oposição face aos direitos individuais e patriarcais do verão.

Antes de mais nada, há propriedade indivisa do solo ocupado pelo estabelecimento: ninguém, nem mesmo um aliado, pode se instalar sem uma aceitação tácita da comunidade.³⁴⁶ Evidentemente, o *kashim*, quando existe, é também um imóvel comum.³⁴⁷

Depois, o coletivismo de consumo é aqui ainda mais visível do que na casa coletiva. Em certas tribos, não apenas em momentos de escassez, mas o tempo inteiro, toda a caça é partilhada entre todos.³⁴⁸ A vida de inverno transcorre assim num perpétuo banquete em comum que os nativos oferecem uns aos outros.³⁴⁹ Sobretudo animais de certo porte, como morsas e pequenos cetáceos, sempre dão ensejo a um festim absolutamente geral, e sua repartição é feita da maneira mais igualitária. As baleias encalhadas ou capturadas são esquarterjadas em comum; convida-se todo o distrito;³⁵⁰ cada um pega o que puder e, curiosamente, na Groenlândia, os ferimentos infligidos a outrem nessa espécie de corrida ao butim não são considerados delituosos.³⁵¹

> Dalager, loc.cit.; Paul Egede 1788; Rink 1875: 27 (diz formalmente que é esse o regime do estabelecimento de inverno); Nansen op.cit.: 91-ss (reproduz Dalager, acrescentando alguns erros). No estreito de Smith, o comunismo parece ao mesmo tempo absoluto e restrito apenas aos *Bopladsfoeller*, cf. anedota em Rasmussen op.cit.: 81; Nordenskiöld 1885: 503; Boas 1884-85: 577; Hall 1864, II: 290; Porter: 103, 137, 141 etc. (Nelson e Murdoch nada nos informam a esse respeito.). 345. Hansêrak 1901: 51; Rink 1875: 26, 27-ss. 346. Id. ibid.: 26; cf. Dalager, loc.cit.; Cranz, II, 3, § 5; Egede 1741: 91; Boas 1884-85: 587 (restrito ao caso de estrangeiro). 347. Nelson diz inclusive (p. 285) que a construção do *kashim* pode ser feita por vários ramos associados da mesma tribo, e que isso reforça seus sentimentos de amizade. Simpson 1875: 259, diz que os *kashim* seriam propriedade de indivíduos particulares (cf. Parry: 360). Murdoch diz que não é assim: 427. 348. Boas 1884-85: 577; Hall 1879: 226; Klutschak: 234. 349. Cf. em Rasmussen a história do esquimó da terra de Baffin que diz que seu grupo introduziu na tribo do estreito de Smith um rito de comunhão da passagem do osso em roda (1905: 32); Hall 1864, I: 170, II, 120; Id. 1879: 226; Lyon 1824: 125, 127. 350. Rink 1875: 28; ou melhor, todas as pessoas do distrito vêm espontaneamente, cf. Dalager 1752; (ponta Barrow), Murdoch: 438. 351. Rink 1875: 29. Não queremos dizer que essa >

No que se refere aos objetos mobiliários, o direito que indivíduos ou famílias têm sobre eles apaga-se muito facilmente diante de uma espécie de direito latente e difuso da comunidade. Quando um objeto é emprestado, há obrigação moral de restituí-lo; mas ele não pode ser reclamado.³⁵² A restituição deve ser espontânea; e, se esse objeto for perdido, ainda que por culpa de quem tomou emprestado, não há necessidade de substituí-lo.³⁵³ Nessas condições, compreende-se que o roubo seja raro; ele é quase impossível.

Além disso, sobretudo no Labrador, na Groenlândia e nas regiões centrais, é uma regra geral que uma família não deve possuir mais que uma quantidade limitada de riquezas.³⁵⁴ Em toda a Groenlândia, quando os recursos de uma casa ultrapassam o nível considerado como normal, os ricos devem obrigatoriamente emprestar aos pobres. Rink nos diz que os membros de um estabelecimento zelam cuidadosamente para que ninguém possua mais que os outros;³⁵⁵ quando isso acontece, o excedente, fixado arbitrariamente, retorna aos que têm menos. Esse horror à *pleonexia* é também muito desenvolvido nas regiões centrais.³⁵⁶ Ele é marcado de maneira especial por trocas rituais de presentes, por ocasião das festas de Sedna;³⁵⁷ presentes aos homônimos dos antepassados mortos,³⁵⁸ distribuição às crianças,³⁵⁹ aos visitantes etc.³⁶⁰ A combinação desse rito com os costumes indígenas do noroeste resulta, nas tribos alasquianas, em uma instituição, certamente não idêntica, mas análoga ao *potlatch*³⁶¹ das tribos indígenas. A maioria das aldeias dessa região possui espécies de chefes,³⁶² cuja autoridade, aliás, é mal definida, e, em todo caso, um certo número de homens ricos e influentes. Mas a comunidade zela pelo poder deles; e o chefe só permanece chefe, ou melhor, o rico só permanece rico com a condição de distribuir periodicamente seus bens. Somente a benevolência do grupo lhe permite essa acumulação, e

> caça à baleia se pratique no inverno, nem que os encalhes de baleias mortas ocorram nessa estação do ano: pensamos simplesmente que esse direito deve ser aproximado do direito da comunidade reunida relativamente aos cetáceos menores, que aí então se verifica sobretudo no inverno. 352. Rink 1875: 29 (reproduz Cranz e Dalager, loc.cit.). 353. Rink, *ibid.*, cf. Nelson: 294. 354. Rink 1875: 30 (Labrador); ver Stearns, *The Labrador*: 256; (Esquimós do centro) Parry: 530; Lyon 1824: 302, 348-49 (há um ligeiro erro na observação, mas a afirmação de que a inveja é a preocupação da comunidade é muito pertinente). 355. Cf. Rink 1875: 27; conto de Kunuk etc. 356. Boas 1884-85. 357. Loc.cit., mais acima, p. 477-ss. 358. Loc.cit., p. 476, n. 233 e 234, p. 489, n. 309 e 310; sobretudo Wrangell, *Stat. Ergeb.*: 132; Porter: 138, 141. 359. Boas 1884-85: 605; 1901: 184. 360. Cf. mais adiante, p. 123. /? / 361. A aproximação foi feita, Porter (Weber), *Alaska*: 106; Wells & Kelly 1890: 28. 362. Nelson: 303-ss.

é pela dissipação que ele a conquista. Assim, alternadamente, ele usufrui de sua fortuna e a expia; e a expiação é condição do usufruto. Nelson fala-nos inclusive de chefes que foram assassinados porque eram demasiado ricos.³⁶³ Aliás, a essas trocas, a essa redistribuição é atribuída uma eficácia mística: elas são necessárias para que a caça seja proveitosa; sem generosidade, não há sucesso.³⁶⁴ Esse comunismo econômico do inverno é notavelmente paralelo ao comunismo sexual da mesma estação e mostra, uma vez mais, a que grau de unidade moral chega, nesse momento, a comunidade esquimó.

4. REAÇÃO DE UM REGIME JURÍDICO SOBRE O OUTRO

Mas, por mais opostos que sejam esses dois regimes morais e jurídicos, eles não deixam de se afetar mutuamente, pelo simples fato de se sucederem no seio de uma mesma sociedade e de serem os mesmos homens que deles participam. O esquimó não pode desfazer-se totalmente, durante o inverno, dos hábitos, das maneiras de ver e de agir aos quais se acostumou durante o verão, e reciprocamente. Portanto, é muito natural que algo dos costumes e das instituições de uma estação do ano passe para a outra.

Assim, a família restrita do verão não é completamente abolida na casa coletiva. As diversas famílias ali aglomeradas conservam uma parte de sua individualidade. A casa é comum a todos, mas cada família ocupa um lugar distinto: na casa groenlandesa, elas se separam umas das outras por divisórias;³⁶⁵ na casa ocidental, cada uma tem seu compartimento;³⁶⁶ na casa de neve dos Esquimós centrais, cada uma ocupa um lado do iglu ou tem seu pequeno iglu especial;³⁶⁷ cada uma tem sua lâmpada, em cuja chama são cozidos os alimentos; cada uma é livre para abandonar ou juntar-se às outras nas épocas em que os Esquimós deixam ou retomam suas habitações de inverno.³⁶⁸

363. Id. *ibid.*: 305; cf. Jacobsen 1886: 281. 364. Hall (1864, 11: 320) diz formalmente (e isso talvez explicaria melhor que qualquer hipótese o próprio *potlatch*): "A troca de presentes tem por efeito produzir a abundância de riquezas." 365. Ver mais acima, p. 451, n. 108, e p. 452, n. 109. É dito formalmente por todos os autores que a independência de cada família é absoluta. 366. Cf. mais acima, *ibid.* e pp. 452-55. 367. Cf. p. 455, n. 125 e 126, e p. 457, n. 138 e 139; sobre a relação interior das famílias, ver Parry: 534; Lyon 1824: 351. 368. *Contra*, Cranz, 111, 3, § 25, diz que a entrada na casa de inverno ocorre sempre simultaneamente.

Uma outra instituição que certamente tem a mesma origem é a da adoção.³⁶⁹ Os Esquimós são um dos povos em que a prática da adoção foi levada mais longe;³⁷⁰ ora, ela não seria nem possível, nem útil, se a indivisão do inverno persistisse o ano todo. Com efeito, por um lado, as crianças órfãs, em sua qualidade de membros da grande família igualitária, seriam educadas pela comunidade inteira, quando, ao contrário, os textos e os contos,³⁷¹ em todas as regiões esquimós, são unânimes em nos descrever a triste situação do órfão. Por outro lado, pela mesma razão, se a família restrita não substituísse periodicamente a família ampla, não haveria nenhum motivo para que as pessoas casadas sem filhos se preocupassem com seu futuro, tanto material³⁷² quanto moral; não sentiriam então nenhuma necessidade de adotar um jovem parente ou um estrangeiro para assegurar sua existência nos dias da velhice e, mais tarde, o culto de sua alma.³⁷³

Inversamente, a família de inverno reage sobre a família de verão, e a moral de uma sobre a moral da outra. Na casa coletiva, o esquimó vive nu; vive nu também em sua tenda, embora ali faça frio, e nela todo pudor é igualmente desconhecido.³⁷⁴ Apesar do individualismo e do isolamento da família de verão, um direito de hospitalidade muito amplo é praticado;³⁷⁵ lembrança, sem dúvida, da vida coletiva intensa do inverno. Em alguns casos, o hóspede é convidado inclusive a partilhar o leito familiar.³⁷⁶ Aliás, esse direito parece pertencer de maneira mais especial aos parentes da casa de inverno ou aos companheiros do estabelecimento.

Reações do mesmo gênero se observam no que diz respeito ao direito de propriedade. Já tivemos a ocasião de assinalar que, no interior da casa coletiva, cada família permanece proprietária de sua lâmpada,

369. Sobre a adoção em geral, ver Steinmetz 1891; ele assinala o fato esquimó. 370. Lyon 1824: 303, Peck op.cit.: 55. Com base nas listas de Hansérak, dadas em Holm: 183, evidencia-se que a maior parte das famílias integrou um ou dois elementos estrangeiros, pelo menos. 371. (Groenlândia) Rink 1875, n. 7 etc.; Holm, Sagn og Fortaellinger etc., in *Medd.*, X, n. 4; Rasmussen 1905: 226; (Labrador) Turner: 265; (Esquimós centrais) Boas 1884-85: 602 etc.; 1901: 309 etc.; Petitot 1886: 8; (Alaska) Nelson: 510 etc. 372. De fato, a ausência de *provider* tem um efeito considerável na vida das pessoas idosas, que podem pedir alimento a seus filhos enquanto puderem acompanhá-los. 373. Cf. mais acima, p. 483, n. 263; Cranz, III, 4, § 28, parece indicar que esse fenômeno é que levou, na Groenlândia, à prática da adoção. 374. Ex. in Hall 1864, II: 214, 219. 375. Dalager 1752: 96; Egede 1741: 88; Cranz, III, 3, § 25, III, 4, § 41; Lyon 1824: 349; Hanbury 1904: 42 (oferta de mulheres); Petitot 1884: 142. 376. Cf. mais acima, p. 488, sobre as trocas permanentes de mulher; cf. Schanz, in Porter: 103, sobre os resultados dessas trocas.

de seus cobertores, o mesmo valendo para as armas e as roupas de cada indivíduo. Além disso, a ordem em que se repartem os frutos da caça entre os habitantes da casa conserva às vezes a marca do direito individualista do verão. Aqui,³⁷⁷ é o próprio caçador que procede à repartição, mas ele parece convidar cortesmente os companheiros a fazê-lo em vez de impor-lhes sua decisão. Noutros lugares,³⁷⁸ o proprietário do animal caçado ou a ordem de repartição são determinados por um regulamento que marca uma espécie de compromisso entre os dois direitos em conflito: por exemplo, é o arpoador que deu o último ou o único golpe que tem direito à cabeça da foca; depois vêm os outros caçadores, e por fim os parentes. Noutros lugares, ao contrário, não existe nenhuma limitação ao direito absoluto dos *housemates* sobre o butim etc.

O que essas reações demonstram é que, em muitos pontos, as semelhanças que os dois regimes apresentam se devem a uma certa sobrevivência de um no outro. Sem essas repercussões, a oposição entre as duas estações seria mais contrastada, e tudo se passa como se o que há de individualista na civilização esquimó viesse do verão, tudo o que há de comunista, do inverno.

Mas, não importa o que se deva pensar da importância relativa dessas diferenças extremas e dessas influências mútuas, o fato é que o direito esquimó, em sua totalidade, corresponde à dupla morfologia social esquimó, e corresponde somente a ela.

5. Conclusão

A vida social dos Esquimós apresenta-se a nós, portanto, sob duas formas nitidamente oponíveis, e paralelas em sua dupla morfologia. Certamente, entre uma e outra há transições: não é sempre de forma abrupta que o grupo entra em seu abrigo de inverno, ou sai dele; do mesmo modo, nem sempre é de uma única família que se compõe o pequeno acampamento de verão. Mesmo assim, de uma maneira geral, os homens têm duas formas de se agrupar, e a essas duas formas de agrupamento correspondem dois sistemas jurídicos, duas morais, duas espécies de economia doméstica e de vida religiosa. A uma comunhão real de

377. Regiões centrais, orientais e ocidentais, mais acima, p. 491 e notas; ver Boas 1901: 116, cf. p. 211, n. num conto. 378. Groenlândia, textos citados mais acima, p. 492, n. 332.

idéias e de interesses na densa aglomeração de inverno, a uma forte unidade mental religiosa e moral, opõem-se um isolamento, uma dispersão social, uma extrema pobreza moral e religiosa no espalhamento de verão.

Percebe-se que as diferenças qualitativas que separam essas duas civilizações sucessivas e alternantes devem-se sobretudo a diferenças quantitativas na intensidade muito desigual da vida social nesses dois momentos do ano. O inverno é um período em que a sociedade, fortemente concentrada, encontra-se num estado crônico de efervescência e de superatividade.³⁷⁹ Como os indivíduos estão mais intimamente próximos uns dos outros, as ações e as reações sociais são mais numerosas, mais freqüentes, mais contínuas; trocam-se idéias, sentimentos se intensificam e se reforçam mutuamente; o grupo, sempre em ato, sempre presente aos olhos de todos, tem mais o sentimento de si mesmo e assim ocupa um lugar maior na consciência dos indivíduos. Inversamente, no verão, os laços sociais se afrouxam, as relações se fazem mais raras, os indivíduos entre os quais elas se estabelecem são menos numerosos; a vida psíquica diminui seu ritmo.³⁸⁰ Há, em suma, entre esses dois momentos do ano, toda a diferença que pode haver entre um período de socialidade intensa e uma fase de socialidade frouxa e enfraquecida. Eis o que prova finalmente que a casa coletiva de inverno não se explica apenas por razões técnicas. Trata-se evidentemente de um dos elementos essenciais da civilização esquimó que aparece quando essa civilização atinge seu máximo de desenvolvimento, realiza-se tão integralmente quanto possível, e que desaparece quando ela se enfraquece,³⁸¹ dependendo portanto de toda essa civilização.

A vida social dos Esquimós submete-se assim a uma espécie de ritmo regular. Ela não é, nas diferentes estações do ano, igual a si mesma. Tem um momento de apogeu e um momento de hipogeu. Ora, se essa curiosa alternância aparece de maneira tão manifesta entre os Esquimós, ela não é exclusiva deles. O fato que acabamos de observar tem uma generalidade que não se suspeita à primeira vista.

Entre os índios da América, por exemplo, há um grupo importante de sociedades, aliás consideráveis, que vivem do mesmo modo. São, pri-

379. Ver conto in Boas 1901: 225, todas as noites se passam no *kashim*. 380. A diferença é indicada em Carstensen s/d.: 127. 381. Rink 1875: 80. O aumento do número de casas é considerado por Ryberg (loc.cit. mais acima, p. 441, n. 3 da tabela) como um progresso no caminho europeu.

meiramente, as tribos onde reina a civilização dita do Noroeste:³⁸² Tlingit, Haida, Kwakiutl, Aht, Nootka, e mesmo um grande número de tribos californianas, Hupa,³⁸³ Wintu etc. Em todos esses povos, verifica-se igualmente uma extrema concentração no inverno e uma extrema dispersão no verão, embora não haja nessa dupla organização condições técnicas ou biológicas realmente imperiosas; e a essa dupla morfologia correspondem com muita frequência dois regimes sociais. É especialmente o caso dos Kwakiutl,³⁸⁴ no inverno, o clã desaparece e dá lugar a agrupamentos bem diferentes, as sociedades secretas ou, mais exatamente, as confrarias religiosas em que todos os nobres e homens livres são hierarquizados; a vida religiosa concentra-se no inverno, a vida profana no verão, como entre os Esquimós. Os Kwakiutl têm inclusive uma fórmula muito feliz para exprimir essa oposição.³⁸⁵ “No verão, eles dizem, o sagrado está embaixo, o profano em cima; no inverno, o sagrado está em cima, o profano embaixo.” Os Hupa apresentam variações análogas e que, provavelmente, foram mais fortes outrora do que hoje. Muitas sociedades do grupo atapascano têm o mesmo caráter que encontramos, em suma, desde as tribos do extremo norte, Ingalik e Chilotin, até os Navaho do planalto mexicano.³⁸⁶

Mas as sociedades americanas não são as únicas que se enquadram nesse tipo. Nos climas temperados ou extremos, onde a influência das estações do ano é realmente sensível, são inúmeros os fenômenos que poderiam ser ligados aos que estudamos. Citaremos dois deles que são particularmente impressionantes. São, primeiramente, as migrações de verão das populações pastoris nas montanhas da Europa (migrações que chegam quase a privar as aldeias de sua população masculina).³⁸⁷ A seguir, o fenômeno quase inverso que regulava a vida do monge budista na Índia,³⁸⁸ e que regula ainda a do asceta errante, agora que o *sâmgha* búdico não conta mais com adeptos nesse país: na estação das chuvas, o monge mendicante interrompe sua itinerância vagabunda e retorna ao mosteiro.

382. Ver, em geral, Niblack 1888, cap. II. 383. Ver mais adiante, C. R., p. 202. /?/ 384. Boas 1895b; cf. C. R., Durkheim, *A.S.*, v. I: 336. 385. Boas *ibid.*: 419. 386. Cosmos Mindeleff, *17th Annual Report* (cf. C. R., *A.S.*, v. 7: 663). 387. Para um estudo das migrações sazonais dos Valaques, ver De Martonne 1903: 107. 388. *Mahāvagga*, III, 1-ss. Ver Oldenberg 1904: 360; *Vinaya texts* (Sacred Books of the East, v. XIII): 298-ss; Kern 1899, II: 5, 42, e os textos citados, *Manual of Buddhism, Grundriss der Indo-Arischen Philologie* (1899: 42).

Aliás, basta observar o que se passa ao redor de nós, em nossas sociedades ocidentais, para verificar as mesmas oscilações. Aproximadamente a partir do mês de julho [no hemisfério norte], em consequência da dispersão estival, a vida urbana entra num período de esmorecimento contínuo de *férias*, que tem seu término no final do outono. Nesse momento, ela tende a se intensificar, crescendo regularmente até junho para então diminuir de novo. A vida rural tem um ritmo inverso. No inverno, o campo está mergulhado numa espécie de torpor; em certos locais, migrações sazonais rarefazem nesse momento a população; em todo caso, cada pequeno grupo, familiar ou territorial, vive fechado em si; faltam ocasiões e meios de reunião; é a época da dispersão. No verão, ao contrário, tudo se reanima; os trabalhadores retornam aos campos, vive-se ao ar livre, em contato constante uns com os outros. É o momento das festas, dos grandes trabalhos e das grandes orgias. Os dados estatísticos não deixam de traduzir essas variações regulares da vida social. Os suicídios, produto urbano, crescem do final do outono até junho; os homicídios, produto rural, aumentam, ao contrário, do começo da primavera até o fim do verão, para diminuir em seguida.

Tudo faz supor, portanto, que estamos aqui em presença de uma lei que provavelmente é de uma grande generalidade. A vida social não se mantém no mesmo nível nos diferentes momentos do ano, mas passa por fases sucessivas e regulares de intensidade crescente e decrescente, de repouso e de atividade, de dispêndio e de reparação. Dir-se-ia que ela causa aos organismos e às consciências dos indivíduos uma violência que eles só podem suportar durante um certo tempo, e que chega um momento em que eles são obrigados a atenuá-la e a subtrair-se a ela em parte. Daí esse ritmo de dispersão e de concentração; de vida individual e de vida coletiva, cujos exemplos acabamos de observar. Chegamos mesmo a nos perguntar se as influências propriamente sazonais não seriam sobretudo causas ocasionais que marcam o momento do ano em que cada uma dessas duas fases pode situar-se da maneira mais oportuna, em vez de causas determinantes e imperiosas do mecanismo como um todo. Depois das longas orgias de vida coletiva que ocupam seu inverno, o esquimó tem necessidade de viver uma vida mais individual; depois dos longos meses passados em vida comum, em festas e cerimônias religiosas, ele deve ter a necessidade de uma existência profana; e sabemos, de fato, que ele se sente feliz com a mudança que parece responder, portanto, a uma espécie de necessidade

natural.³⁸⁹ Certamente as razões técnicas que expusemos explicam em que ordem esses dois movimentos alternados se sucedem no ano; mas, se essas razões não existissem, pode ser que a alternância ocorresse, ainda que de forma diferente. Um fato tenderia a nos confirmar nessa maneira de ver: quando, sob a influência de certas circunstâncias (grandes pescas à baleia, grandes mercados), os Esquimós do estreito de Behring e da ponta Barrow foram levados a se aproximar no verão, o *kashim* reapareceu, temporário.³⁹⁰ Ora, com ele retornam as cerimônias, e as danças alegres, e os banquetes, e as trocas públicas que ele geralmente contém. É que as estações do ano não são a causa imediatamente determinante dos fenômenos que elas condicionam; sua ação ocorre sobre a densidade social que regulam.

O que as condições climáticas da vida esquimó podem explicar é somente o contraste marcado entre as duas fases, a nitidez de sua oposição; disso resulta que, nesse povo, o fenômeno é mais facilmente observável; ele salta aos olhos, por assim dizer; mas é muito provável que ele se verifique noutros lugares. De resto, se esse grande ritmo sazonal é o mais aparente, pode-se supor que não é o único, que há outros cujas oscilações têm uma menor amplitude no interior de cada estação, de cada mês, de cada semana, de cada dia.³⁹¹ Cada função social tem provavelmente seu ritmo próprio. Sem pensarmos um só instante em apresentar essas conjeturas como verdades estabelecidas, acreditamos, porém, que elas valem o esforço de ser enunciadas;³⁹² pois há grandes chances de que pesquisas feitas para comprová-las não sejam infecundas.

Mas, seja qual for o interesse dessa observação, uma outra conclusão geral resultante deste trabalho merece também chamar a atenção.

Foi afirmado como uma regra de método que a vida social, sob todas as suas formas, moral, religiosa, jurídica etc., depende de seu substrato material, que ela varia com esse substrato, isto é, com a massa,

389. Cf. o conto em que uma mulher se alegria por deixar o estabelecimento, queixando-se de ter recebido visitantes demais, Rink 1875: 189, e observar a felicidade de Jacobsen ao escapar da agitação perpétua de uma casa de inverno esquimó, 1886: 241. 390. Porter (Woolfe), *Rep. Alaska*: 137 (tribo de Icy Cape, em ponta Kay); Murdoch: 80 (acampamento de Imekpun, 1883). 391. Ver alguns fatos nesse sentido em Durkheim 1897: 100-02. 392. Hubert chegou recentemente, a propósito da idéia de tempo, à hipótese de um ritmo da vida coletiva que explicaria a formação do calendário. *L'Idée de temps dans la religion et la magie* (1905).

a densidade, a forma e a composição dos agrupamentos humanos.³⁹³ Até o presente, essa hipótese não deixou de ser verificada em alguns casos importantes. Pôde-se mostrar, por exemplo, como a evolução respectiva do direito penal e do direito civil dependia do tipo morfológico das sociedades;³⁹⁴ como as crenças individualistas se desenvolviam ou se enfraqueciam conforme o grau de integração ou de desintegração dos grupos familiares, confessionais, políticos;³⁹⁵ como a mentalidade das tribos inferiores reflete diretamente sua constituição anatômica.³⁹⁶ Mas as observações e as comparações nas quais se apoiavam essas diferentes leis deixavam sempre lugar a dúvidas que se estendiam, com mais forte razão, ao princípio geral que enunciamos em primeiro lugar. Pois, simultaneamente com as variações de ordem morfológica, muitas outras podiam se produzir, à revelia dos observadores, e das quais dependiam talvez os fenômenos estudados. Ao contrário, as sociedades esquimós nos oferecem o exemplo raro de uma experiência que Bacon teria chamado crucial. Entre eles, de fato, no momento preciso em que a forma do agrupamento muda, vemos a religião, o direito e a moral transformarem-se do mesmo modo. E essa experiência, que tem a mesma clareza, a mesma precisão como se tivesse sido feita em laboratório, repete-se todos os anos com uma absoluta invariabilidade. Pode-se portanto dizer, doravante, que há aqui uma proposição sociológica relativamente demonstrada; e assim o presente trabalho terá pelo menos o proveito metodológico de ter indicado como a análise de um caso definido, melhor que observações acumuladas ou deduções intermináveis, basta para provar uma lei de uma extrema generalidade.³⁹⁷

393. Ver Durkheim 1895: 137-ss. 394. Ver Durkheim 1893. 395. Durkheim 1897, liv. II, cap. 2-4. 396. Durkheim & Mauss 1901-02. 397. Como a redação e a correção das provas deste trabalho se devem em sua maior parte ao sr. Mauss, o sr. Beuchat não tem nenhuma responsabilidade pelos erros que ele possa conter.

Tabela 1. Distrito de Kuskokwim¹

ALDEIAS OU ASSENTAMENTOS	POPULAÇÃO			ALDEIAS OU ASSENTAMENTOS	POPULAÇÃO			ALDEIAS OU ASSENTAMENTOS	POPULAÇÃO		
	POPULAÇÃO	CASAS	FAMILIAS		POPULAÇÃO	CASAS	FAMILIAS		POPULAÇÃO	CASAS	FAMILIAS
Aguliagamiut	94	7	15	Ingeramiut	1773	134	355	Mumtrekhtagamiut	3926	291	795
Agurnak	41	6	8	Kalukhtugamiut	35	3	9	Napaimiut	33	4	6
Ahgomekhelangamiut	15	1	3	Kahmiut	29	2	5	Napaskeagamiut	23	2	6
Ahgulakhpagamiut	19	2	4	Kaihwagamiut	40	3	8	Noh-Chamiut	97	5	12
Ahguliagamiut	19	2	4	Kaitkagamiut	157	7	30	Novokhtolamiut	28	6	6
Ahpokagamiut	106	6	22	Kanagamiut	29	3	8	Novokhtolamiut	55	3	11
Ahguenach- Kluhwagamiut	210	11	44	Kanagamiut	35	3	8	Nunachanagamiut	135	9	30
Akiagamiut	6	1	1	Kanagamiut	41	3	7	Nunavoknak-chlugumiut	107	5	21
Akiachagamiut	97	7	20	Kashufnamiut	232	20	49	Oh-hagamiut	36	4	9
Annovkhamiut	43	5	8	Kaviagamiut	59	4	11	Queakhpagamiut	75	4	12
Apahchamiut	15	1	2	Kenagamiut	257	10	54	Quelelochamiut	112	6	20
Asklnagamiut	91	7	18	Kennachananagamiut	181	8	29	Quiechlochamiut	83	7	16
Atchalugumiut	138	14	33	Kikikitagamiut	119	11	25	Quiechlochagamiut	65	6	17
Bethel	39	6	9	Kinegnagamiut	92	7	19	Quilochugamiut	12	2	2
Chalitmuit	20	4	6	Kinegnagamiut	76	6	17	Quinhagamiut	109	6	20
Chechinamiut	358	17	58	Kl-changamiut	49	3	9	Shinyagamiut	7	1	2
Chimingyangamiut	84	7	16	Klutagmiut	21	2	6	Shovenagamiut	62	4	14
Chokfoktoleghagamiut	40	2	7	Kochlogtoggpagamiut	20	2	3	Tefaknagamiut	195	10	33
Chuligmiut	18	2	4	Koolmakovsky	26	4	6	Tiengagamiut	60	4	13
Chuligmiut supérieur	32	3	7	Koot	117	8	22	Tulukagnagamiut	17	2	6
Dununuk	30	2	7	Assent. do rio Koot	74	6	16	Tulukagamiut	62	4	14
East Point nº1	48	5	15	Kuskokhagamiut	115	7	23	Tunagamiut	71	5	14
— nº2	36	3	9	Kwichampingagamiut	25	6	6	Ugavigamiut	57	7	16
Ekaluhtalugumiut	41	3	8	Kwigamiut	43	6	9	Ugokhamiut	68	6	14
Etohlugamiut	24	2	7	Lagoon, no 1	30	3	7	Ulokagamiut	27	7	7
Gilakhamiut	25	5	6	— no 2	36	4	8	Vinihsale	140	23	28
Ighiakchagamiut	22	1	3	Lomavigamiut	53	5	13	Woklichogamiut	19	1	4
	81	4	15	Mumtrahamiut	162	11	33				
>	1773	134	355	>	3926	291	795	Total	5681	434	1148

1. Porter, *Rep. Alaska*, p. 164, tabela 6. Sobre a natureza gregária dos Esquimós dessa região, onde eles são menos gregários, ver *ibid.*, p. 174. O número médio de 2,65 famílias por casa é muito baixo se forem suprimidos: Vinihsale, aldeia Ingalik; Bethel, a Missão; Kolmakovsky, a feitoria e uma casa de verão, e os assentamentos cujos nomes estão em *itálico*, que certamente não são esquimós.

Tabela 2. Idade e estado civil dos habitantes do distrito de Kuskokwim²

IDADES	POPULAÇÃO			SOLTEIROS			CASADOS			VIÚVOS		
	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES
Menos de 1 ano	84	48	36	84	48	36	-	-	-	-	-	-
1 a 4 anos	739	380	359	739	380	359	-	-	-	-	-	-
5 a 9 —	651	323	328	651	323	328	-	-	-	-	-	-
10 a 14 —	535	278	257	532	278	254	2	-	2	1	-	1
15 a 19 —	727	301	426	498	296	202	217	5	212	12	-	12
20 a 24 —	703	358	345	228	176	52	429	175	254	46	7	39
25 a 29 —	564	322	242	60	47	13	424	233	171	80	22	58
30 a 34 —	404	207	197	12	11	1	319	177	142	73	19	54
35 a 39 —	316	160	156	-	-	-	223	134	89	93	26	67
40 a 44 —	246	103	143	1	-	1	171	78	93	74	25	49
45 a 49 —	246	131	115	2	2	-	151	94	57	93	35	58
50 a 54 —	163	81	82	-	-	-	88	55	33	75	26	49
55 a 59 —	107	56	51	-	-	-	59	37	22	48	19	29
60 a 64 —	105	57	48	-	-	-	53	42	11	52	15	37
65 a 69 —	20	10	10	-	-	-	12	8	4	8	2	6
70 a 74 —	7	3	4	-	-	-	3	2	1	4	1	3
75 a 79 —	10	6	4	-	-	-	6	4	2	4	2	2
80 a 84 —	8	4	4	-	-	-	3	3	-	5	1	4
85 a 89 —	4	2	2	-	-	-	-	-	-	4	2	2
90 a 94 —	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
95 a 99 —	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
100 a 104 —	1	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Total	5640	2830	2810	2807	1561	1246	2160	1067	1093	673	202	471

2. Porter, *Rep. Alaska*, p. 175. Um certo número de dados, por exemplo o de uma mulher de 100 anos, são ao mesmo tempo inverificáveis e inverossímeis. Por outro lado, Porter não distinguiu entre índios e esquimós; pode-se corrigi-lo recorrendo a dados de Petroff, *Rep. Alaska*, pp. 13-15.